

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA  
NÍVEL MESTRADO**

**ANA PAULA MORAES DOS PASSOS DE OLIVEIRA**

**A VARIAÇÃO ENTRE OS PRONOMES DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL *NÓS*  
E A *GENTE* NUMA AMOSTRA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL GAÚCHA**

**SÃO LEOPOLDO**

**2017**

Ana Paula Moraes dos Passos de Oliveira

A VARIAÇÃO ENTRE OS PRONOMES DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL *NÓS* E A  
*GENTE* NUMA AMOSTRA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL GAÚCHA

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre em  
Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-  
Graduação em Linguística Aplicada da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS

Orientador (a): Prof (a). Dr. (a) Ana Maria Stahl Zilles

São Leopoldo

2017

O48v

Oliveira, Ana Paula Moraes dos Passos de.

A variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural nós e a gente numa amostra da literatura infantojuvenil gaúcha /Ana Paula Moraes dos Passos de Oliveira. – 2017.

118 f. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, 2017.

“Orientador(a): Prof(a). Dr. (a) Ana Maria Stahl Zilles.”

1. Língua portuguesa – Pronomes. 2. Literatura infantojuvenil brasileira – Rio Grande do Sul. 3. Língua portuguesa – Gramaticalização. 4. Sociolinguística. I. Título.

CDU 81'27

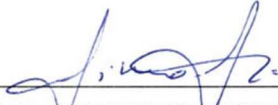
ANA PAULA MORAES DOS PASSOS DE OLIVEIRA

"A VARIAÇÃO ENTRE OS PRONOMES DE PRIMEIRA PESSOA DO PLURAL  
NÓS E A GENTE NUMA AMOSTRA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL  
GAÚCHA"

Dissertação apresentada como requisito  
parcial para obtenção do título de  
Mestre, pelo Programa de Pós-  
Graduação em Linguística Aplicada da  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -  
UNISINOS.

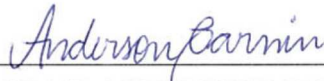
APROVADA EM 23 DE FEVEREIRO DE 2017

BANCA EXAMINADORA



---

PROFA. DRA. SIMONE MENDONÇA SOARES - UFSM



---

PROF. DR. ANDERSON CARNIN - UNISINOS

ORIENTADORA



---

PROFA. DRA. ANA MARIA STAHL ZILLES - UNISINOS

## AGRADECIMENTOS

À professora Ana Maria Stahl Zilles, minha orientadora, pelo empenho e dedicação na elaboração deste trabalho.

Ao professor Luís Amaral, professor da Universidade Federal de Pelotas, pela colaboração importante na geração dos dados no Programa Estatístico VARBRUL.

Ao professor Antônio Marcos Vieira Sanseverino, pelas indicações de leituras e sugestões relativas à literatura.

Ao doutorando em Linguística Aplicada César Augusto González, pela leitura cuidadosa do meu texto e pelas sugestões valiosas.

À CAPES, pelo suporte financeiro durante todo o curso, à Coordenação e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos, por me proporcionarem voos nunca antes imaginados; e aos colegas, pelos momentos de crescimento e descontração.

Aos meus pais, as pessoas mais importantes da minha vida, pelo apoio e incentivo durante os dois anos dedicados ao mestrado.

Aos meus irmãos Carlos Adriano e Rafael, a quem dispenso um amor maternal.

Ao Eduardo, meu marido, por compreender as minhas ausências durante este percurso.

À minha sobrinha Gabriela, minha pequena que amo demais.

À minha avó Eloi, que partiu deste plano, mas será sempre o meu exemplo de força e garra.

À Fabiana Betat, minha eterna amiga, pelo carinho e amizade durante mais esta trajetória.

À Lizelia Moraes Correa e à Tatiane Rego de Léon Silveira, pela calorosa acolhida na 27ª Coordenadoria Regional de Educação e, sobretudo, pela força neste momento tão importante da minha vida.

Por fim, agradeço a Deus por me permitir realizar mais este sonho.

## RESUMO

A distância entre o uso do pronome inovador *a gente* na língua falada e o emprego do mesmo na escrita é amplamente reconhecida. Há várias pesquisas voltadas para o uso de *a gente* na língua falada, porém, na escrita, o pronome em questão ainda tem sido pouco investigado, particularmente, sob uma perspectiva sociolinguística. Por esse motivo, o presente trabalho visa esclarecer o caminho de entrada do pronome inovador *a gente* na língua escrita, neste caso, através da produção literária destinada ao público infantojuvenil gaúcho. Dessa forma, pretendo mostrar se houve crescimento do pronome de primeira pessoa do plural *a gente*, ao longo das décadas de 70, 80 e 90, nos textos de literatura infantojuvenil produzidos no Estado do Rio Grande do Sul. Quanto aos escritores dedicados ao público já referido, ao todo, consultamos dez autores, a saber: Charles Kiefer, Cláudio Levitan, Diana Noronha, Jane Tutikian, Luís Dill, Lygia Bojunga Nunes, Marcelo Carneiro da Cunha, Moacyr Scliar, Sérgio Caparelli e Walmir Ayala. Dentre as várias metodologias de pesquisa possíveis para a análise e geração de dados, adotei, desde o início da pesquisa, o método de quantificação dos dados por possibilitar a comparação entre o novo pronome *a gente* e o pronome canônico *nós* no âmbito das variáveis linguísticas e sociais selecionadas para esta pesquisa. Somente assim será possível demonstrar se houve crescimento no que tange ao uso do novo pronome. Além disso, valho-me de trechos das obras consultadas a fim de servirem de exemplos dos casos evidenciados neste estudo. A análise está apoiada na Teoria da Variação e Mudança Linguística de Labov (1972) e leva em consideração a influência de fatores linguísticos e extralinguísticos no condicionamento das formas em variação. Os resultados gerais apontam para um uso efetivo do novo pronome *a gente* na literatura infantojuvenil gaúcha, como podemos constatar por meio dos resultados obtidos nas rodadas que foram realizadas com o auxílio do Programa Estatístico Varbrul. Verificamos os seguintes contextos linguísticos e extralinguísticos como sendo favorecedores para o uso de *a gente* na escrita das narrativas: (i) profissão do personagem, (ii) idade do personagem, (iii) tipo de narrador, (iv) classe social do personagem e (v) paralelismo formal. Esse quadro aponta que a mudança que introduz a forma inovadora no sistema pronominal encontra-se em um estágio muito avançado de gramaticalização na amostra de autores da literatura infantojuvenil gaúcha devidos aos altos percentuais e pesos relativos encontrados neste estudo. Por fim, os principais autores que contribuíram para a realização desta investigação foram: Borges (2004), Zilles (2007), Brustolin (2009) e Labov (1972).

**Palavras-chave:** Nós. A gente. Gramaticalização. Sociolinguística.

## ABSTRACT

The distance between the use of the innovative pronoun *a gente* on spoken language and its usage on written language is widely recognized. There are several researches on what concerns the use of *a gente* within the spoken language, however, on written language, the referred pronoun has still been little investigated, particularly from a sociolinguistic perspective. For this reason, the current work aims at clarifying the entry path of the innovative pronoun *a gente* on written language, in this case, through literary production for the *gaúcho* infant-juvenile public. In view of this, I intend to show if there were a great use of the first-person plural pronoun *a gente* in infant-juvenile literature produced in the State of Rio Grande do Sul throughout the 70s, 80s and 90s. As for the writers dedicated to the aforementioned public, in all, we consulted ten authors, namely: Charles Kiefer, Cláudio Levitan, Diana Noronha, Jane Tutikian, Luís Dill, Lygia Bojunga Nunes, Marcelo Carneiro da Cunha, Moacyr Scliar, Sérgio Caparelli e Waldir Ayala. Among several research methodologies which could be used for the analysis and generation of data, I adopted, since the beginning of the research, the method of data quantifying for allowing the comparison between the new pronoun *a gente* and the canonic pronoun *nós* within the scope of linguistic and social variables selected for this research. Only this way it will be possible to demonstrate if there was growth in the use of the new pronoun. Moreover, I draw from excerpts of the works consulted in order to serve as examples of the cases evidenced in this study. The analysis is supported by the Variation and Change Theory proposed by Labov (1972) and takes into account the influence of linguistic and extra-linguistic factors on the conditioning of the forms in variation. The general results point out to an effective use of the new pronoun *a gente* on *gaúcho* infant-juvenile literature as we can see from the results obtained in the rounds that were carried out with the help of the Varbrul Statistical Program. We have verified the following linguistic and extra-linguistic contexts as favoring the use of *a gente* in the writing of narratives: (i) character's profession, (ii) character's age, (iii) narrator type, (iv) character's social class, (v) formal parallelism. This scenery indicates that the change which introduces the innovative form in the pronominal system is at a very advanced stage considering the sample of *gaúcho* infant-juvenile literature due to the high percentage and relative weights found in this study. Finally, the main authors who contributed to this research were: Borges (2004), Zilles (2007), Brustolin (2009) and Labov (1972).

**Key-words:** *Nós. A gente.* Grammaticalization. Sociolinguistics.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Breve história da literatura infantil no Brasil .....</b>	<b>11</b>
<b>2.2 A literatura infantil gaúcha .....</b>	<b>12</b>
2.2.1 Terceiro período da literatura gaúcha.....	15
2.2.2 O mercado leitor .....	16
2.2.3 As marcas do regionalismo na literatura infantil.....	17
2.2.4 A questão da identidade.....	18
<b>2.3 Variação, mudança linguística e gramaticalização .....</b>	<b>20</b>
<b>2.4 Resultados de estudos de língua falada sobre o uso de <i>a gente</i> .....</b>	<b>23</b>
<b>2.5 Resultados de estudos de língua escrita sobre o uso de <i>a gente</i> .....</b>	<b>41</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>46</b>
<b>3.1 Constituição do <i>corpus</i>: critérios de seleção das obras .....</b>	<b>46</b>
<b>3.2 Modelo quantitativo .....</b>	<b>48</b>
<b>3.3 A variável dependente .....</b>	<b>50</b>
<b>3.4 Definição das variáveis linguísticas.....</b>	<b>51</b>
3.4.1 Tipo de referência.....	52
3.4.2 Tipo de discurso .....	56
3.4.3 Tipos de narradores .....	58
3.4.4 Paralelismo formal.....	62
<b>3.5 Definição das variáveis sociais.....</b>	<b>63</b>
3.5.1 Faixa etária do personagem .....	64
3.5.2 Classe social do personagem .....	65
3.5.3 Profissão do personagem .....	67
3.5.4 Autores das obras .....	70
3.5.5 Gênero do personagem .....	71
3.5.6 Década da publicação das obras literárias .....	73
<b>4 ANÁLISE DOS RESULTADOS .....</b>	<b>74</b>
<b>4.1 Primeira análise: Distribuição geral das quatro formas pronominais .....</b>	<b>74</b>
<b>4.2 Segunda análise: Pronomes plenos nós e a gente em relação às variáveis linguísticas e sociais .....</b>	<b>78</b>
4.2.1 O uso dos pronomes nós e a gente na amostra de literatura infantojuvenil gaúcha: fatores linguísticos e extralinguísticos.....	82



4.2.2 Tipo de Referência: Genérica X Específica .....	84
4.2.3 Tipo de discurso: Narração X Diálogo entre os personagens.....	88
4.2.4 Tipo de narrador: 1ª pessoa X 3ª pessoa.....	89
4.2.5 Paralelismo Formal (sujeito-sujeito) .....	95
4.2.6 Faixa Etária: Crianças/Adolescentes X Adultos.....	98
4.2.7 Classe Social: Baixa X Média X Alta .....	99
4.2.8 Profissão .....	101
4.2.9 Variáveis sociais sem significância estatística: Gênero (masculino e feminino) e década (1970, 1980, 1990) .....	103
<b>4.3 Terceira Análise: Pronomes plenos <i>nós</i> e <i>a gente</i> incluindo autores como variável social .....</b>	<b>105</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>116</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, no Brasil, existem inúmeras pesquisas a respeito da alternância das formas *nós* e *a gente* no âmbito da língua falada, entretanto, na escrita, o pronome *a gente* tem sido pouco explorado, especialmente, em gêneros literários.

Por esse motivo, com o presente trabalho, visamos a investigar os caminhos de entrada do pronome *a gente* na língua escrita, neste caso, através da produção literária destinada ao público infantojuvenil. Além disso, pretendemos verificar se há uso crescente do novo pronome ao longo das décadas de 70, 80 e 90, nas narrativas literárias que compõem nosso *corpus*.

Conforme Zilles (2007, p. 41), através de um estudo que leve em conta os gêneros textuais talvez se compreenda por que, em determinadas circunstâncias, importa escrever como se fala ou recriar, na escrita, traços de fala; todavia, em outras circunstâncias, o mesmo não é possível sem acrescentar o ônus de estigma para quem escreve. Assim, neste trabalho, acreditamos que a análise da literatura infantojuvenil pode nos revelar algo a respeito da avaliação social que a forma inovadora *a gente* recebe e que caminhos percorre para uma possível aceitação na escrita.

Dentre os pesquisadores que se dedicaram ao estudo da inserção do pronome *a gente* no sistema pronominal brasileiro na Região Sul, destacamos Borges (UFRGS), Brustolin (UFSC) e Zilles (UNISINOS). Valemo-nos da teoria variacionista da sociolinguística de Labov e da concepção de gramaticalização apresentada por Zilles (2007) tendo por base os estudos de Heine.

Utilizamos, para a composição do *corpus* desta pesquisa, vinte e uma obras literárias de autoria de escritores gaúchos ou de escritores que se estabeleceram no Rio Grande do Sul e aqui escreveram para o público infantojuvenil. As vinte e uma narrativas foram publicadas ao longo de três décadas, sendo seis representativas da década de 70, oito representativas da década de 80 e sete representativas da década de 90.

A dissertação está estruturada em cinco capítulos, eis: (1) introdução; (2) fundamentação teórica (3) metodologia de trabalho; (4) análise dos resultados; (5) considerações finais.

No segundo capítulo, apresentamos nossa fundamentação teórica, elaborando uma breve história do surgimento da literatura infantil no mundo e no Brasil. Em consonância com os estudos de Lajolo e Zilberman (2004), apontamos os principais autores internacionais responsáveis por consolidar a literatura direcionada ao público infantil e, na sequência, mencionamos os principais autores nacionais que prepararam o terreno para que os atuais

escritores consagrados, alguns dos quais mencionados neste estudo, fossem reconhecidos pelo público e pela crítica pelo seu trabalho com literatura infantil e infantojuvenil. Em seguida, apresentamos um pouco da história da literatura infantil gaúcha, baseados em Marchi (2000). Aproveitamos para apresentar um pequeno panorama dos escritores de maior destaque no cenário gaúcho, as temáticas abordadas pelos mesmos, bem como os modos de interação com o público alvo das obras literárias.

Ainda no capítulo de fundamentação teórica, situa-se a discussão em torno dos pressupostos teóricos da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Desenvolveremos, nesse capítulo, também a concepção de gramaticalização, visto que o emprego do pronome *a gente*, como pronome pessoal de primeira pessoa do plural, faz parte de etapas do processo contínuo da gramaticalização. Adiante, abordaremos a variação entre os pronomes *nós* e *a gente* do ponto de vista dos estudos sociolinguísticos de Borges (2004), Brustolin (2007) e Zilles (2007), buscando esclarecer os processos linguísticos e extralinguísticos que se relacionam com a variação dos pronomes de primeira pessoa do plural, seja na fala, seja na escrita.

No terceiro capítulo, tratamos da metodologia adotada para a realização desta dissertação. São apresentados detalhadamente os critérios empregados para a constituição do *corpus*, o envelope de variação, constituído por variáveis linguísticas e extralinguísticas, assim como os procedimentos para a realização da análise.

No quarto capítulo, discutimos os resultados estatísticos do uso da variável das formas *nós* e *a gente*, analisados tendo por base a Teoria da Variação e Mudança Linguística. Descreveremos a distribuição dos pronomes *nós* e *a gente* no *corpus* construído para esta dissertação e os resultados dos grupos de fatores selecionados como significativos estatisticamente. Do grupo de fatores linguísticos, destacamos os seguintes: tipo de referência, tipo de narrador, paralelismo formal e tipo de discurso; no caso das variáveis sociais, destacamos: profissão, faixa etária e classe social. Nesse capítulo, apresentaremos os resultados gerais de três rodadas do programa estatístico Varbrul: uma com os pronomes plenos e os respectivos nulos; uma rodada binária considerando somente os pronomes *nós* e *a gente*, sem os nulos, para ver o sujeito expresso pronominalmente; e uma terceira rodada, também binária, mas que inclui a variável “autores”. Por fim, contrapomos os nossos resultados aos resultados advindos de outras pesquisas sociolinguísticas que tratam da variação dos mesmos pronomes investigados neste estudo.

No último capítulo, expomos nossas considerações finais. Além disso, apontamos as nossas percepções acerca da variação entre *nós* e *a gente* na amostra da literatura infantojuvenil gaúcha valendo-nos de evidências linguísticas e sociais decorrentes do capítulo da análise.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Breve história da literatura infantil no Brasil

Antes de adentrarmos diretamente na literatura infantojuvenil gaúcha, julgamos necessário apresentar um breve histórico da literatura infantil brasileira. Ao traçarmos o surgimento da literatura direcionada às crianças, apontaremos os principais autores que se destacaram neste primeiro momento.

Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2004, p. 16), na obra intitulada *Literatura infantil brasileira: história e histórias*, fazem um levantamento da historiografia da literatura destinada ao público infantil. Nesse estudo, afirmam que o escritor francês Charles Perrault (Paris, 12 de janeiro de 1628 – Paris, 16 de maio de 1703) é o principal responsável “pelo primeiro surto da literatura infantil” (p.16). Tal afirmação está pautada no fato desse autor coletar e transcrever contos orais populares, realizando as devidas adaptações para as crianças e apresentando em formato dos conhecidos contos de fadas no século XVII (1628-1703). As autoras destacam ainda que Jacob Grimm (Hanau, 4 de janeiro de 1785 – Berlim, 20 de setembro de 1863) e Wilhelm Grimm (Hanau, 24 de fevereiro de 1786 – Berlim, 16 de dezembro de 1859), os irmãos Grimm, e Lewis Carrol (Daresbury, 27 de janeiro de 1832– Guildford, 14 de janeiro de 1898) também contribuíram com a consolidação da literatura destinada aos pequenos.

Lajolo e Zilberman (2004, p. 23) explicam que, no Brasil, o surgimento da literatura infantil ocorre somente no início do século XX com as traduções dos clássicos contos de fadas mencionados anteriormente. Entretanto, as autoras destacam que, ao longo do século XIX, já havia sinais de obras dirigidas ao público infantil.

As traduções em questão, no entanto, não atraíram o público leitor em função de não representarem a realidade nem a linguagem das crianças brasileiras. A respeito das sucessivas publicações de autores brasileiros direcionadas aos infantes, Lajolo e Zilberman (1986, p. 18) fazem as seguintes considerações:

De um lado, a literatura infantil se converte facilmente em instrumento de difusão de imagens da grandeza e modernidade que o país, através das formulações de suas classes dominantes, precisa difundir entre as classes médias ou aspirantes a elas no conjunto das camadas urbanas de sua população. De outro, inserida no bojo de uma corrente mais complexa de nacionalismo, a literatura infantil lança mão, para a arregimentação de seu público, do cultivo cívico e do patriotismo como pretexto legitimador.

Tendo em vista o exposto anteriormente, ocorreu a rejeição de tais obras em função do excessivo didatismo. É nesse cenário, segundo Lajolo e Zilberman (1986, p. 131) que, em dezembro de 1920, o autor Monteiro Lobato (Taubaté, 18 de abril de 1882 – São Paulo, 4 de julho de 1948) rompe com a tradição das leituras moralizantes ao lançar a obra *A menina do narizinho arrebitado*. Com esta publicação, Lobato inaugurou uma linguagem inovadora e lúdica, transformando as leituras em momentos de diversão. Com essa inovação, Lobato preparava o terreno para muitos escritores, hoje consagrados pelo público e pela crítica, voltados para o público infantil.

Depois deste breve levantamento histórico acerca da literatura infantil brasileira, passamos a tratar, na próxima seção, da literatura infantojuvenil produzida no estado do Rio Grande do Sul.

## **2.2 A literatura infantil gaúcha**

A obra intitulada *A literatura infantil gaúcha: uma história possível*, de autoria de Diana Maria Marchi, trata da história de mais de cem anos (1882-1990) da literatura infantil sul-rio-grandense. Marchi (2000) é uma das autoras que se dedicou a revelar o percurso da literatura infantil produzida no estado do Rio Grande do Sul, por esse motivo daremos uma ênfase maior a sua pesquisa. Na obra mencionada, a autora apresenta aos leitores as formas de experimentação do gênero, os escritores e suas respectivas obras de maior destaque no cenário gaúcho, bem como os modos de interação com o leitor de tais produções literárias.

Marchi vincula os dados históricos apresentados em sua obra à pesquisa realizada, entre 1978 e 1989, pelas professoras Regina Zilberman e Vera Teixeira de Aguiar, do centro de Pesquisas Literárias do curso de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. As equipes coordenadas pelas professoras mencionadas realizaram uma pesquisa histórica a respeito dos principais autores gaúchos que produziram obras de literatura infantil e juvenil e, a partir desse estudo, elaboraram uma bibliografia.

De acordo com Marchi, as pesquisadoras Zilberman e Aguiar apresentaram os dados em uma linha de tempo, em uma perspectiva histórica, localizando o fato literário no contexto social e cultural de cada produção em estudo. As obras foram catalogadas em três períodos, de acordo com a data de publicação das mesmas, objetivando facilitar a pesquisa e atendendo ao critério histórico-literário adotado pelo grupo. As pesquisadoras mencionadas estabeleceram os seguintes períodos:

- **Primeiro período:** Com início em 1882, com a publicação das poesias intituladas *Flores do campo*, de autoria de José Fialho Dutra, e também da adaptação da obra *Contos seletos das mil e uma noites*, por Carlos Jacob Jansen.
- **Segundo período:** Com início em 1935, a partir da publicação de *A vida de Joana D'arc*, de autoria de Érico Verissimo.
- **Terceiro período:** Com início em 1959, a partir da publicação da peça de teatro *Peripécias na lua*, de autoria de Waldir Ayala.

Ater-nos-emos somente ao terceiro período pelo fato de as primeiras pesquisas com dados de fala de Porto Alegre sobre o uso do pronome inovador *a gente* coincidirem com esse intervalo de tempo. Desse modo, será possível comparar nossos dados com os resultados de estudos sobre fala e escrita.

Marchi (2000, p. 8) estabeleceu alguns recortes necessários para a realização de seu estudo. O primeiro recorte refere-se à delimitação do espaço geográfico: a autora delimitou a pesquisa ao estado do Rio Grande do Sul. Assim, todas as obras são de autoria de escritores gaúchos ou de autores que aqui se fixaram como, por exemplo, Carlos Jacob Jansen e Sérgio Caparelli. O segundo recorte foi em relação ao suporte escolhido para veicular as obras publicadas. Marchi optou por analisar somente textos publicados em livros. Outros suportes como, por exemplo, revistas, periódicos e jornais não foram levados em conta.

Marchi (2000, p. 9) valeu-se do projeto de reformulação da história literária sugerido por Hans Robert Jauss. Tal projeto consiste em uma teoria fundada no reconhecimento da historicidade das obras e nos processos de recepção dessas obras ao longo do tempo, o qual tem na figura do leitor seu eixo central. A autora explica que a opção por traçar a história centrada na figura do leitor tornou-se possível em função da capacidade da literatura de expressar o mundo da criança, isto é, a imagem do leitor deve estar sempre presente na obra literária a fim de que se processe a identificação.

Os livros apontados por Marchi (2000, p. 9) foram analisados à luz da sociologia para que fosse possível identificar as expectativas, normas e funções extraliterárias que se deduz terem orientado, primeiramente, o interesse estético dos leitores. Assim, em consonância com o projeto de Jauss, a autora recorreu à história com a finalidade de restabelecer as ligações entre a literatura infantil e os acontecimentos políticos, sociais, econômicos e literários, nos três períodos mencionados.

Marchi (2000, p. 9) optou por verificar a implicação estética das publicações, selecionando não somente as obras que se destacaram e permaneceram ao alcance do leitor do ano 2000, mas também aquelas que sumiram do alcance do público com o passar do tempo.

Marchi atentou, em especial, para as obras que romperam certas expectativas, desde os clichês até a ideologia de determinada época. Segundo Marchi (2000, p. 10), com esse propósito, analisou-se o texto, apoiando-se na estética da recepção, observando questões como gênero literário (narrativa, poesia e teatro), tema e estrutura, investigando a representação da sociedade e da criança. Destacamos que, para a realização desta dissertação de mestrado, interessa-nos somente os levantamentos de obras referentes ao gênero narrativo, tais como: conto e novela infantojuvenil. Portanto, os demais gêneros não serão considerados neste estudo.

É importante registrar que Marchi (2000, p. 11) não assume o compromisso de citar, um a um, autores e títulos, embora tente rastrear quem escreveu o quê. De acordo com a autora, sua obra apresenta quase que a totalidade de livros de literatura infantil produzidos no Rio Grande do Sul no período considerado.

Na concepção de Marchi (2000, p. 11), a literatura infantil do estado não faz parte do movimento literário regionalista, mas está atrelada ao acervo nacional. Entretanto, a autora explica que o regionalismo se fará presente na literatura infantil em função da tradição que desfruta junto aos gaúchos.

No artigo intitulado *Uma história da literatura infantil e da literatura juvenil, gaúchas e contemporâneas, se é que isso é possível*, a estudiosa Paula Mastroberti (2015) apresenta algumas considerações a respeito do importante estudo realizado por Diana Maria Marchi no ano de 2000. Com a finalidade colocar em perspectiva o trabalho de Marchi, expomos a seguir algumas das críticas de Mastroberti.

Apesar de reconhecer a importância do estudo de Marchi, Mastroberti (2015) demonstra desconfiança quanto às categorias de gênero literário e de cenário (no caso, o Rio Grande do Sul) utilizadas em *A literatura infantil gaúcha: uma história possível*. Para Mastroberti, as demarcações de gênero são variáveis, assim como os contextos e as datas socioculturais. Quanto ao cenário, questiona o fato de muitos autores de literatura infantil e juvenil escoarem quase toda a sua publicação para outras regiões editoriais do Brasil e também a questão de muitos autores que publicaram no Rio Grande do Sul não serem naturais desse estado. Em função disso, não haveria uma demarcação precisa quanto ao gênero e ao cenário.

Além disso, Mastroberti (2015) critica a opção de Marchi por narrar sua história tendo por base o leitor. Na concepção da pesquisadora, o que se observa é uma voz atada à teoria da



estética da recepção. Por esse motivo, a autora entende que o resultado é uma criança que não passa de uma boneca tão falante quanto permite a voz que a manipula.

Mastroberti (2015) faz ainda outras considerações acerca do trabalho de Marchi no decorrer de seu artigo; portanto, à medida que os fatos forem surgindo, apresentaremos outras críticas da estudiosa no que se refere à obra *A literatura infantil gaúcha*.

### 2.2.1 Terceiro período da literatura gaúcha

O terceiro período da literatura infantil gaúcha no Rio Grande do Sul data a partir de 1959 com a publicação das obras *Peripécias na lua*, de autoria de Walmir Ayala, e *O último dos tangaráis*, de Sérgio A. Raupp, segundo Marchi (2000, p. 155).

Conforme consta no capítulo sobre a metodologia, nos dispomos a analisar as ocorrências do pronome inovador *a gente* na literatura infantojuvenil gaúcha a partir da década de 70, portanto os primeiros onze anos de produção literária desta fase não serão considerados.

Para Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1986, p. 169), neste período, o gênero civilizou-se no Brasil devido à quantidade notável e a diversificação da produção literária, bem como pelo interesse por parte da população urbana em adquirir tais bens culturais destinados ao público infantil.

Na década de 70, segundo Marchi (2000, p. 167), o tom de protesto e de denúncia de determinadas narrativas marcaram intensamente as publicações destinadas ao público infantil. A legião de menores excluídos da sociedade brasileira foram retratados em muitas obras da literatura infantil. Foram narrativas consideradas curtas e com linguagem coloquial, sendo algumas muito diretas e cruas em termos de descrição como, por exemplo, *A casa da madrinha* (1978), de Lygia Bojunga Nunes e *Os meninos da rua da praia* (1979), de Sérgio Caparelli. Tais obras enfatizaram temas como a pobreza, a miséria, a injustiça e a marginalidade.

Mastroberti (2015) salienta que as obras conceituadas por Marchi (2000) como sendo destinadas ao público infantil carecem de uma melhor diferenciação quanto ao destinatário, visto que a autora propõe um amplo espectro etário sem diferenciar o infante do pubescente. Sendo assim, segundo Mastroberti, é necessário distinguir as literaturas gaúchas em *infantis*, *infantis-juvenis*, *juvenis* e, ainda, *juvenil-adulto*. A autora chama a atenção para o fato de que essas definições acerca da faixa etária do público leitor podem variar de acordo com as diretrizes de cada editora. Em seu estudo, Mastroberti cita as diretrizes da Editora Projeto, editora gaúcha situada em Porto Alegre, quanto à distribuição das literaturas gaúchas, eis: infantil (até 9 anos), infantojuvenil (10 e 11 anos) e juvenil (a partir de 12 anos). Já em relação à categoria juvenil-

adulto, a estudiosa afirma que essa categoria é prevista pela Editora Rocco, porém não menciona a faixa etária compreendida para a categoria em questão. Concordamos com Mastroberti que é necessário distinguir as literaturas gaúchas levando em consideração a idade do público leitor. As obras literárias analisadas na presente dissertação, em sua grande maioria, situam-se na categoria *infantis-juvenis*.

Nesse sentido, Mastroberti (2015) sugere que, ao discriminar as literaturas gaúchas em *infantis*, *infantis-juvenis*, *juvenis* e *juvenil-adulto*, os pesquisadores levem em consideração o suporte gráfico, isto é, o livro como um objeto que apresenta um *design*, ilustrações e outros acabamentos. A autora reconhece que Marchi (2000) já apontava em determinados momentos a questão da tecnologia de impressão e a qualidade do livro infantil, porém é necessário levar em conta essas questões no que tange à definição do público leitor das obras literárias. Mastroberti propõe ainda o reconhecimento do ilustrador como coautor, pois, para ela, muitas vezes, o trabalho desse profissional se sobrepõe quantitativamente ou qualitativamente ao trabalho do escritor. Por fim, afirma que serão as escolhas formais gráfico-visuais as que pré-determinam a faixa etária dos leitores.

Nos anos 80, o humor teve um lugar de destaque na literatura sul-rio-grandense. Cyro Martins destacou-se com *O príncipe da vila* (1983) e *Gaúchos no obelisco* (1984). Além de Martins, Sérgio Caparelli também contribuiu com a obra *O dia em que o Alegrete atravessou a fronteira* (1983). Marchi (2000, p. 174) destaca que essa obra, mais tarde, foi incorporada ao acervo da literatura infantil.

### 2.2.2 O mercado leitor

Para Marchi (2000, p. 177), o estabelecimento de um mercado próprio, de produção e, principalmente, de consumo foi definitivamente instalado com a formação de um grupo de escritores profissionais que decidiram escrever especificamente para o público infantil. Dentre um número considerável de nomes, a autora destacou, em função do conjunto da obra e da qualidade de suas produções, Lygia Bojunga Nunes, Walmir Ayala, Sérgio Caparelli, Mery Weiss, Diana Noronha, Lourenço Cazarré, Marcelo Carneiro da Cunha, Maria Dinorah, Gladis S. Gonzales, Paulina Vissoky, Zahira Petry e Ana Maria Bohrer.

Marchi (2000, p. 177), por fim, acrescenta que outros autores que se dedicavam ao público adulto, como Josué Guimarães, Mário Quintana e Charles Kiefer, também escrevem para o público infantil. Já Edy Lima e Lydia Mombelli da Fonseca, que já publicavam para o público infantil no período anterior, mantiveram suas publicações no terceiro período.

### 2.2.3 As marcas do regionalismo na literatura infantil

A linguagem coloquial do Rio Grande do Sul influenciou as produções literárias destinadas às crianças do terceiro período. Além da linguagem, os autores procuravam reproduzir em suas obras espaços conhecidos dos leitores gaúchos. Dessa forma, na opinião de Marchi (2000, p. 181), os espaços físicos proporcionavam um processo de identificação imediata entre o leitor e a obra. A pesquisadora destaca como exemplo de produção ligada ao regional as obras *As aventuras de gauchito* (1984) e *O petiço Minuano e outras histórias* (1985) de autoria de Dirceu Antônio Chiesa.

De acordo com Marchi (2000, p. 183), o regionalismo idealizado foi, aos poucos, abandonado, cedendo espaço à criança urbana que vai até o campo em busca de aventura e tradição, todavia de forma superficial. Nesse caso, ela cita a obra *O boné que não largava o pé* (1982), de Mery Weiss.

Ana Mariza Filipouski (1993, p. 129), ao analisar o gaúcho na literatura infantil, explica que o projeto de pedagogia ideológica promovido pelo gênero ocasionou o emprego de um simplismo formal, intensificado por recursos destinados a garantir a atenção das crianças. Segundo a mesma, o texto destinado ao público infantil contemporâneo gaúcho começou a evidenciar algumas inovações formais na linguagem, na intertextualidade e na utilização da paródia. A título de exemplo do que expôs Filipouski, Marchi (2000, p. 184) cita o livro *Cri-cri, o grilo gaudério* (1986), de Jerônimo Jardim. Tal obra retomou o "era uma vez", tendo como narrador um gaúcho que conta a história de um grilo. A autora Maria Dinorah parodiou o conto de fadas na obra *Histórias de fadas e prendas* (1986), misturando, ao mesmo tempo, fadas e prendas. Outros livros de Dinorah atrelados ao regionalismo são *Roda de chimarrão* e *Piá também tem caso*, publicados respectivamente em 1984 e 1987.

A zona urbana serve, agora, como cenário das narrativas infantis, todavia o pampa não é abandonado. O escritor Carlos Moraes, ao escrever suas narrativas de aventuras, valeu-se tanto da paisagem do pampa gaúcho quanto das vilas e favelas como, por exemplo, nas narrativas *A vingança do timão* (1981) e *Tidão, o justiceiro dos pampas* (1982).

Para tratar da história, das tradições, costumes e lendas do pampa gaúcho, a autora aponta uma coleção intitulada *Coleção Histórias do Sul*. Tal coleção foi idealizada em comemoração ao sesquicentenário da Revolução Farroupilha. A primeira história recebeu o título de *Histórias dos índios* (1985); na sequência foram publicadas mais quatro histórias, eis: *Histórias das missões*, *Aventuras na Serra do Pinto*, *O burrinho Marco Polo*, *O tesouro de*

*Arroio do Conde* e *O negrinho do Pastoreio*, todos publicados em meados dos anos 1980 por Barbosa Lessa.

#### 2.2.4 A questão da identidade

Marchi (2000, p. 192) explica que, ao ingressar no terceiro período da literatura infantil produzida no Rio Grande do Sul, surgiu a preocupação em buscar temáticas voltadas para a realidade da criança, em especial, para o seu mundo interior. De acordo com Marchi, Lygia Bojunga Nunes foi uma das autoras que melhor soube explorar tal temática, sendo uma das escritoras mais significativas do movimento inovador que iniciou nos anos setenta do século passado. Pertencem a esse movimento as seguintes obras de Nunes: *Os colegas* (1972), *Angélica* (1975), *A bolsa amarela* (1976), *A casa da madrinha* (1978), *Corda bamba* (1979), *O sofá estampado* (1980), *7 cartas e 2 sonhos* (1983), *Tchau* (1986) e *O meu amigo pintor* (1987).

Mastroberti (2015) destaca que as narrativas contemporâneas premiadas pelo Prêmio Açorianos de Literatura na categoria infantojuvenil, normalmente, tratam de temas intimistas e de conflitos existenciais próprios da faixa etária a qual se destinam as obras. A autora destaca os seguintes temas: sexualidade, amizade e conflitos resultantes da passagem da infância à maturidade. Acrescenta ainda que quanto menor a faixa etária compreendida por infantojuvenil, maior a coloquialidade dos textos, e maior a presença de ação e aventura. Quanto à classe social dos personagens, Mastroberti afirma ainda que os autores privilegiam personagens típicos da classe-média urbana. Como vemos, em relação à temática das narrativas contemporâneas, tanto Marchi (2000) quanto Mastroberti (2015) concordam que predominam temas intimistas e relacionados a conflitos existenciais característicos da faixa etária dos leitores de tais obras.

Marchi (2000, p. 211) afirma que outros autores também exploraram a temática intimista. Nesse sentido, a autora aponta a escritora Diana Noronha que, em seus dois livros *Pro que der e vier* (1985) e *A casa e o descasamento* (1987), tratou de conflitos gerados pela busca da identidade e, ao mesmo tempo, da independência. Os textos de Sérgio Caparelli igualmente abordam a problemática da identidade como, por exemplo, *Ana de salto alto* (1981) e *Meg Foguete* (1985). Além desses, as seguintes obras discorrem sobre o mesmo tema: *Na praia da Ferrugem* (1988), de Marcelo Carneiro da Cunha; *O despertar dos amantes* (1985), de Lourenço Cazarré; *Era uma vez uma menina* (1982), de Walmir Ayala; *A cor do azul* (1984), de Jane Tutikian; *Simplemente Maria* (1981) e *Coragem de crescer* (1987), ambos de Maria Dinorah.

Marchi (2000, p. 214) acrescenta que, a partir do momento em que a literatura sul-riograndense contemporânea focalizou a temática urbana e suas crises, trouxe outros temas típicos de quem vive nas grandes cidades, como na obra *A menina e a fantasia* (1982), de Mery Weiss, em que a autora aborda os temas solidão, espaço limitado de um apartamento pequeno e as normas rígidas do condomínio no que tange à animais de estimação. Essas mesmas temáticas são retomadas em outras obras como em *Um lugar para pousar* (1985), de Maria Percinia Escoteguy, e em *A menina das bolhinhas de sabão* (1987), de Antonio Hohlfeldt.

É interessante registrar que as questões sociais tiveram ênfase nas narrativas que incluíram o índio, colocando-o em uma posição de vítima de um sistema discriminador e excludente. Marchi (2000, p. 188) menciona três obras que trataram dessa temática, a saber: *Porã* (1984) e *A primeira guerra de Porã* (1985), ambos de autoria de Antonio Hohlfedt, e ainda *Você viu meu pai por aí*, de autoria de Charles Kiefer. O último livro foi considerado altamente recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) no ano de 1986.

No que tange ao imigrante italiano e alemão, Marchi (2000, p. 189) comenta que duas obras tentaram abordar a questão do imigrante na literatura infantil, todavia de maneira quase didática. O foco, nesse caso, recai nos momentos festivos dos colonos. O imigrante é retratado como simples, trabalhador, alegre e sem problemas. São elas: *O anjo de malaquias* (1982), de Antonio Hohlfeldt e *Champolina*, de Denise Maria Leal, sem dados de publicação. A autora chama a atenção para o fato de a criança descendente de imigrantes não ter um espaço próprio na literatura infantil, sequer ocupando o papel de personagem secundária, como no caso do negro e do índio.

Em relação à criança negra, Marchi (2000, p. 190) indica a obra *O palácio de Ifê* (1989), escrita por Simone Saueressig. Neste livro, Saueressig descarta o regional e resgata a criança negra da situação de pobreza e miséria a fim de remetê-la a uma aventura em um país em que se ocultam os orixás africanos.

Marchi (2000, p. 214) acrescenta que muitos escritores se valeram do cotidiano das crianças ao criarem suas histórias. Entre outros aponta: *Papai virou cambalhota* (1986), de Mary Weiss; *Tá faltando um dedo!* (1984), de Ana Maria Bohrer; *Queremos natal com Papai Noel* (1986), de Ernani Ssó; e *Mãe assim quero prá mim* (1988), de Edy Lima.

A questão da perda da identidade não foi só problema da criança nas obras analisadas. No caso da narrativa *A última bruxa* (1986), de autoria de Josué Guimarães, o autor abordou a solidão e o isolamento da bruxa em função da descaracterização da personagem.

De acordo com Marchi (2000, p. 215), outro autor que tratou da transformação da bruxa foi o escritor Walmir Ayala na obra *A bruxa malvada que virou borboleta* (1983). Na obra em questão, o autor aborda o problema de identificação da personagem. Walmir Ayala, com uma abordagem lúdica, foi um dos responsáveis pela apresentação simbólica do mundo, localizando a criança em seu universo. São obras de sua autoria: *A estrela e a sereiazinha* (1978), *O elefante verde* (1985), *Assombração da formiga Meia-Noite* (1985) e *O jacaré cosmonauta* (1987).

Muitos outros temas foram tratados pela literatura infantojuvenil gaúcha. Não nos alongaremos mais sobre a questão. Contudo, nos interessa, nesta dissertação, apresentar um pequeno panorama em termos de experimentação do gênero, dos escritores de maior destaque no estado do Rio Grande do Sul, das temáticas abordadas e dos modos de interação com o público leitor de tais obras. É também muito importante chamar atenção para o fato de que a linguagem das obras literárias infantojuvenis é fortemente associada à coloquialidade, tanto por Marchi (2000) quanto por Mastroberti (2015). Além disso, procuramos, na medida do possível, estabelecer alguns contrapontos aos estudos de Marchi. Posteriormente, no capítulo dedicado à análise, algumas das obras mencionadas servirão como *corpus* deste estudo sobre o uso do pronome *a gente*.

### **2.3 Variação, mudança linguística e gramaticalização**

Os sociolinguistas não encaram as alterações ocorridas na língua como “vicissitudes do discurso”, mas como algo natural e inerente à língua. Cezario e Votre (2012, p. 141) explicam que a sociolinguística parte do princípio de que a variação e a mudança são próprias da natureza da língua e, por esse motivo, devem sempre ser consideradas na análise linguística. Cezario e Votre afirmam que os linguistas demonstram interesse por todas as manifestações verbais nas mais diversas variedades de uma língua. Para eles, um dos motivos desse interesse é a busca pelos principais fatores que motivam o fenômeno da variação linguística. Além disso, os linguistas procuram entender qual é a relevância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se mostra variável. O estudo visa a verificar o grau de estabilidade de um determinado fenômeno cultural impulsionado por fatores linguísticos e também por fatores extralinguísticos. Na concepção dos autores, o linguista, ao investigar os diversos domínios da variação, deve esclarecer como ela se configura na comunidade de fala em estudo, bem como evidenciar quais são os contextos linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou que inibem a variação. É justamente nesse ponto que se insere o processo de mudança estrutural do pronome *a gente*.

Em seu artigo intitulado *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de “a gente”* Zilles (2007, p. 30), afirma há inúmeras reorganizações gramaticais em curso no português brasileiro. O uso de *a gente* na posição de pronome de primeira pessoa do plural em lugar do pronome canônico *nós* é uma dessas mudanças.

Segundo a autora, para que ocorra o encaixamento do pronome *a gente* no sistema linguístico, é necessária a mudança no paradigma de concordância verbal, apontando para a sua redução, visto que é mais recorrente o registro do pronome inovador seguido de verbo na 3ª pessoa do singular. Todavia, a linguista frisa que há casos em que o pronome inovador aparece acompanhado de verbo na 1ª pessoa do plural como, por exemplo, no refrão da canção denominada *Inútil*<sup>1</sup>, do grupo *Ultraje a Rigor*, em que enfatizam *Inútil/ A gente somos inútil*. Na mesma canção, há um uso variável de concordância tanto com *a gente* quanto com o pronome *nós* como em *Tem gringo pensando que nós é indigente*.

Uma mudança relacionada ao novo pronome diz respeito ao denominado parâmetro do sujeito nulo. A estudiosa afirma que os novos pronomes da língua portuguesa, pelo fato de derivarem de sintagmas nominais, concordam com a terceira pessoa do singular (*você, a gente*), ou com a terceira pessoa do plural (*vocês*) e, por isso, são altamente preenchidos, mesmo nos contextos de nulo do Português Europeu (PE) como no seguinte caso: naquele tempo *você/ a gente* só podia sair quando *você/ a gente* terminava o trabalho. É importante ressaltar que esse contexto é de nulo obrigatório no Português Europeu.

De acordo com o exposto anteriormente, Zilles (2007, p. 31) explica que a mudança que introduz *a gente* como um pronome de primeira pessoa não ocorre isoladamente. Junto com ela, vem ocorrendo uma mudança do paradigma verbal.

Em seu artigo intitulado *Funcionalismo*, Cunha (2012, p. 173) explica que o funcionalismo se caracteriza por apresentar uma concepção dinâmica do funcionamento das línguas. Desse modo, a gramática é entendida como um organismo maleável, ou seja, que se adapta às necessidades comunicativas e cognitivas dos usuários de uma língua. Em função do caráter flexível da gramática, ocorrem alterações nos padrões morfossintáticos estáveis, sistematizados pelo uso, o conjunto de regras de qualquer língua apresenta mecanismos de codificação emergentes que são consequentes das necessidades de formas mais relevantes. Segundo Cunha (2012, p. 173), “a gramaticalização é um fenômeno relacionado a essa necessidade de se refazer que toda gramática apresenta”.

---

<sup>1</sup> A canção denominada *Inútil* foi lançada no ano de 1983. A música em questão é de autoria de Roger Moreira, guitarrista e vocalista da banda brasileira de rock *Ultraje a Rigor*, criada no início da década de 1980 em São Paulo.

Cunha (2012, p. 173) chama a atenção para o fato de que a gramaticalização aponta para um processo unidirecional, em que itens lexicais e construções sintáticas, em alguns contextos, assumem funções gramaticais e, após o processo de gramaticalização, seguem desenvolvendo novas funções gramaticais.

Lopes (2001, p. 140-141) explica que a gramaticalização de *a gente* inicia com o uso do pronome indefinido, isto é, na forma de uma expressão indeterminada com sentido genérico, ocorrendo o primeiro registro no século XVI, em lugar do termo *homem~ome*. Zilles (2007, p. 31) entende que a substituição de *nós* por *a gente* corresponderia ao estágio final do processo unidirecional de gramaticalização. Em contrapartida, em consonância com Zilles, a emergência de *a gente* apontaria a renovação do processo de gramaticalização, indicando um novo ciclo.

A fim de melhor esclarecer o processo de gramaticalização de *a gente*, Zilles (2007, p. 31) afirma que as características intrínsecas do item lexical que passou pelo processo de gramaticalização são importantes. A primeira delas é o sentido original do substantivo latino *gens, géntis*, que indicava *povo*, apresentando um traço semântico de pluralidade e um traço de pessoa. Todavia, o substantivo *gente* designava um nome coletivo, fato fundamental para, mais tarde, o mesmo assumir a função de pronome indefinido, o valor [+ genérico], significando toda e qualquer pessoa.

Para que *a gente*, de fato, assumisse a função de pronome de primeira pessoa, a autora explica que algumas mudanças, propostas por Heine e Kuteva, foram necessárias, a saber: a dessemantização, a extensão, a decategorização e a erosão. Segue uma sucinta abordagem de cada uma das mudanças especificadas.

Para Zilles (2007, p. 32), a dessemantização é a redução semântica, desbotamento (bleaching) ou perda (parcial) de conteúdo semântico do elemento lexical original. No caso específico de *a gente*, o então substantivo perde o traço de povo, todavia mantém o de pessoa.

A extensão é compreendida como a generalização contextual, ou seja, o uso de *a gente* em novos contextos. A linguista frisa que o processo de difusão do mesmo ocorre tanto de forma qualitativa quanto quantitativa. Quantitativamente, *a gente* na posição de sujeito da oração aumenta significativamente dos anos 1970 para os anos 1990. Qualitativamente, *a gente* propaga-se para novos contextos, algo que, antes desse processo, não era possível como, por exemplo, na posição de pronome anafórico.

A pesquisadora explica que a decategorização resulta na perda de propriedades morfossintáticas próprias das formas-fonte, incluindo a perda do status de palavra independente. No caso de *a gente*, quando passa a pronome indefinido, há o estabelecimento



da sequência *a gente* e restrições em termos combinatórios. Posteriormente, ocorre a perda do plural gramatical *as gentes*, visto que não remete a primeira pessoa do plural, mas às pessoas. Ainda ocorre a perda do gênero feminino de modo que assume o gênero do referente, como no caso do pronome de primeira pessoa *nós*.

Por fim, Zilles (2007, p. 29) esclarece que a erosão está relacionada ao processo de redução fonética, à perda da substância fonética. Nesse caso, a forma *a gente* pode ser pronunciada como *ahente*, *a'ente* e *'ente*.

Passar a ser pronome pessoal faz parte do processo de gramaticalização, que ainda está em curso e, em princípio, só terminaria quando a forma antiga desaparecer e um novo processo de gramaticalização começar. Nesse caso, o novo pronome *a gente* assumiria a função de pronome de primeira pessoa do plural no português brasileiro.

#### **2.4 Resultados de estudos de língua falada sobre o uso de *a gente***

A linguista Zilles (2007, p. 34), com base nos dados de pesquisas da VARSUL/ Rio Grande do Sul, apresenta resultados de estudos quantitativos a respeito da gramaticalização do pronome inovador *a gente*. Tal pesquisa contou com a participação de 39 informantes. Segundo a autora, todas as pessoas envolvidas nasceram na capital do Rio Grande do Sul, no caso, Porto Alegre. Os informantes foram estratificados em função do gênero (19 do sexo masculino e 20 do sexo feminino), idade (17 de 25-49 anos e 22 acima de 50 anos), bem como em função do nível de escolarização (10 com escolaridade elementar- até 5 anos, 8 com escolaridade intermediária- 5 a 8 anos, 9 com escolaridade secundária- 9 a 11 anos e 12 com escolaridade pós-secundária- mais de 11 anos). A estudiosa explica que os critérios para a estratificação foram estabelecidos na própria coleta de dados do VARSUL.

Julgamos serem extremamente importantes esses resultados de pesquisas de língua falada no Rio Grande do Sul, pois, ao longo da análise apresentada nesta dissertação, faremos comparações entre esses resultados e os nossos.

Conforme Zilles (2007, p. 34), a tabela abaixo reproduz os resultados encontrados sobre os dois grupos de fatores sociais que alcançaram significância estatística nesse estudo.

Tabela 1- Fatores Sociais significativos para o uso de *a gente* na língua falada em Porto Alegre, anos 1990.

	<b>N/ Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso</b>
<b>Gênero</b>			
Masculino	422/678	62%	0,41
Feminino	915/1266	72%	0,55
<b>Idade</b>			
25-50	480/618	78%	0,66
50-70	857/1326	65%	0,42
<b>Totais</b>	1337/1944	69%	<b>Input: 0,85</b>

Fonte: Zilles (2007, p.34)

Zilles (2007, p. 34) afirma que os resultados para as variáveis sociais evidenciam que as mulheres empregam mais o novo pronome do que os homens, visto que o gênero feminino é o que mais favorece o novo pronome com peso relativo 0,55, enquanto que o gênero masculino desfavorece moderadamente o pronome *a gente* com peso relativo de 0,41. No que se refere à faixa etária, os falantes mais jovens contribuem muito para o uso do novo pronome ao passo que as pessoas que têm mais de 50 anos desfavorecem a forma inovadora. Os dois itens analisados sinalizam que a mudança em curso favorece o pronome inovador no quesito fala em contraposição ao uso de *nós*. A autora ressalta ainda que o *input* (a probabilidade geral de uso do pronome *a gente*) é muito elevada (0,85), apontando que a mudança já é bastante avançada.

Zilles (2007, p. 35) menciona também os resultados da comparação de duas amostras coletadas em Porto Alegre, a primeira pelo projeto NURC nos anos 70 e a segunda pelo projeto VARSUL nos anos 90. Participaram desse estudo 36 falantes, sendo 18 pertencentes ao gênero masculino e 18 pertencentes ao gênero feminino, divididos no quesito faixas etárias: “jovens” de 25 a 44 anos e “velhos” de 45 a 69 anos. De acordo com a linguista, a maioria dos entrevistados (32) tem educação universitária completa, porém, no estudo realizado nos anos 1990, havia quatro participantes com apenas educação secundária. Zilles supõe não existir diferença significativa entre eles em função da diferença de escolaridade, conforme indica o estudo de tempo aparente anterior (Zilles, 2005). A autora acrescenta que 20 falantes foram gravados na década de 70 e 16, na década de 1990.

Tabela2 – Fatores sociais significativos no uso de *a gente* na língua falada, estudo de tendência, 1970 e 1990 (dados do NURC e do VARSUL).

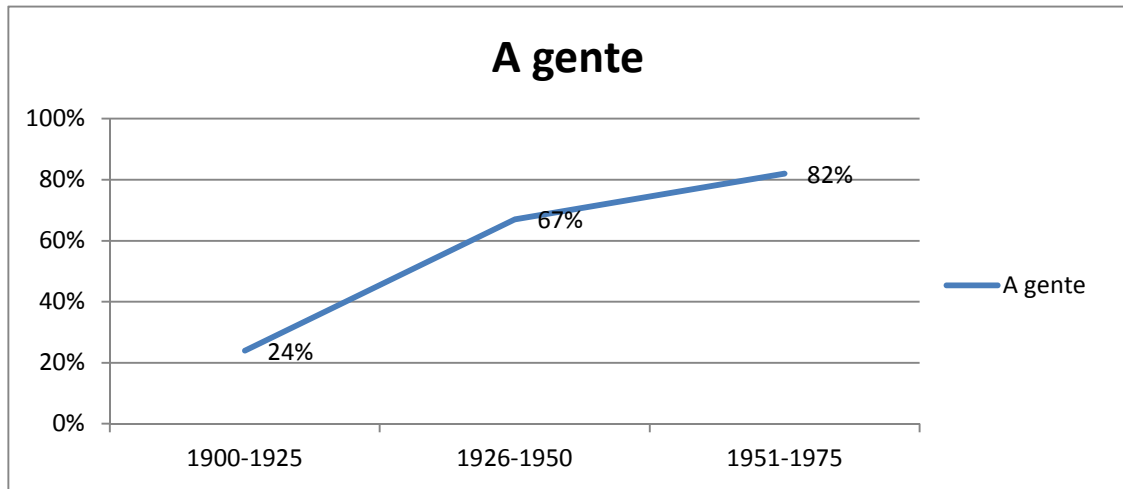
	<b>Total</b>	<b>%</b>	<b>Peso</b>
<b>Faixa Etária</b>			
Jovens	633/ 865	73	0,64
Velhos	358/ 668	54	0,32
<b>Década/ entrevista</b>			
1970 (NURC)	403/721	56	0,31
1990 (VARSUL)	588/ 812	72	0,67
<b>Gênero</b>			
Masculino	387/ 654	59	0,46
Feminino	604/ 879	69	0,53
<b>Totais</b>	991/ 1533	65	<b>Input: 0,74</b>

Fonte: Zilles (2007, p.35)

No que concerne aos resultados deste estudo, a autora salienta a acentuada diferença, tanto em percentuais quanto em pesos, entre as faixas etárias (0,64 dos jovens *versus* 0,32 dos mais velhos) e as duas décadas (0,67 nos anos 1990, *versus* 0,31 nos anos 1970). Esses números indicam o rápido avanço no processo de implementação do pronome inovador em apenas 20 anos. A pesquisadora chama a atenção para o fato de que a maioria dos participantes (32/36) desses estudos são pessoas com instrução em nível superior, concluindo, assim, que o uso da forma inovadora não é estigmatizado, pelo menos na oralidade, considerando dados de entrevistas.

O gráfico abaixo mostra o crescimento acelerado do uso do pronome *a gente* com o passar dos anos nas sucessivas gerações de falantes pesquisados em conformidade com sua data de nascimento. A produtividade geral da forma inovadora foi de 24% (1900-1925), passou a 67% (1926-1950) e, por fim, chegou a 82% (1951-1975). Conforme Zilles (2007), os dados são do mesmo estudo de tendência, ou seja, amostras relativas a populações diferentes, sendo uma do NURC e outra do projeto Varsul de Porto Alegre.

Gráfico 1 - Dados de língua falada do NURC e VARSUL de POA.

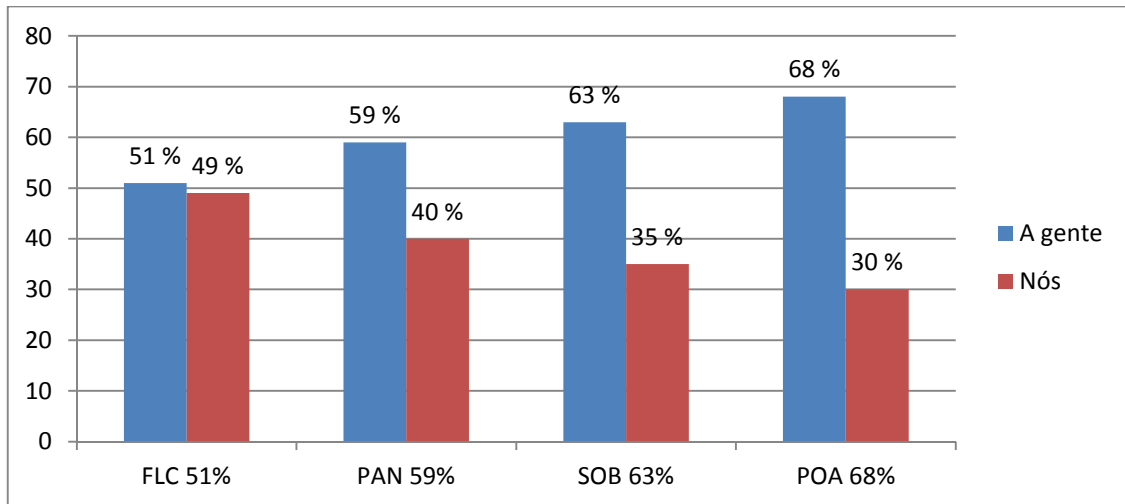


Fonte: Zilles (2007, p.36).

Zilles (2007) cita outro estudo relacionado ao uso do pronome *a gente* no âmbito da fala. Tal pesquisa foi realizada em diferentes comunidades localizadas no estado do Rio Grande do Sul, sendo duas delas bilíngues: Flores da Cunha (italiano-português) e Panambi (alemão-português). A terceira comunidade pertence à cidade de São Borja e está situada em uma região de fronteira com a Argentina, zona em que há o contato entre a Língua Portuguesa e a Língua Espanhola. Finalmente, a última cidade é a capital do estado, Porto Alegre. O gráfico 2, logo a seguir, evidencia os resultados encontrados.

Os dados mostram que, nas comunidades onde há o bilinguismo, o emprego do pronome *a gente* na oralidade é bem menor se comparado com as outras cidades como, por exemplo, São Borja e Porto Alegre. É possível interpretar que as cidades bilíngues são mais conservadoras no que tange ao quadro pronominal, optando, assim, por recorrer preferencialmente, ao pronome canônico *nós*.

Gráfico 2 - Distribuição de *nós* e *a gente* em cidades do Rio Grande do Sul: Flores da Cunha, Panambi, São Borja e Porto Alegre (dados de língua falada de 1990).



Fonte: Zilles (2007, p.36)

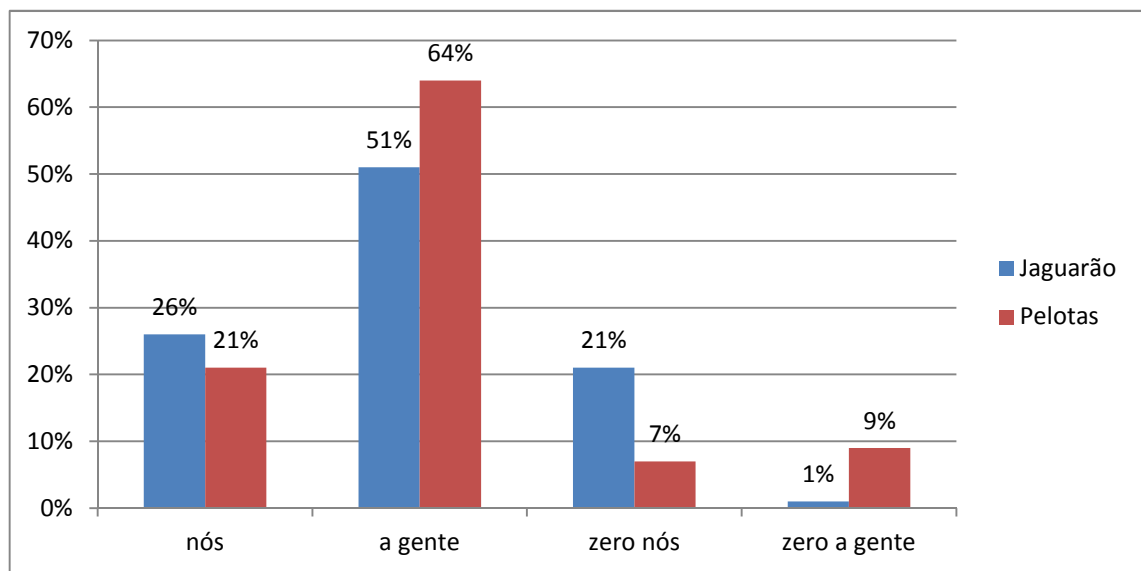
Em sua tese intitulada *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*, Paulo Borges (2004) assume o objetivo de descrever e analisar a gramaticalização de *a gente* no português brasileiro. Para tanto, valeu-se de dois bancos de dados orais, a saber: BDS Pampa (*Banco de Dados Sociolinguísticos da Fronteira e Campanha Sul-Rio-Grandense*) e VarX (*Banco de Dados por Classe Social*). As entrevistas ocorreram nas cidades de Pelotas e Jaguarão, no estado do Rio Grande do Sul. Ao todo, foram analisadas 60 entrevistas, sendo 24 coletadas na cidade de Jaguarão e 36 coletadas na cidade de Pelotas.

Segundo Borges (2004, p. 84), os dados relativos ao BDS Pampa foram estratificados obedecendo aos critérios a seguir: sexo/gênero (feminino e masculino), faixa etária (16 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos ou mais) e escolaridade (nível fundamental, nível médio e nível superior). Já os dados referentes à amostra VarX foram coletados observando os seguintes aspectos: idade, escolaridade e sexo/gênero, local de moradia (centro, periferia e arrabalde), renda (até dois salários mínimos, de dois até cinco salários mínimos, e acima de dez salários mínimos), profissão (manual, técnica ou intelectual), e posição social (níveis médio-alto, médio-baixo e baixo).

Os resultados acerca do uso de *nós* e *a gente* (expressos e não-expressos) em ambas as cidades mencionadas indicam percentuais interessantes e, ao mesmo tempo, peculiares das duas comunidades envolvidas. Na cidade de Pelotas, foram 2.057 ocorrências do pronome indicativo de 1ª pessoa do plural, sendo 64% do novo pronome *a gente* expresso e 9% da forma não-

expresso. Quanto ao pronome canônico, foram 21% do pronome *nós* expresso e 7% da forma não-expresso. Na cidade de Jaguarão, os resultados também favorecem o pronome inovador, embora o percentual seja um pouco menor se comparado com o percentual de uso do pronome *a gente* na cidade de Pelotas. No total foram 1869 ocorrências de 1ª pessoa do plural, sendo 51% do novo pronome *a gente* expresso e 1% da forma não-expresso. Em relação ao pronome *nós*, os percentuais são de 26% expresso e 21% da forma não-expresso. Segue o gráfico com os dados evidenciados neste parágrafo:

Gráfico 3 - Percentuais de uso de *nós* e *a gente* (expresso e não-expresso) na língua falada nas comunidades de Jaguarão e Pelotas.



Fonte: Borges (2004, p.120)

Borges (2004, p. 121) explica que os cidadãos de Jaguarão são mais conservadores, em especial, no tocante aos usos não expressos do pronome de primeira pessoa do plural *nós*. Como vemos, ambas as pesquisas – de Zilles (2007) e de Borges (2004) – revelam o crescimento do pronome *a gente* em detrimento do pronome tradicional *nós* na fala dos gaúchos.

Em relação aos resultados das variáveis de Borges, optamos por apresentar, inicialmente, os resultados da variável linguística paralelismo formal e na sequência os resultados das variáveis sociais. Em conformidade com Borges (2004, p. 128), o grupo de fatores da variável paralelismo formal mostrou-se muito significativo, tanto que foi selecionado em primeiro lugar nas duas cidades em estudo. Neste caso, a hipótese inicial de Borges (2004, p. 128) era a de que “o falante tende a repetir a mesma forma e o mesmo sujeito pronominal dentro de uma estrutura discursiva.”

Tabela 3- O uso de a gente em Jaguarão e Pelotas e o paralelismo formal (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

FATORES	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R	Aplic.	Ocor.	%	P.R
B- Primeira referência	292/	356	82	0,66	266/	313	85	0,30
N- a gente c/ =referente oração anterior	423/	479	88	0,73	639/	650	98	0,88
O- a gente c/ ≠referente oração anterior	79/	114	69	0,73	148/	161	92	0,58
P, Q- nós c/ ref.= e/ou ≠ oração anterior	47/	264	18	0,09	14/	273	5	0,01
R- Ø c/ = ref. Oração anterior (v. 3ª p.s)	-	-	-	-	107/	109	98	0,90
R, T- Ø c/ = referente oração anterior	25/	38	66	0,45	-	-	-	-
S- Ø c/ ≠ref. Oração anterior (v. 3ª p.s)	-	-	-	-	17/	21	81	0,34
S, U- Ø c/ ≠referente oração anterior	6/	12	50	0,28	-	-	-	-
T, U - =Ø com v. 1ª p.p. oração anterior	-	-	-	-	26/	33	79	0,40
<b>TOTAIS</b>	872/	1263	69		1217	1560	78	

Fonte: Borges (2004, p. 129)

Borges (2004, p. 129) explica que, quanto à primeira referência, os percentuais de Jaguarão (82%) e Pelotas (85%) são muito próximos. Entretanto, o autor salienta que, pelos percentuais totais de emprego de *a gente* nas duas comunidades, seria de esperar que os dados da cidade de Pelotas, com percentual médio de aplicação de *a gente* de 78%, obtivesse peso relativo superior ao da cidade de Jaguarão, que apresentou percentual médio menor de 69%. Todavia, o pesquisador constata que não foi o que ocorreu, visto que o peso relativo de Jaguarão de 0,66, nos registros de primeira pessoa, representa mais do que o dobro do peso relativo de Pelotas de 0,30. Neste sentido, Borges (2004, p. 130) supõe que outros fatores de ordem linguística-social e também de ordem de processamento linguístico estejam atuando

conjuntamente para a organização sintática das estruturas linguísticas e expliquem essa diferença em termos de peso relativo entre as duas cidades referidas.

Borges (2004, p. 130) acrescenta ainda que a força do paralelismo pode ser observada também em contextos em que o pronome *a gente* é antecedido de sujeito *a gente* não explícito, acompanhado de verbo na terceira pessoa do singular, e com a mesma referência. O pesquisador entende que, nestes casos, o aspecto semântico atua mais fortemente pela manutenção do mesmo referente. Assim, o peso relativo para a cidade de Pelotas foi de 0,90, o que, para ele, demonstra o efeito do paralelismo neste contexto. Em relação à cidade de Jaguarão, o autor verifica que o efeito foi bem menor, com peso relativo de 0,45, o que diferencia do contexto, com referente diferente, com peso relativo de somente 0,28. O estudioso explica que outros contextos precedentes, como, por exemplo, os associados ao pronome *nós*, tanto explícito como não explícito, desfavorecem o uso da forma inovadora *a gente*.

Borges (2004, p. 131) conclui esta discussão acerca dos dados da tabela 3 com a seguinte constatação: “os resultados revelam que o efeito do paralelismo se dá de forma mais contundente, quanto mais similares forem os elementos precedentes.”

Por fim, Borges (2004, p. 132) questiona a tendência de “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros.” Para ele, se fosse assim, não teria localizado, em sua amostra, exemplos com alternâncias tão grandes de formas (expresso e não-expresso) em função da cadeia referencial. A hipótese do autor, em relação a essa observação, é a de que “parece haver na estrutura do plano do discurso cadeias referenciais que interferem na escolha dos falantes para a manutenção da continuidade do discurso e não somente para a simples manutenção de formas paralelas.”

Com a finalidade de testar essa hipótese, Borges (2004, p. 132) realizou uma rodada somente com a distinção entre referentes iguais e referentes diferentes, retirando da rodada os casos de primeira referência e de sujeitos não expressos.



Tabela 4- O paralelismo formal e a continuidade da referência (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R	Aplic.	Ocor.	%	P.R
N.P- mesmo referente na oração anterior	455/	656	66	0,69	652/	900	72	0,71
O, Q- diferente referente na oração anterior	94/	171	55	0,32	149	184	81	0,37
<b>Totais</b>	549/	857	64		801/	1084	75	

Fonte: Borges (2004, p. 133)

Em relação à tabela 4, Borges (2004, p. 133), ao analisar os resultados da rodada com a distinção entre referentes iguais e referentes diferentes, verifica que uma vez estabelecida a referência no primeiro plano, parece não existir por parte dos usuários da língua uma preocupação no que se refere à forma (*a gente* ou *nós*), devido à manutenção da continuidade do discurso, e não simplesmente de formas paralelas. Para o estudioso, há um princípio geral de continuidade de referência (ou de sujeito) no plano do discurso que explicaria a manutenção de certas formas paralelas, em especial, àquelas que mantêm o referente. O autor frisa que diferentemente, tem-se casos em que é imprescindível o emprego de determinada forma, para que ocorra uma melhor compreensão do discurso por parte do ouvinte.

Finalmente, Borges (2004, p. 134) chega a duas conclusões sobre a variável paralelismo formal, a saber: primeiro, parece existir uma determinada polarização dos resultados do paralelismo formal, em torno do pronome *a gente* expresso (independente do referente) e não-expresso (com o mesmo referente); e, segundo, o fato do novo pronome ser favorecido, quando antecedido na oração anterior da mesma forma e do mesmo referente, não pode ser interpretado somente como um resultado do paralelismo formal, mas como uma associação de causas interligadas a fatores resultantes de diferentes aspectos linguísticos, como, por exemplo, aspectos funcionais, discursivos, psicolinguísticos ou estilísticos. Visto dessa forma, a motivação em torno do paralelismo, não seria simplesmente superficial, mas resultado de outros fatores (de ordem subjacente) que influenciariam na escolha das formas a serem empregadas pelo usuário da língua.

Consideramos importante apresentar também os dados relativos às variáveis sociais gênero e classe social no que concerne ao uso dos pronomes *nós* e *a gente* pelos falantes das

idades de Jaguarão e Pelotas. Posteriormente, pretendemos analisar essas duas variáveis em obras literárias destinadas ao público infantojuvenil, por isso precisamos de dados de língua falada para estabelecermos uma comparação entre fala e escrita.

Nos estudos de Borges (2004, p. 147) três variáveis sociais fizeram parte do envelope de variação, são elas: gênero, faixa etária e classe social. Destas, conforme o autor, as variáveis faixa etária e classe social foram selecionadas como estatisticamente significativas em Jaguarão e Pelotas.

Em relação à variável faixa etária, Borges (2004, p. 148) afirma que os resultados finais confirmam a sua hipótese inicial de que os falantes mais jovens tendem a usar o novo pronome. Segundo ele, os falantes mais jovens (de 16 a 25 anos) foram os que mais favoreceram o uso do pronome *a gente*. Na cidade de Jaguarão, o percentual foi de 76% e o peso relativo de 0,70. Já na cidade de Pelotas, o percentual foi maior, de 86%, e peso relativo de 0,71. O autor destaca que os falantes da faixa etária entre 26 e 49 anos indicaram uma leve diferença de comportamento. No caso desta última faixa etária, em Jaguarão o percentual ficou em 70% e o peso relativo em 0,47, como bem salienta o pesquisador, o peso relativo ficou próximo do ponto neutro. Em Pelotas, o autor nos informa que encontrou um percentual de 82% e peso relativo de 0,56. Finalmente, quanto à faixa etária dos falantes com mais de 50 anos, Borges verifica que os pesos relativos para as duas cidades mostraram que este grupo de falantes é o que menos favorece o uso do novo pronome. Os resultados podem ser vistos na tabela 5 que segue:

Tabela 5- O uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas e a faixa etária (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R	Aplic.	Ocor.	%	P.R
A- De 16 a 25 anos	418/	549	76	0,70	349/	405	86	0,71
C- De 26 a 49 anos	293/	419	70	0,47	577/	700	82	0,56
E- 50 anos ou mais	161/	295	55	0,27	291/	455	64	0,29
<b>TOTAIS</b>	872/	1263	69		1217/	1560	78	

Fonte: Borges (2004, p. 149)

Borges (2004, p. 149), ao analisar os resultados da tabela acima, explica que, com base na análise em tempo aparente, os resultados mostram uma evidente tendência em prol do pronome *a gente* motivada pelos falantes mais jovens, o que, para ele, é compatível com o

processo de mudança em curso. Por fim, o linguista observa que a mudança em curso é fundamentada pelos pesos relativos e pelos percentuais. Além disso, acrescenta que a mudança está mais adiantada na cidade de Pelotas do que na cidade de Jaguarão.

Quanto à variável social classe social, antes de apresentar os resultados, Borges (2004, p. 150) ressalta que esta variável está estruturada com base em dimensões sociais de escolaridade, renda, local de moradia e profissão. Em seguida, o autor nos apresenta a tabela 6 em que estão os resultados para a referida variável:

Tabela 6- O uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas e a classe social (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo) (aplicação, ocorrências, percentual e peso relativo)

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R	Aplic.	Ocor.	%	P.R
B- Classe baixa	296/	372	80	0,67	317/	435	73	0,31
M- Classe média-baixa	288/	459	63	0,38	469/	588	80	0,39
T- Classe média-alta	288/	432	67	0,48	431/	537	80	0,76
<b>Totais</b>	872/	1263	69		1217/	1560	78	

Fonte: Borges (2004, p. 150)

No que concerne aos resultados, Borges (2004, p. 150) constata que a distribuição do uso do pronome *a gente* não é equilibrada nas duas comunidades no que tange à classe social. O autor verifica que, em Jaguarão, a classe baixa favorece o novo pronome com peso relativo de 0,67, ao passo que, em Pelotas, é a classe-média-alta, com peso relativo de 0,76 quem favorece a forma inovadora.

Borges (2004, p. 150) ainda argumenta que os resultados demonstram que, em Jaguarão, a diferenciação ocorre entre as classes médias (baixa e alta), que não favorecem o processo de mudança, e a classe baixa que favorece o processo de mudança. Já em Pelotas, a diferenciação ocorre entre a classe média-alta, que favorece o processo de mudança, e as classes baixas, que desfavorecem o processo de mudança da forma *a gente*. Desse modo, a mudança em Pelotas ocorre de “cima para baixo, enquanto que em Jaguarão ocorre o contrário, pois a mudança ocorre de “baixo para cima”, finaliza o autor.

A seguir, apontaremos os resultados da variável social gênero. Borges (2004, p. 152) explica, antes de passar aos percentuais e pesos relativos, que a variável gênero não foi selecionada na rodada geral e nas rodadas específicas com os grupos de variáveis afins. De qualquer forma, o pesquisador achou interessante incluir na análise tal variável em função da sua relevância para os cruzamentos com as variáveis faixa etária e classe social.

Tabela 7- O uso de *a gente* em Jaguarão e Pelotas e o gênero

Fatores	Jaguarão				Pelotas			
	Aplic.	Ocor.	%	P.R	Aplic.	Ocor.	%	P.R
F- Feminino	583/	837	70	0,51	713/	911	78	0,51
M- Masculino	289/	426	68	0,48	504/	649	78	0,49
<b>Totais</b>	872/	1263	69		1217/	1560		

Fonte: Borges (2004, p. 152)

Borges (2004, p. 154) atribui um tímido favorecimento por parte das mulheres ao emprego do novo pronome nas duas cidades em razão do peso relativo estar muito próximo do ponto neutro 0,51. Acrescenta ainda que tanto os percentuais quanto os pesos relativos são muito próximos nas duas comunidades. Mesmo assim, o linguista interpreta que, como os pesos relativos favorecem levemente o gênero feminino, os resultados vão ao encontro de outras pesquisas a respeito do uso do pronome *a gente*, bem como confirmam a sua hipótese inicial acerca da variável gênero.

Borges (2004, p. 153), ao finalizar a seção do fator gênero, nos apresenta a seguinte suposição sobre os seus resultados: “[...] poder-se-ia supor que o favorecimento do uso de *a gente* pelas mulheres seja um indicador de que a mudança esteja ocorrendo de forma mais espontânea, o que acarretaria no uso de *a gente* nas gerações futuras das duas cidades. ”

Deste ponto em diante, passamos a tratar do trabalho da pesquisadora Ana Kelly Borba da Silva Brustolin em sua dissertação intitulada “Itinerário do uso e variação de *nós* e *a gente* em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis”.

Brustolin (2009) tem por objetivo descrever e analisar a variação de *nós* e *a gente* (e suas possíveis realizações na desinência verbal *-mos* e *zero/ Ø* e *-mos*) na fala e na escrita de alunos do Ensino Fundamental (5<sup>a</sup>, 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> série) de quatro escolas da rede pública de ensino de Florianópolis. A autora da dissertação em estudo justifica sua escolha temática amparada na ideia de que tal investigação poderá contribuir para o desenvolvimento dos estudos de

sociolinguística e, ainda, estabelecer um elo entre escola, sociedade e pesquisa. Além disso, segundo a pesquisadora, a averiguação da alternância (ou omissão) dos pronomes de primeira pessoa *nós* e *a gente* nos dados escritos de alunos de escolas públicas é muito importante, pois possibilita a reflexão e atuação dos professores de Língua Portuguesa no ensino fundamental.

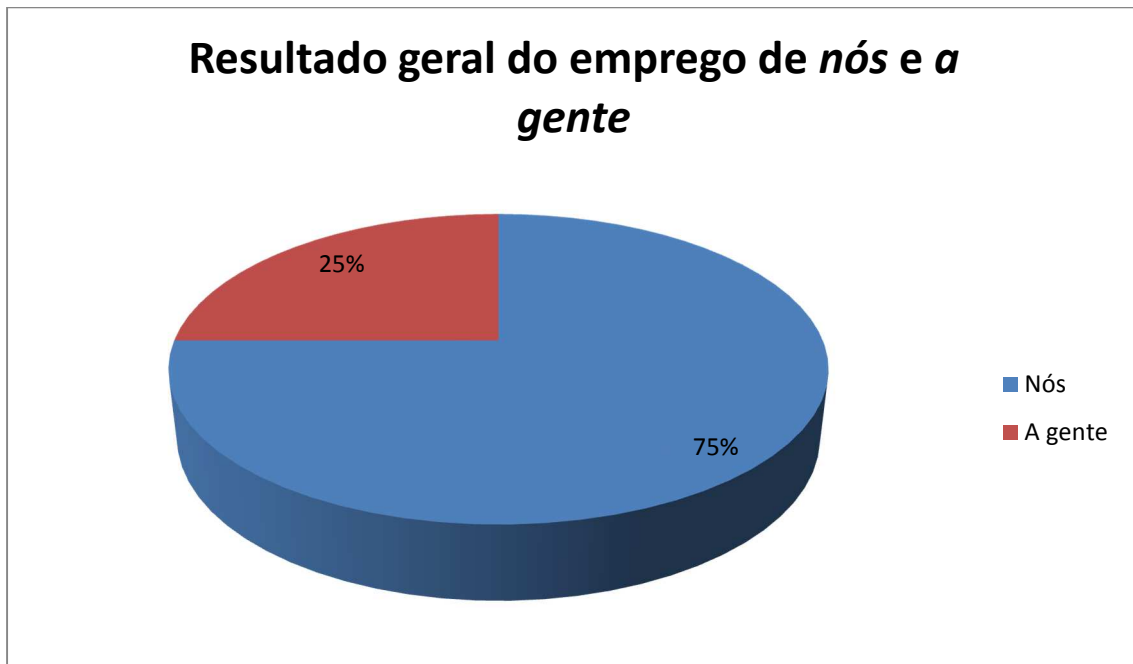
Feita a apresentação inicial da dissertação, passamos aos resultados da análise geral das ocorrências de *nós* e *a gente* nos dados de escrita e fala. Em seguida, apresentaremos os resultados das variáveis linguísticas preenchimento do sujeito e paralelismo formal, bem como da variável social sexo. As três variáveis referidas também foram analisadas neste estudo, por isso, com o intuito de realizar comparações entre as duas pesquisas em termos de resultados finais, apontaremos os resultados relativos aos dados de fala e de escrita no que tange aos três fatores mencionados.

É importante registrar ainda, antes de apresentarmos os resultados finais, que a nossa intenção inicial era tratar dos resultados de fala e de escrita em seções separadas, entretanto, em relação aos estudos de Brustolin, não foi possível realizar tal separação, visto que a mesma apresenta, muitas vezes, na mesma tabela, tanto os dados da modalidade falada quanto da modalidade escrita. Além disso, os comentários da pesquisadora acerca dos resultados são, na maioria das vezes, contrapondo essas duas modalidades.

Brustolin (2009, p. 164), em sua análise geral envolvendo os pronomes *nós* e *a gente*, nos informa que, ao todo, foram 1.667 ocorrências de ambos os pronomes nos dados de escrita e fala dos alunos do segundo segmento do ensino fundamental de Florianópolis. Do total de ocorrências informado, a autora constatou a presença do pronome *a gente* em 424 ocorrências, correspondendo a 25% do total. Em relação ao pronome *nós*, a pesquisadora acrescenta que foram 1243 ocorrências, o que corresponde a 75% do total, conforme podemos observar no gráfico 4, logo a seguir, apresentado pela autora.

Depois de apontar os resultados da rodada geral, a autora apresenta uma nota de rodapé nos informando que os dados de escrita são das quatro escolas participantes da pesquisa, entretanto os dados de fala são apenas os coletados na escola 3. A autora justifica sua escolha em função do pouco tempo para a codificação e análise de muitos dados, o que prejudicaria a minúcia necessária para a tarefa.

Gráfico 4 - Distribuição do uso de nós e a gente



Fonte: Brustolin (2009, p. 165)

Brustolin (2009, p. 165) explica que os resultados respondem afirmativamente à introdução do pronome *a gente* no quadro pronominal, como uma variante do pronome de 1ª pessoa do plural, visto que a forma inovadora está se efetivando na língua, tanto na modalidade falada quanto na modalidade escrita, dos alunos do ensino fundamental da Rede Pública de Florianópolis.

Brustolin (2009, p. 172), ao tratar da variável preenchimento do sujeito, tinha como objetivo averiguar se os pronomes *nós* e *a gente*, na escrita formal presente nas produções textuais de estudantes, assim como na fala, já estão se direcionando para o preenchimento do sujeito. Dessa forma, a pesquisadora elegeu duas formas para o falante referir-se à primeira pessoa do plural: sujeito preenchido e sujeito nulo.

Os resultados encontrados por Brustolin (2009, p. 175), em relação ao uso dessa variável, mostram que há a predominância do pronome *a gente* no que concerne ao sujeito preenchido com 51%, ao passo que o *a gente* nulo alcançou somente 1%. A pesquisadora destaca que, ao comparar o emprego de *a gente* pleno ao emprego de *nós* pleno, a porcentagem é de 51% contra 49% respectivamente, com peso relativo de 0.89 para o *a gente*. Ao analisar os casos de nulos, a autora observou que há mais sujeito nulo com *nós* (99%) do que com *a gente* (1%). Com esses resultados, Brustolin afirma que teve a sua hipótese inicial confirmada,

visto que acreditava que, se a marca está colocada no morfema do verbo, o sujeito pode ser nulo. Os resultados comentados neste parágrafo podem ser visualizados na tabela 8 que segue:

Tabela 8- Frequência e probabilidade de *a gente*, segundo a variável preenchimento do sujeito, amostra de dados de fala e de escrita de alunos de escolas públicas de Florianópolis, SC

<b>Preenchimento do sujeito</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>P.R</b>
Sujeito preenchido	415/818	51%	.89
Sujeito nulo (∅)	9/849	1%	.12
<b>TOTAL</b>	<b>424/1.667</b>	<b>25%</b>	

Fonte: Brustolin (2009, p. 175)

Brustolin (2009, p. 176), com o intuito de saber se a mudança que vem se estabelecendo na fala já está aplicada à escrita formal, realiza o cruzamento entre as variáveis fala/escrita e preenchimento do sujeito. Os resultados desse cruzamento podem ser evidenciados na tabela 9 abaixo:

Tabela 9- Frequência de *a gente* e de *nós*, segundo cruzamento entre as variáveis fala/escrita e preenchimento do sujeito

	<b>PREENCHIMENTO DO SUJEITO</b>	<b>ESCRITA</b>		<b>FALA</b>	
		<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>
<b>A gente</b>	Sujeito preenchido	169/174	97%	246/250	98%
	Sujeito nulo	5/174	3%	4/250	2%
	<b>Total</b>	<b>174/1284</b>	<b>14%</b>	<b>250/383</b>	<b>65%</b>
<b>Nós</b>	Sujeito preenchido	383/1110	35%	20/133	15%
	Sujeito nulo	727/1110	65%	113/133	85%
	<b>Total</b>	<b>1110/1284</b>	<b>86%</b>	<b>133/383</b>	<b>35%</b>

Fonte: Brustolin (2009, p. 176)

Brustolin (2009, p. 176) ressalta que os resultados evidenciam que os índices de preenchimento de *a gente* são praticamente iguais na modalidade falada e escrita, 98% e 97%, respectivamente. Já em relação ao pronome *nós*, a pesquisadora salienta que os resultados se

mostraram o oposto dos índices relativos ao novo pronome, visto que o pronome canônico atingiu apenas 15%, na fala, e 35%, na escrita. Em contrapartida, o pronome tradicional vem preferencialmente nulo nas duas modalidades: 85% na fala e 65% na escrita. A autora conclui, a partir desses resultados, que há uma disparidade maior entre o sujeito preenchido e sujeito nulo quando se emprega o pronome *a gente* do que quando se emprega o pronome *nós*, em ambas as modalidades.

Assim como nesta pesquisa, Brustolin (2009, p. 178) também testou à variável linguística paralelismo formal. A hipótese inicial da pesquisadora em relação à variável já referida era a de que “a primeira ocorrência de um pronome condicione com as seguintes, desencadeando, portanto, uma série de repetições da mesma forma pronominal”. Desse modo, a autora esperava que, quando o aluno-informante iniciasse uma sequência discursiva empregando o sujeito *nós* ou o sujeito *a gente*, para fazer referência a um grupo maior ou menor de pessoas de que faça parte, ele continuasse a utilizá-lo nas proposições seguintes.

Em nosso estudo analisamos somente o paralelismo formal do tipo sujeito-sujeito, por isso, embora Brustolin tenha analisado outros tipos de paralelismo, ater-nos-emos somente ao tipo já referido, até porque a autora afirmou que o paralelismo formal (sujeito-sujeito) foi o que se mostrou mais significativo no resultado das rodadas estatísticas no programa Varbrul.

Brustolin (2009, p. 179) explica que adotou alguns critérios para tratar do tipo de paralelismo formal sujeito-sujeito. Assim, a existência de uma série está condicionada ao fato dos sujeitos *nós* e *a gente* ocorrerem dentro de um limite próximo de dez orações sem a intervenção do entrevistador. Além disso, a autora considerou como estruturas paralelas para o pronome inovador os seguintes casos: *a gente... Ø*, *a gente... a gente*, *a gente...-mos*, *a gente... nós*. Na sequência, encontra-se a tabela 10 apresentada pela pesquisadora com os resultados da frequência e probabilidade de *a gente*, segundo a variável paralelismo formal:

Tabela 10- Frequência e probabilidade de *a gente*, segundo a variável paralelismo formal

<b>Paralelismo formal</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
<b>a gente...Ø</b>	10/12	83%	.96
<b>a gente... a gente</b>	267/386	69%	.72
<b>a gente... -mos</b>	102/876	12%	.49
<b>a gente... nós</b>	45/393	11%	.28
<b>TOTAL</b>	424/1667	25%	

Fonte: Brustolin (2009, p. 179-180)



Brustolin (2009, p. 180) observou que, quando o pronome *a gente* inicia uma série, o peso relativo de 0,96 favorece o uso de verbo +  $\emptyset$  nas formas subsequentes. Todavia, a pesquisadora chama a atenção para o fato de que, neste caso, identificaram-se somente 10 ocorrências de um total de 12. Para ela, trata-se de um número muito pequeno se considerado os 267 registros relativos à estrutura paralela *a gente... a gente* de percentual de 69% e peso relativo de 0,72. Assim, argumenta que, quando o pronome *a gente* inicia uma série, há uma forte tendência que a escolha influencie o emprego de *a gente* + *a gente* nas formas seguintes.

Em relação à tabela acima, a autora comenta ainda que os resultados concernentes aos casos de *a gente...-mos* totalizaram, dos 876 registros, 102 casos de *agente* e peso relativo de 0,49. Para esses registros, Brustolin explica que os episódios de *a gente* com desinência *-mos* ocorrem sempre depois de uma pausa. A estudiosa supõe que o falante use a desinência para recuperar o referente. No tocante aos registros de *a gente... nós*, a mesma atribui o emprego a contextos em que os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* não são realizados formalmente, isto é, com a marca morfêmica adequada.

A seguir, apresentaremos os resultados e discussões das variáveis sociais abordadas por Brustolin. É importante registrar que nos ateremos somente às variáveis sociais que são abordadas neste estudo, assim, da dissertação da autora referida, apontaremos os resultados encontrados da variável sexo dos informantes.

De acordo com Brustolin (2009, p. 193) a variável sexo foi selecionada pelo programa estatístico Varbrul com sendo o sexto grupo mais significativo para o seu estudo. A hipótese inicial da autora acerca dessa variável é a de que as alunas tendam a empregar mais o pronome *a gente* tendo em vista que o pronome em questão não carrega muito estigma.

Tabela 11: Frequência e probabilidade de *a gente*, segundo a variável social sexo dos informantes

<b>Sexo</b>	<b>Aplicação/ Total</b>	<b>%</b>	<b>PR</b>
Masculino	144/708	20%	.32
Feminino	280/959	29%	.64
TOTAL	424/1667	25%	

Fonte: Brustolin (2009, p. 194)

Brustolin (2009, p. 195) inicia a sua análise afirmando que os resultados da tabela 11 corroboraram a hipótese de que as mulheres tendem a empregar mais o pronome *a gente* do que

os homens, visto que as mesmas utilizaram o novo pronome em 29% dos registros, com peso relativo de 0,64. A autora chama a atenção para o fato de que a frequência, no caso desta variável, não foi tão alta, possivelmente, devido aos resultados da fala e da escrita estarem juntas.

Devido à baixa frequência de *a gente* em dados de informantes mulheres, Brustolin (2009, p. 195) resolveu realizar um cruzamento entre as variáveis sexo, fala e escrita, a fim de constatar se o percentual do pronome é elevado na modalidade falada, conforme atestam outras pesquisas consultadas pela mesma e se já existe um uso efetivo de *a gente* na modalidade escrita. A tabela que segue apresenta os resultados encontrados pela autora:

Tabela 12- Frequência de *a gente*, segundo cruzamento entre as variáveis fala/ escrita e sexo dos informantes

<b>SEXO</b>	<b>Aplicação/ Total ESCRITA</b>	<b>% ESCRITA</b>	<b>Aplicação/ Total FALA</b>	<b>% FALA</b>
<b>Masculino</b>	57/523	11%	87/185	47%
<b>Feminino</b>	117/761	15%	163/198	82%
<b>TOTAL</b>	174/1284	14%	250/383	65%

Fonte: Brustolin (2009, p. 195)

Brustolin (2009, p. 195) explica que os resultados deste cruzamento indicam que, na modalidade falada, entre as alunas, 82% dos registros foram de *a gente* contra 18% do pronome *nós*. Já no que se refere à modalidade escrita, a autora relata que os resultados mostram que, entre as alunas, 15% dos registros são do novo pronome e 85% do pronome canônico. Já os alunos, empregaram o novo pronome em 11% das ocorrências na escrita, contra 89% do pronome canônico. Para a pesquisadora, embora o percentual de emprego de *a gente* na modalidade escrita não seja tão elevado como na modalidade falada, já se mostra evidente e em uso na escrita escolar (narrativa pessoal).

Por fim, ainda acerca desta variável, Brustolin (2009, p. 195) destaca que, em seu estudo, a frequência geral de *a gente* na modalidade falada é bem elevada (65%), apontando que a mudança já é bastante avançada e caminhando para a modalidade escrita que obteve como percentual geral 14% de uso do novo pronome.

## 2.5 Resultados de estudos de língua escrita sobre o uso de *a gente*

Em relação aos estudos que tratam do pronome *a gente* no âmbito da língua escrita, ater-nos-emos novamente aos resultados das pesquisas de Borges (2004) e Brustolin (2009). Tal opção tem a ver com o fato de tais pesquisas terem sido produzidas nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, sendo, portanto, próximas, em termos geográficos, aos nossos dados.

Borges (2004, p. 45) é um autor que contribuiu com a pesquisa sobre o pronome *a gente* tanto na língua falada quanto na língua escrita. Em sua tese de doutorado, o estudioso realizou um levantamento a respeito dos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* em onze peças de teatro de autores gaúchos a contar do ano de 1896 até 1995. Ao todo, a pesquisa compreende um período de tempo de cem anos, com intervalos de dez anos entre a publicação de uma peça teatral e outra.

Borges (2004, p. 45) explica que a escolha do final do século XIX justifica-se por dois fatores principais: o primeiro fator, em função de este século ser considerado o marco da formação histórica do estado do Rio Grande do Sul; o segundo fator, pelo fato de coincidir com os primeiros registros de estudos linguísticos já realizados sobre o uso do pronome inovador *a gente*. O pesquisador ressalta que os primeiros registros do pronome de primeira pessoa do plural *a gente* foram localizados na segunda metade do século XVIII, porém as ocorrências do pronome em estudo somente se intensificam a partir do século XIX em diante.

Ainda acerca das obras escolhidas para análise, Borges (2004, p.48) afirma que os textos escolhidos têm a comédia como gênero principal ou são peças que reflitam, da melhor maneira possível, a vida cotidiana de certas pessoas e grupos por meio de seus costumes. O autor acrescenta ainda que a decisão por peças de teatro e, mais especificamente, peças que mostrassem o cotidiano das pessoas se deu em razão da intenção de mostrar a linguagem mais informal utilizada por cidadãos comuns em seu dia a dia, aproximando-se o máximo possível do vernáculo. Além disso, para ele, as peças de teatro são textos na modalidade escrita, porém com a finalidade de serem falados, sendo, portanto, mais próximos da oralidade do que qualquer outro gênero.

Borges (2004, p 48) destaca que as peças de teatro, em especial as comédias, podem compor um importante *corpus* para os interessados nos estudos linguísticos, visto que os diálogos tendem a recriar, em maior ou em menor grau, a linguagem cotidiana dos grupos envolvidos. Assim como os autores de literatura infantojuvenil selecionados para esta dissertação, todos os dramaturgos são gaúchos. Tal fato, no ponto de vista do autor, é importante no que tange aos aspectos relacionados à linguagem, pois certas variedades de usos da língua

localizadas nas obras podem estar atreladas a atitudes, opção estética, bem como a origem regional do escritor. Em relação à literatura infantojuvenil, *corpus* desta dissertação, a escolha por autores gaúchos ou por aqueles que aqui viveram e publicaram suas obras também segue o pensamento de que a linguagem pode revelar aspectos inerentes aos hábitos e costumes do povo gaúcho, assim como do escritor.

Alguns critérios foram adotados por Borges (2004, p. 49) ao realizar o levantamento dos dados apontados anteriormente. Um deles foi a escolha por somente escritores do sexo masculino. Segundo o mesmo, a seleção de obras de escritores homens ocorreu em razão da escassez de publicação ou de divulgação de autoras femininas no século XIX e início do século XX, principalmente no que se refere ao teatro. O pesquisador frisa que o foco do seu estudo não era a realização de uma pesquisa diacrônica, mas, sim, uma contextualização para a discussão dos dados de fala coletados no início do ano 2000.

Na interpretação de Borges (2004, p.49), a classe social dos escritores selecionados pode ser importante para definir o caráter diferenciado da linguagem dos personagens. Segundo ele, todos os escritores consultados têm grau de escolaridade acima do médio, alguns até com curso universitário. Os escritores em questão pertenceram a uma camada culturalmente privilegiada da sociedade. Como bem destaca o autor, no final do século XIX e início do século XX, somente poucas pessoas, pertencentes à elite cultural brasileira, chegavam a tais patamares de instrução. Devido ao acesso à educação formal, alguns escritores, não necessariamente todos, perceberam e recriaram a linguagem das pessoas pertencentes às mais variadas camadas da sociedade, visto que a ampliação das experiências culturais oportuniza, em muitos casos, a percepção de certas variações e/ou mudanças linguísticas em andamento.

Os demais aspectos observados por Borges (2004, p. 50) dizem respeito ao tamanho das obras e ao número de personagens envolvidos nas peças. As obras não poderiam ser muito curtas em relação ao número de páginas, pois, dessa forma, seria difícil localizar os objetos de estudo, no caso, os pronomes *nós* e *a gente*. Assim, das onze obras analisadas, o número mínimo de páginas foi vinte e nove páginas e o número máximo cento e trinta e três. A média geral, neste quesito, foi de setenta e oito páginas, considerando todos os livros. Quanto ao último aspecto, o investigador deu preferência por obras que contemplassem o maior número de personagens possível. Desse modo, as chances de se deparar com distintas realidades sociais seriam bem maiores.

Borges (2004, p. 51), com o intuito de facilitar a leitura dos resultados, apresenta a ilustração abaixo, em que lista todas as obras analisadas, assim como as décadas e o número de ocorrências relativas a cada uma das peças estudadas:

Ilustração 1- Décadas e número total de ocorrências das formas *nós* e *a gente* (língua escrita) correspondentes a cada uma das onze peças analisadas.

Obra/ Autor/ Ano	Década	Número de ocorrências
1. A viúva Pitorra (Simões Lopes Neto)- 1896	1890	31
2. A ciumenta velha (Joaquim Alves Torres)- 1905	1900	16
3. Nossa terra (Abadie Faria-Rosa)-1917	1910	725
4. Adão, Eva e outros membros da família (Álvaro Moreira)- 1927	1920	48
5. Iaiá boneca (Ernani Fornari)- 1938	1930	52
6. Seis anos de rádio: história anedótica de Pery & Estellita (Pery Borges)- 1942	1940	74
7. Quando elas queres (Paulo HeckerFilho)- 1958	1950	83
8. A Ponte (Valdir Rizicki)- 1962	1960	145
9. Pode ser que seja só o leiteiro lá fora (Caio Fernando Abreu)- 1974	1970	70
10. Bye, bye sweet home! A barra do tribunal, Casinha pequenina, Tudo no Divã (Ivo Bender)- 1983	1980	20
11. A coisa certa (Júlio Conte)- 1995	1990	101

Fonte: Borges (2004, p. 51)

Borges (2004, p. 51) encontrou, ao todo, 712 ocorrências distribuídas do seguinte modo: 189 registros de *nós* expesso (=27%); 162 ocorrências de *a gente* expesso (=23%); 354 ocorrências de *nós* não expesso (=49%); 7 ocorrências de *a gente* não expesso (=1%). O mesmo ressalta que o total de 712 registros representa a presença das duas formas em todas as funções sintáticas possíveis de ocorrer. Por esse motivo, o percentual relativo ao pronome *a gente* não parece ser muito expressivo tendo em vista a representatividade de somente 23%. Nesse sentido, aponta a tabela 13 a seguir:

Tabela 13- Frequência de *nós* e *a gente* (expresso e não expresso) na língua escrita, em todas as funções sintáticas, nas onze peças de teatro analisadas.

Função sintática	<i>nós</i>	<i>a gente</i>	Ø <i>nós</i>	Ø <i>a gente</i>	Total
	N/ %	N/ %	N/ %	N/ %	N/ %
Sujeito	124/21	122/21	339/57	6/1	591/83
Objeto preposicionado	34/54	21/33	7/11	1/2	63/8
Objeto direto	15/61	5/16	7/ 23	0/0	27/4
Adjunto adnominal	14/74	5/26	0/0	0/0	19/3
Adjunto adverbial	2/18	9/73	1/9	0/0	12/2
TOTAL	189/27	162/23	354/49	7/1	712/100

Fonte: Borges (2004, p. 52)

Já na tabela 13, Borges (2004, p. 52) explica que, considerando os registros dos pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* expressos, o percentual do novo pronome passa para 46%, sendo, portanto, o dobro do percentual divulgado anteriormente. Para ele, principalmente após a década de 60, o pronome *a gente* (com percentuais acima de 35%) passa a competir de fato com o pronome canônico *nós*.

Quanto à situação do pronome *nós* (não-expresso), Borges (2004, p. 52) avalia que houve um evidente decréscimo em seu uso, em função da fixação do pronome inovador *a gente* no quadro pronominal do português brasileiro (PB). A partir de então, em consonância com os estudos do pesquisador, a forma *a gente* passa a substituir o pronome *nós* nas peças de teatro, em decorrência de um processo efetivo de variação entre os dois pronomes, com o incremento da forma inovadora a contar de década de 1960.

Borges (2004, p. 53) constatou que as personagens femininas favoreceram o uso da forma *a gente*, com percentual de 29%, enquanto os personagens masculinos atingiram um percentual de 17%. No caso do pronome *nós*, em casos não-expressos, o pronome atingiu 41%, contra 29% de registros do pronome expresso na fala das personagens femininas. Já na fala dos personagens masculinos, o percentual do pronome não-expresso chegou a 58%, contra 24% expresso.

No que tange à faixa etária, os personagens com menos de 50 anos de idade (16 a 25 anos, com percentual de 26%, e de 26 a 49 anos com percentual de 24%) lideraram a mudança em prol da forma inovadora *a gente*, representando um efetivo processo de mudança em andamento, segundo o autor. Os resultados, no âmbito da língua escrita, são semelhantes aos

dados apontados no artigo de Zilles (2007) acerca da língua falada mencionadas na seção anterior.

No quesito classe social, Borges (2004, p. 53) verificou que a mudança em favor do pronome *a gente* parte de baixo, ou seja, da classe social baixa. Os números mostram percentuais de 32 % da classe social baixa e de 24% da classe média-baixa. Somando os dois percentuais, ambos totalizam mais do que o dobro do percentual da classe média-alta (10%). Por fim, o estudioso conclui que, nesse estágio de gramaticalização do pronome *a gente*, a mudança é favorecida pelas mulheres, pelos jovens e pela classe social baixa.

### 3 METODOLOGIA

Nesta seção, apresentamos a metodologia adotada neste estudo. Para a realização desta pesquisa, alguns critérios foram estabelecidos a fim de que fosse possível delimitarmos os nossos objetos de investigação. As próximas seções tratam de cada um dos critérios, bem como de outras questões relativas à metodologia de trabalho.

#### 3.1 Constituição do *corpus*: critérios de seleção das obras

Primeiramente, optamos por restringir o espaço geográfico de produção e publicação das obras que constituem o *corpus* da pesquisa. Assim, analisaremos somente livros produzidos e publicados por autores gaúchos ou por aqueles que se fixaram no estado do Rio Grande do Sul e aqui produziram textos destinados ao público infantojuvenil.

Quanto ao gênero, decidimos investigar o uso do novo pronome em narrativas ficcionais como, por exemplo, contos e novelas infantojuvenis. Demais gêneros tais como anedota, apólogo, contos de fadas, fábula, lenda, história em quadrinhos, parábola, poesia, romance e teatro não serão considerados para efeitos deste estudo.

É importante registrar que optamos por partir de produções destinadas aos adolescentes e jovens, pois, na literatura infantil, as obras costumam apresentar pouco texto e muitas ilustrações. Obviamente, nesses textos, seriam menores as chances de ocorrência dos pronomes em estudo. Assim, entendemos que não seria produtiva tal investigação visto que os dados seriam submetidos ao tratamento quantitativo. Ao selecionarmos narrativas mais extensas, a probabilidade de encontrarmos os pronomes em questão é muito maior.

Em relação ao número de páginas, os livros analisados apresentam, no mínimo, 43 páginas e, no máximo, 137 páginas. A média de páginas, levando em consideração todas as obras consultadas, é de 89 páginas. Quanto à letra, de um modo geral, o tamanho gira em torno das fontes 12 e 14, predominando, na maioria dos livros, a fonte tamanho 12. Todas as narrativas foram veiculadas no suporte livro (impresso). Outros suportes tais como blogs, livros digitais, jornais, periódicos, revistas e sites não foram levados em consideração durante a seleção das obras que compõem o *corpus* desta dissertação.

O *corpus* permitirá a análise do uso do pronome inovador *a gente* através de uma sucessiva linha de tempo que compreende trinta anos de produção literária dirigida aos jovens gaúchos, bem como aos jovens de outros estados onde tais obras foram distribuídas. Com esse recorte no que tange ao aspecto temporal, será possível investigar se os escritores incluídos na



amostra estariam refletindo em seus textos o processo de mudança em andamento na fala tal como descrito em Borges (2004), Zilles (2007) e Brustolin (2009).

A escolha por narrativas publicadas no Rio Grande do Sul nas três últimas décadas do século XX possibilitou compararmos os resultados de nosso estudo com os resultados das pesquisas que compõem nossa fundamentação teórica, em especial, Zilles (2007). A autora, como vimos, estudou dados de fala a partir de entrevistas dos projetos NURC e VARSUL, que foram gravadas no RS, respectivamente, na década de 1970 e 1990.

Para compor o *corpus*, selecionamos vinte e uma obras literárias que atendem ao exposto anteriormente. Destas, uma é de autoria de Walmir Ayala, uma de Cláudio Levitan, uma de Diana Noronha, uma de Luís Dill, duas de Charles Kiefer, duas de Jane Tutkian, duas de Marcelo Carneiro da Cunha, duas de Moacyr Scliar, quatro de Lygia Bojunga Nunes e, por fim, cinco são de Sérgio Caparelli, distribuídas ao longo das três décadas mencionadas acima.

Cabe acrescentar ainda que, a maioria das obras selecionadas das décadas de 70 e 80, foram citadas por Marchi (2000).

Abaixo segue um quadro com todas as narrativas analisadas:

Quadro 1- Obras literárias que compõem o *corpus* desta pesquisa

<b>Obras Literárias</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Ano de publicação</b>
1. A toca da coruja	Walmir Ayala	1972
2. Angélica	Lygia Bojunga Nunes	1975
3. Andrômeda	Sérgio Caparelli	1976
4. A casa da madrinha	Lygia Bojunga Nunes	1978
5. Os meninos da Rua da Praia	Sérgio Caparelli	1978
6. Corda bamba	Lygia Bojunga Nunes	1979
7. Caminhando na chuva	Charles Kiefer	1982
8. Aventura no rio escuro	Charles Kiefer	1983
9. Tchau	Lygia Bojunga Nunes	1984
10. Meg Foguete	Sérgio Caparelli	1985
11. Pro que der e vier	Diana Noronha	1985
12. A mochila de Gobi	Sérgio Caparelli	1987

13. O tio que flutuava	Moacyr Scliar	1988
14. Os cavalos da República	Moacyr Scliar	1988
15. Codinome Duda	Marcelo Carneiro da Cunha	1992
16. Um time muito especial	Jane Tutikian	1993
17. As meninas da Praça da Alfândega	Sérgio Caparelli	1994
18. A noite das esmeraldas	Luís Dill	1997
19. Alê, Marcelo, Ju & Eu	Jane Tutikian	2000
20. Antes que o mundo acabe	Marcelo Carneiro da Cunha	2000
21. O porão misterioso	Cláudio Levitan	2000

Fonte: Elaborado pela autora.

É importante registrar que a inclusão de muitas obras de um mesmo autor, como no caso das obras de Lygia Bojunga e Sérgio Caparelli, podem enviesar os resultados do trabalho. Assim, para evitar que as três obras de Lygia Bojunga Nunes e as cinco obras de Sérgio Caparelli produzam viés na análise, vamos controlar rigorosamente os resultados do tratamento estatístico e, se necessário, procederemos a análises comparativas, com e sem essas obras, ou mesmo, com apenas uma ou duas, para equiparar critérios em relação a outros autores.

### 3.2 Modelo quantitativo

Em consonância com Guy e Zilles (2007, p. 101), fala-se de um modelo quantitativo na sociolinguística variacionista quando utilizamos um modelo de teoria linguística que visa esclarecer as possibilidades linguísticas e tentamos estendê-lo para explicar também os padrões quantitativos de uso dessas possibilidades através de um modelo matemático. No caso do nosso objeto de estudo, por meio de um modelo quantitativo, procuramos explicar a variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*, bem como os contextos mais favoráveis e os menos favoráveis ao processo. Além disso, ainda com o uso de um modelo quantitativo,

indicarmos a classe social, o gênero e a faixa etária, neste caso, dos personagens das vinte e uma narrativas.

Guy e Zilles (2007, p. 101) explicam que a abordagem principal que busca um modelo adequado aos fatos quantitativos da linguagem é chamada regra variável. Nessa abordagem, as regras ‘opcionais’ são quantificadas, de maneira que cada regra é associada a uma probabilidade geral de uso (input). Ao mesmo tempo, os elementos do contexto da produção que afetam a regra (entendidos como ‘fatores’ nesse modelo) também são associados a pesos (ou probabilidades parciais, apontando, para cada fator, a medida em que tal fator favorece ou desfavorece a regra em questão).

Guy e Zilles (2007, p. 239) apresentam o seguinte conceito para definir peso relativo:

O peso relativo de um fator é um valor calculado pelo Varbrul (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste valor sobre o uso da variante investigada neste conjunto. O valor dos pesos recai sempre no intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal variante nunca acontece quando este fator está presente, e um valor de 1 indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente. O peso é “relativo” ao nível geral de ocorrência da variante, indicado pelo input. [...] Os valores dos pesos recaem no mesmo intervalo entre 0 e 1 que as probabilidades, mas não são tecnicamente equivalentes a probabilidade *stricto sensu*. O valor de um peso entra na equação logística (junto com outros pesos e o input) para modelar a frequência de uso da variante investigada quando o fator estiver presente no contexto da fala.

Para realização do levantamento do comportamento das fatores mencionados acima, valemo-nos do Pacote Estatístico Goldvarb X, de Sali A. Tagliamonte da Universidade de Toronto. O Goldvarb X foi desenvolvido a partir do Golvarb 2001 (por Steve Harlow, com apoio do Departamento de Linguística da Universidade de York. Ainda que os cálculos necessários requeridos para uma análise de regras variáveis possam ser realizados com a ajuda de pacotes de software de estatísticas gerais de uso geral, como o SPSS, é mais frequentemente feito por meio de um software especializado dedicado às necessidades dos sociolinguistas, chamado Varbrul. Ele foi originalmente escrito por David Sankoff (numa base desenvolvida por Susan Pintzuk) e atualmente existe para Mac OS (nome original era Golvarb 2.0, de Rand & Sankoff 1990), e Microsoft Windows, sob o título de Goldvarb X.

Como a variação linguística não é inteiramente aleatória, mas governada por regras, é também conhecida como "variação estruturada". Uma análise de regras variáveis calcula um modelo estatístico multivariado, com base na contagem de *tokens*, de modo que a cada fator determinante é atribuído um peso numérico que busca descrever como ele influencia as probabilidades de escolha de qualquer forma. Isso é feito por meio de *stepwise logistic*

*regression* (regressão logística gradual), usando um algoritmo de *maximum* (máxima verossimilhança).

É importante salientar que é de extrema importância a interpretação do pesquisador sobre os resultados para que o mesmo compreenda os efeitos dos fatores linguísticos e sociais sobre as variáveis.

### 3.3 A variável dependente

A nossa variável dependente é composta pelos pronomes pessoais de primeira pessoa do plural *nós*, *a gente*, pronome nulo de *nós* com flexão verbal em primeira pessoa do plural (P4) e pronome nulo de *a gente* com flexão verbal em terceira pessoa do singular (P3), na função de sujeito, conforme podemos verificar no seguinte exemplo destacado da obra *Corda Bamba* (1979), de Lygia Bojunga Nunes:

(1) “Dona Maria Cecília Mendonça de Mello ajeitou o cabelo depressa, deu um sorriso depressa: — O Quico mora no interior, mas os pais estão viajando e ele veio passar uma temporada conosco. Ele é neto do Pedro, sabe, Maria? Você lembra do Pedro?

Maria franziu a testa, sacudiu a cabeça.

— Eu acho que você e o Pedro nunca se encontraram, não sei, não me lembro bem. **Nós estivemos** separados e... não, não, agora eu estou me lembrando: no tempo que você morou comigo, eu e o Pedro estávamos separados, você nunca se encontrou com ele.

— Parou de falar de repente. Olhou pra Barbuda. — Por que vocês não me avisaram que ela chegava hoje?

— É que, conforme eu expliquei pra senhora no telefone, eu, quer dizer, a Maria, quer dizer, **a gente**, achou melhor (**a gente**)<sup>2</sup> deixar passar um tempo e...

— Eu entendi, eu entendi tudo, mas você podia ter dito, **vamos** chegar no dia tal, na hora tal.” (NUNES, 1982, p.11).

A nossa intenção, com o levantamento acerca do preenchimento ou não do sujeito, é verificar se os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* são plenos ou nulos nas vinte e uma obras literárias selecionadas para este estudo. Ademais, interessa-nos também o percentual e o peso relativo dos pronomes *nós* e *a gente* pleno e nulo em termos de ocorrências, pois, assim, será possível identificar se a forma inovadora *a gente* é a opção majoritária dos autores na escrita e como se dá a continuidade da referência, no caso de uma série de menções a um mesmo referente.

---

<sup>2</sup>Toda vez que apresentarmos exemplos acerca dos casos de nulo de *a gente*, o pronome em questão aparecerá entre parênteses para diferenciar dos casos em que o pronome *a gente* aparece preenchendo a posição de sujeito.

Nas palavras de Zilles (2007), o encaixamento linguístico do novo pronome *a gente*, na função de sujeito, está indiretamente contribuindo para a mudança no paradigma da concordância verbal, sinalizando para a sua redução, visto que é comum encontrarmos o pronome inovador seguido de verbo na 3ª pessoa do singular. Entretanto, a autora explica que há casos do uso do pronome em questão acompanhado de verbo na 1ª pessoa do plural. No levantamento realizado em vinte e uma obras literárias direcionadas ao público infantojuvenil, não encontramos nenhuma ocorrência do novo pronome seguido de verbo na primeira pessoa do plural.

Investigamos, assim, formas presentes na língua escrita que o usuário pode escolher e usar para referir-se à primeira pessoa do plural tanto com a posição do sujeito pleno quanto com a posição do sujeito nulo.

Acreditamos na hipótese de que haverá mais incidência de sujeito pleno com o pronome *a gente* pelo fato de predominar, nos textos analisados, o discurso direto entre os personagens, como, por exemplo, casos em que os personagens jovens conversam entre si. Além disso, como já destacamos, o texto literário infantojuvenil é entendido como um texto com muitos traços de oralidade. Nesse sentido, cremos que os resultados sejam semelhantes aos estudos de Zilles (2007) e, no que tange à língua oral ainda, aos de Borges (2004). Por fim, nossa expectativa é de que a construção com sujeito nulo e desinência verbal seja de escolha no caso da continuidade da referência, ao passo que os pronomes tendam a ser plenos nos contextos de introdução de referência, em contraste com a oração ou enunciado anterior.

### **3.4 Definição das variáveis linguísticas**

De acordo com Calvet (2002, p. 102), temos uma variável linguística quando duas formas diferentes têm exatamente o mesmo significado e quando as diferenças que essas formas representam têm uma função estilística ou social. Todavia, como bem salienta Calvet (2002, p. 103), “resta o problema de saber a que função correspondem essas diferentes formas”.

Calvet (2002, p. 103) explica ainda que essas diferentes formas podem se dividir em relação ao seu uso em: faixa etária, sexo<sup>3</sup> dos falantes e classe social. Para o autor, uma descrição sociolinguística consiste em investigar esse tipo de correlações entre variantes linguísticas e sociais realizando triagens cruzadas e interpretando os cruzamentos que se mostrarem significativos para a pesquisa.

---

<sup>3</sup> Atualmente, é preferível conceber essa variável como gênero (social), já que sexo é considerado uma categoria biológica.

Tendo por base os resultados de pesquisas voltadas para a mesma temática (BORGES, 2004; ZILLES, 2007; BRUSTOLIN, 2009), estabelecemos as condições linguísticas e também sociais para a descrição da variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* em obras literárias destinadas ao público infantojuvenil.

As variáveis independentes linguísticas compreendem um grupo de fatores que favorecem ou não as variantes da variável dependente, neste caso, os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*. Segundo esse modelo sociolinguístico, os fatores extralinguísticos (externos e sociais) e linguísticos (internos e estruturais) atuam diretamente sobre as variáveis dependentes, sendo imprescindíveis para explicar os fenômenos investigados nas pesquisas variacionistas.

Neste trabalho, adotamos quatro variáveis linguísticas que podem estar relacionadas às formas pronominais de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*. Pela ordem de menção no capítulo de análise, eis as quatro variáveis: tipo de referência, tipo de discurso, tipo de narrador e paralelismo formal.

#### 3.4.1 Tipo de referência

A primeira variável é o tipo de referência. Para tratar dos graus do tipo de referência recorreremos ao artigo intitulado *A pessoalização do pronome a gente sob a perspectiva da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste* de autoria de Paulo R. S. Borges. No artigo já referido, ater-nos-emos à seção *quatro* destinada a tratar dos graus de pessoalização da forma *a gente*.

De acordo com Borges (2004, p. 166), os pronomes *eu* e *tu* são os únicos que indicam de fato a categoria de “pessoa”, no sentido de pessoa do discurso. Assim, a forma ampliada *a gente* pode apresentar diferentes graus de pessoalização em função da presença do *eu* ser constitutiva de *a gente*. O autor chama a atenção para o fato de que o processo de pluralização de *a gente* não pode ser aplicado de modo simétrico ao que ocorre com a terceira pessoa, que possui como marca a ausência do que caracteriza estritamente o *eu* e o *tu* exatamente por estar fora da “pessoa” específica, ou seja, fora do *eu* e do *tu*. Como vemos, na Teoria da Enunciação, a chamada “terceira pessoa” é concebida como a *não pessoa*, no sentido de não ser nem *eu* (aquele que fala), nem *tu* (aquele a quem o *eu* se dirige).

A respeito do caráter plural da forma inovadora, Borges (2004, p. 167) apresenta os seguintes esclarecimentos:

O pronome *a gente* diz respeito a um plural que deve ser interpretado como “eu” somado a uma ou mais pessoas, no qual o ouvinte pode ou não estar incluído. *A gente* não é plural de “eu”, mas apenas inclui uma referência “eu” e é plural, já que envolve o “eu” e o interlocutor ou o “eu” e outras (s) pessoa (s). O pronome *a gente*, portanto não é uma soma de eu+ eu (+eu...), e sim de eu + tu (+tu) ou de eu+ tu+ ele (s) (+eles (s)). Em torno da forma *a gente* há uma reunião de diferentes pessoas, sempre com a presença do locutor, somando ao interlocutor, ou combinando também com a “não-pessoa.”

Borges (2004, p. 167) explica que o pronome *a gente* pode ser associado a uma afirmação vaga, ou seja, de um *eu* generalizante (eu + toda e qualquer pessoa) e também associado a uma junção de pessoas específicas. Como bem salienta o pesquisador, o usuário da língua, além de recorrer ao pronome canônico *nós* para fazer referência a primeira pessoa do plural, pode também valer-se da nova forma *a gente*.

Borges (2004, p. 168) apresenta a origem etimológica do pronome *a gente* como referente genérico. Em consonância com o autor, o termo *gentem* (s.f.) surgiu com a especificação de caráter coletivo. Assim, o estudioso explica que a forma *a gente*, ao indicar um coletivo genérico e estar relacionada a uma classe ou a coletividade, estaria privada do traço [plural] de numerosidade por mencionar a classe como um todo, isto é, *eu* e todo e qualquer indivíduo que faça parte da classe referida. Em contrapartida, Borges destaca que *a gente* pode indicar o referente genérico não-específico, ligado à noção de numerosidade. Dessa forma, o pronome *a gente* representa qualquer membro da classe, ou seja, uma pessoa assume a representação da classe.

Ainda acerca dos graus de pessoalização da forma *a gente*, Borges (2004, p. 168) salienta que a forma inovadora, mesmo quando indica um referente genérico, apresenta o traço semântico de *pessoa*, sendo possível realizar as seguintes leituras: *eu + a classe como um todo* ou *eu + qualquer um dos membros da classe*.

Por fim, Borges (2004, p. 168) demonstra, por meio de exemplos, o processo de mudança semântica inserido no conjunto de alterações que constituem o processo de gramaticalização de *a gente*. É importante registrar que optamos por utilizar exemplos das vinte e uma obras literárias que serviram de *corpus* para essa pesquisa, pois todos os graus de pessoalização apontados abaixo foram evidenciados em nosso estudo.

a) genérico- *a gente*= *eu + toda e qualquer pessoa que compreenda o discurso* (pessoa ou não-pessoa)

(2) “Ela olhou ao redor, acho que ela não entra muito no meu quarto. Eu gosto da minha privacidade. A faxineira limpa tudo e não espiona muito. Acho que a minha mãe sempre quer saber o que eu tenho lá dentro. Ela lê essas coisas sobre adolescentes e fica imaginando se eu

tenho, sei-lá, armas, literatura nazista, CD de música evangélica, algo que ela nunca imaginou que eu pudesse ter. Essas coisas que **a gente** vê em reportagens o tempo todo, os pais dizendo “A gente nunca pensou que nosso filho pudesse ser de uma gangue de classe média que bota fogo em índios”. Acho que o que mais assusta a minha mãe não é que eu possa aprontar alguma coisa, mas que ela não saiba que eu estou aprontando alguma coisa, entendem? O maior medo dela é passar por desinformada. Por isso ela lê tanto, acho.” (CUNHA, 2015, p. 31).

b) plural exclusivo- baixo grau de pessoalização (*a gente*= *eu* + *outro* (*s*) (não=pessoa))

(3) “Sabe quando **a gente** sente que alguma coisa está mudando? Sabe quando **a gente** não sabe por que, apenas sente?

Pois é. Alguma coisa estava ficando diferente entre mim, Alê e Ju.

No colégio, a troca de lugar tinha sido definitiva. Alê e Ju sentaram com o Marcelo e, como eu não tinha coragem, agora sentávamos separadas.

Não conseguia me concentrar em nada quando percebia que os três estavam conversando e rindo lá no fundo da sala. Não é que tivesse, alguma vez, sido boa aluna nem nada, mas. As minhas notas começaram a baixar e eu notava certa preocupação na minha mãe e na dona Aretê e eu sabia que de uma hora para outra teria que enfrentar o que elas chamavam de uma conversa séria. Só de pensar nisso ficava irritada. Não podia dizer que estava com ciúme!” (TUTIKIAN, 2004, p. 43).

c) plural inclusivo- médio grau de pessoalização (*a gente*= *eu* + *tu/ você* (pessoa) + *outro* (*s*) (não pessoa))

(4) “Se encontravam todos os dias, e ensaiavam o dia todo.

Napoleão Gonçalves e a Mulher-do-Jota, fazendo o Lux e a Mãe, eram os atores mais engraçados. A cena que ela vai tricotando e ele vai puxando o fio escondido, eles faziam de um jeito tão gozado que a turma tinha que parar de ensaiar de tanto que ria. Até o Jota acabou esquecendo o mau humor e soltando umas gargalhadas crocodilesacas que ainda faziam o pessoal rir mais. Outra cena que ficou ótima foi a cena do fim, quando Angélica vai entrando no ovo e a família puxa ela pra trás: o tombo que todos levam quando o tempo começa a andar pra frente outra vez era um tombo bem feitíssimo.

Cada vez que Repolho apitava uuuuuu, e o “trenzinho dos irmãos” entrava em cena, Porto e Angélica vibravam: Napoleão Gonçalves e os filhos tinham ensaiado tanto aquele tchoque-tchoque do trem que o resultado era uma delícia. Mas um dia Rabanete berrou:

— Achei!

Todo mundo bateu palmas: era a primeira vez que Rabanete achava. Ele fez uma cara muito importante e disse:

— Eu acho que **a gente** devia bolar ainda mais bossa pro trem.

— Então bola, ué — foi logo dizendo o pai”. (NUNES, 1978, p. 79-80).

d) plural inclusivo- alto grau de pessoalização (*a gente*= *eu* + *tu/você* (pessoa))

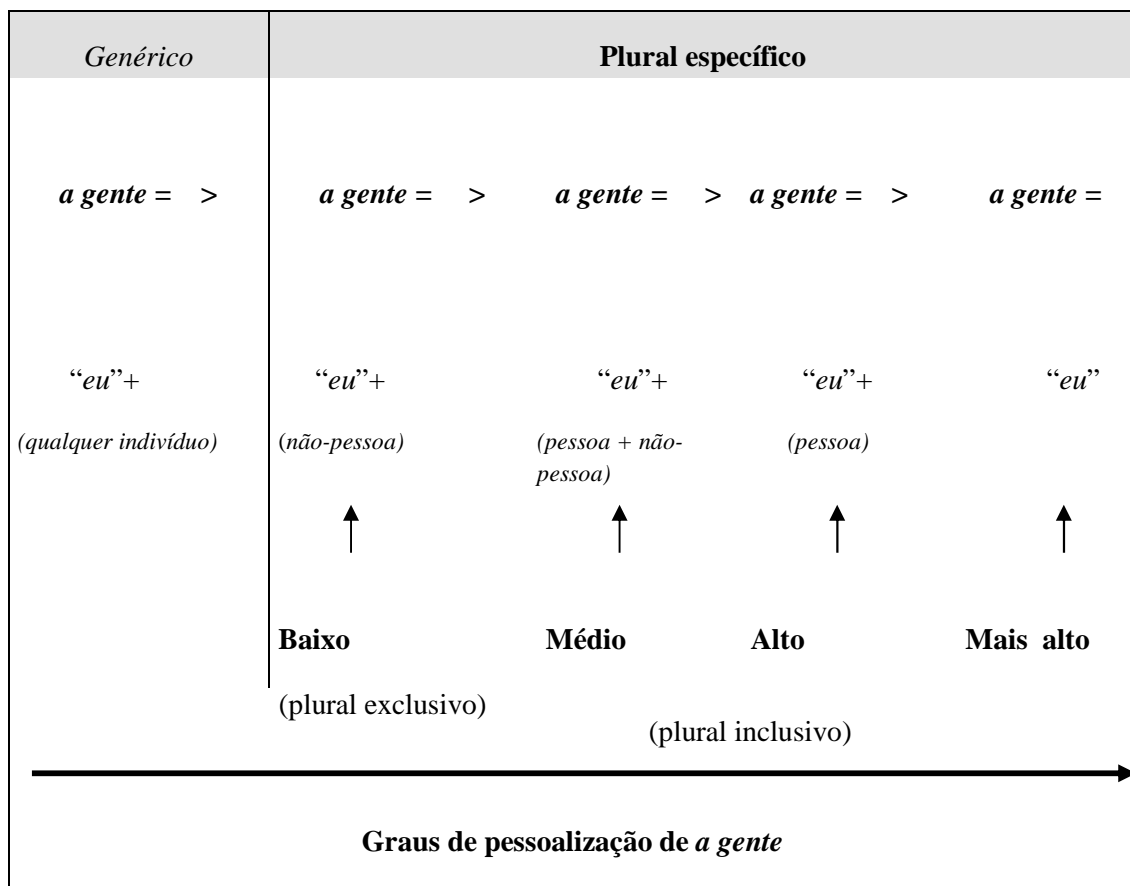
(5) “— Que melancolia! — Disse Flor com voz rouca (já era a nona vez que ela dizia aquilo). E espirrou (tinha pegado uma gripe daquelas). Depois de um tempo suspirou: — Que melancolia! (Décima vez).



Cara-de-pau não aguentou mais. Perguntou mal-humorado:  
 — O que é melancolia?  
 Flor suspirou melancólica:  
 — Parece que é uma prima da tristeza. Tem gente que diz que é prima, tem gente que diz que é irmã, não sei. Só sei que eu acho uma palavra linda de morrer.  
 — Escuta aqui, **a gente** não pode mais ficar sem fazer nada, vendo o tempo passar. Nós temos que bolar um plano qualquer.  
 — Que melancolia!  
 — Flor, vê se entende, **a gente** tem que tirar Virinha e Latinha daquela prisão antes que seja tarde demais.  
 — Eu sei.  
 — E daí?  
 — Que melancolia! ” (NUNES, 1985, p. 48).

A ilustração 2 indica os graus possíveis para a pessoalização de *a gente*.

Ilustração 2- Pessoalização de *a gente* conforme categoria de pessoa



Fonte: Borges (2004, p. 171)

Ao codificarmos as ocorrências do pronome de primeira pessoa do plural *a gente* em nosso banco de dados, observamos os quatro graus de pessoalização apresentados por Borges

(2004). Assim, para referência genérica empregamos o código *G* e para referência específica o código *E*, conforme podemos observar no quadro abaixo:

Quadro 2- Graus de pessoalização do pronome *a gente*

Graus de pessoalização de <i>a gente</i>	Tipo de Referência/ Código
➤ “eu” + toda e qualquer pessoa que compreenda o discurso (pessoa ou não-pessoa)	Referência genérica/ G
➤ plural exclusivo- baixo grau de pessoalização (a gente= eu + outro(s) (não=pessoa)) ➤ plural inclusivo- médio grau de pessoalização (a gente= eu + tu/ você (pessoa) + outro(s) (não pessoa)) ➤ plural inclusivo- alto grau de pessoalização (a gente= eu + tu/ você (pessoa))	Referência Específica/ E

Fonte: Elaborado pela autora.

Por fim, a nossa hipótese em relação à variável tipo de referência é a de que os autores usam a forma inovadora para fazer referência específica, como pronome pessoal. Nesse sentido, esperamos que as narrativas selecionadas para este estudo favoreçam a mudança na escrita.

### 3.4.2 Tipo de discurso

A variável em estudo nos mostrará a incidência dos pronomes *nós* e *a gente* tanto nos trechos narrativos, em que observamos a escolha pronominal do narrador, quanto nos diálogos entre os personagens das vinte e uma obras destinadas ao público infantojuvenil.

Em dados preliminares, coletados inicialmente para o exame de qualificação, constatamos que o pronome *a gente* aparece de forma recorrente em ambos os casos, ou seja, nos trechos narrativos e nos diálogos entre os personagens. Assim não é possível afirmar, de antemão, que os autores deem ênfase ao pronome *a gente* em diálogos entre personagens, mas é possível supor que isso ocorra, por se tratar, muitas vezes, da fala coloquial dos mesmos.

Selecionamos trechos representativos dos pronomes *nós* e *a gente* em diálogos entre personagens de duas obras literárias distintas.

O primeiro excerto é de Scliar (1991, p. 27), a respeito do qual destacamos tratar-se de referência específica, englobando o falante e o interlocutor:

(6) “— Mas você sabe de alguém enfeitiçado por ela? – Deteve-se um pouco, mirou-me, irritada: — Mas você é teimoso, hein, Marcos? Se eu lhe digo que é para evitar a bruxa, o que você tem de fazer é evitar a bruxa! Seu pai não aprovaria essa sua teimosia. E sabe do que mais? Leve essa escada para lá. Mas não entre – deixe encostada no muro da frente e volte para cá. Rápido, porque você corre perigo. **Nós** corremos perigo: aposto que essa escada está enfeitiçada.”.

Em Nunes (2002, p. 53), destacamos um trecho de diálogo com ocorrências do pronome *a gente*, a respeito do qual ressaltamos tratar-se de referência específica, aos membros da família em questão:

(7) “— Você tem escola de tarde, não é?  
— Mas hoje é dia de ir com a minha mãe comprar comida. Meu pai vai levar flor pro mercado e **a gente** aproveita a carona.  
Alexandre ficou quieto. Tanto rio, tanta árvore, tanta coisa pra conversar e ela ia embora? Puxa vida. Vera olhou pra casa, suspirou:  
— Eu queria ficar, mas minha mãe disse: dez horas aqui. Olha – mostrou o relógio – dez horas.  
— Se ela disse dez horas e agora são dez horas, como é que você tá atrasada?  
— Porque até eu chegar em casa já passou das dez.  
— Um minutinho à-toa.  
— Pra eles não é. Minha mãe e meu pai têm mania de relógio. Olha, eles me deram esse relógio de natal. Grandão assim pra toda a hora eu ver a hora e não atrasar nunca mais. Tudo lá em casa é marcado no relógio: almoço, lanche, jantar, hora de dormir, de estudar, de conversar, e **a gente** tem um relógio na sala, outro na cozinha, outro no quarto, tem um pequenininho no banheiro, a caminhonete do meu pai não tem rádio mas tem relógio, e a minha mãe, em vez de relógio de pulso, tem um relógio de dedo assim feito anel.”

Quanto às ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* em trechos narrativos, conforme já exposto anteriormente, os dados preliminares desta pesquisa nos mostraram que o novo pronome não é a escolha dos autores somente nos trechos em que ocorrem diálogos entre os personagens. Além disso, em nenhuma das doze narrativas selecionadas para as análises da qualificação, o pronome tradicional ultrapassou o pronome *a gente* em termos de registros em trechos narrativos.

Os fragmentos que seguem são ocorrências em que o novo pronome e o pronome canônico aparecem em trechos narrativos, ou seja, na fala do narrador. Na obra de Tutikian (2005, p. 5) selecionamos o seguinte excerto:

(8) “Não posso dizer, hoje, que nosso time fosse o melhor, mas que era especial, ah! Lá isso era!

A começar pelo goleiro, o Ricardo, que enxergava quase nada e usava uns óculos de lentes grossas como fundo de garrafa.

Não tinha bola que não conseguisse pegar, mas, antes, quase matava **a gente** de susto: esperava que ela chegasse bem perto, tirava os óculos do rosto – porque, se quebrasse aqueles, não teria outros –, botava-os na cintura e aí, sim, defendia.

Isso se passava em milésimos de segundo, mas para **nós**, até que **víssemos** a bola presa no seu abraço, era como se o tempo parasse. ”

Selecionamos outro trecho da mesma autora para exemplificar o uso de *a gente*, porém agora em outra obra de Tutikian (2004, p. 22):

(9) “Ricardo disse que gostava de futebol e o convidou para bater uma bola no recreio. Carla disse que gostava de festa e **a gente** pensou que poderia organizar uma para ele. Pedro disse que era louco pelo... e a aula, em coro, completou Legião Urbana. Paula, que estava com a camisa do Grêmio, nem precisou falar muito, beijou a camisa e foi logo vaiada. Duda disse que colecionava autógrafos e puxou aquele bloco gosmento que **a gente** já tinha visto 950 vezes. Otávio Augusto, o intelectual da turma, que adorava ler e que, agora, estava lendo o Paulo Coelho. ”

Por fim, cabe acrescentar que não encontramos dados da variável linguística *Tipo de discurso* nos estudos de Borges (2004), Brustolin (2009) e Zilles (2007), no caso das duas últimas pesquisadoras, pelo fato de ambas não analisarem dados de obras literárias. Já Borges (2004), embora tenha analisado as ocorrências do novo pronome em peças de teatro, não tratou da variável em questão em seus estudos.

### 3.4.3 Tipos de narradores

A próxima variável independente é o tipo de narrador presente nas obras literárias selecionadas. Analisamos se o narrador, além de narrar, participa da história e é apresentado em primeira pessoa, ou se o narrador aparece em terceira pessoa, isto é, fora do universo narrado.

Para tanto, recorremos à obra *Teoria Literária* de Jonathan Culler a fim de tratarmos dos tipos de narradores. Culler (1999, p. 87) explica que “toda narrativa tem um narrador que pode se colocar fora da história ou ser um personagem dentro dela”. Segundo o autor, os teóricos diferenciam a narração em primeira pessoa, em que um narrador emprega o pronome de primeira pessoa do singular *eu*, da narração em terceira pessoa, em que não há o pronome de primeira pessoa do singular *eu* e o narrador não faz parte da história. Nesse último caso, em

consonância com o estudioso, todos os personagens mencionados na narrativa são referidos na terceira pessoa pelos pronomes *ele* ou *ela*. Quanto aos narradores em primeira pessoa, Culler (1999, p. 88) acrescenta que:

Os narradores em primeira pessoa podem ser os principais *protagonistas* da história que contam; podem ser *participantes*, personagens secundários na história; ou podem ser *observadores* da história, cuja função não é agir, mas descrever as coisas para nós. Os observadores em primeira pessoa podem ser plenamente desenvolvidos como indivíduos com um nome, história e personalidade, ou podem não ser nada desenvolvidos e rapidamente desaparecer à medida que a narração caminha, se ocultando depois de introduzir a história.

Com o propósito de exemplificar os dois casos de narradores, selecionamos trechos das narrativas que constituíram o *corpus* deste estudo. Além disso, no caso dos narradores em primeira pessoa, apresentaremos um caso que ilustre o narrador em primeira pessoa que exerça o papel de protagonista da história, um caso em que o narrador atue como personagem secundário da história e, por fim, um caso em que o narrador personagem tenha por função somente observar os fatos para narrá-los posteriormente.

Pela ordem de menção dos possíveis papéis dos narradores em primeira pessoa, apresentamos dois fragmentos da obra *Pro que der e vier* de autoria de Diana Noronha. Nessa narrativa, Maíra, pré-adolescente de classe média, é a narradora e, ao mesmo tempo, personagem. Maíra é a personagem principal da história, visto que a trama gira, na maior parte da narrativa, em torno dela. Ademais, as principais ações são realizadas pela personagem ou são sobre ela. O primeiro trecho, exemplo 10, faz parte do capítulo de abertura da obra. Neste excerto, a narradora apresenta um dos conflitos que vai permear todo o enredo: as brigas constantes entre os pais.

(10) “Meu pai votou no governo, mas **eu** não achei certo: tanta coisa errada por aí e o governo, que podia dar um jeito, não faz nada. Minha mãe não. Ela é professora e acha que o governo paga mal àqueles que, como ela, passam o dia aturando filho dos outros. Os dois tiveram uma puta discussão um dia antes dessas últimas eleições. Minha mãe ficou diferente, perdeu a calma que costuma ter. Seus olhos ficaram maiores, as mãos falando junto com a boca e quase aos berros. Será que ela grita assim com os alunos? Se grita, não deve adiantar muito, como não adiantou aqui em casa. Papai disse que não podia faltar com a palavra dada a um superior. Ela não falou mais nada, mas quando fomos jantar, papai virou o prato dele e tinha um papelzinho secreto escrito assim: “o voto é secreto, seu trouxa.” (NORONHA, 1985, p. 5).

Já o segundo trecho, exemplo 11, faz parte do capítulo 2 e corresponde à apresentação da própria narradora protagonista. Através do excerto abaixo, temos certeza de que Maíra é a

narradora e personagem principal do enredo, pois, conforme avançamos a leitura, percebemos que o segundo conflito gira em torno do relacionamento entre Maíra e Waltinho. Ainda acerca desse exemplo, destacamos que evidenciamos o emprego do pronome pessoal do caso reto *eu* tanto pleno quanto nulo, bem como o emprego dos pronomes de primeira pessoa do plural *a gente e nós (nulos)*. Para Culler (1999), o pronome *eu* funciona como uma espécie de indicador de narrador personagem. Assim, não resta dúvida de que estamos diante desse tipo de narrador.

(11) “Maíra. Papai nunca gostou desse nome, mas era a mãe que decidia como se chamava o primeiro filho, se fosse mulher. O nome parece que tem algo a ver com os índios, significa um deus em que eles acreditam. Tem até um livro que fala disso e, a mãe garante, mais um pouco e **eu** vou poder ler. Ela diz que o tal livro é difícil, mas **eu** por mim acho que deve ter umas coisas que ela não quer que **eu** leia.

Papai escolheu foi o nome do segundo filho. José Ricardo não significa coisa nenhuma em língua de índio nem é nome de deus ou rei. O pai gostava e pronto.

Assim como **eu** não gostava de Maíra. Podia ser bonito lá na lenda dos índios, mas pra mim, que não vivo no mato nem ando pelada, não tinha nada a ver. Agora **eu** até gosto mais, porque Waltinho acha legal. Quando a gente se conheceu e ele perguntou meu nome, cheguei a ficar com vergonha. Mas ele achou bonito, disse que era diferente.

— Já tive duas namoradas com o nome de Cláudia, duas Márcias. Mas Maíra...

ØFiquei vermelha, baixei os olhos. Duas semanas depois, estávamos namorando”. (NORONHA, 1985, p. 6-7).

Na obra literária intitulada *O porão misterioso*, de autoria de Cláudio Levitan também identificamos o caso do narrador personagem, mas com o papel de observador dos acontecimentos. Trata-se, de fato, de uma personagem-árvore, mais especificamente, uma Goiabeira, que, pelo fato de estar fixa ao solo, se limita a observar as ações dos personagens Matias, Alice, Tiago, vovô e vovó. Todavia, nos momentos em que os personagens citados sobem nos galhos da velha Goiabeira, a narradora personagem interage com as crianças. Por serem raros os momentos em que as crianças brincam nos galhos da Goiabeira, as principais atividades da mesma se resumem em observar e, na sequência, narrar as ações de todos os personagens envolvidos na história. Com o propósito de comprovar tais afirmações, transcrevemos uma parte do capítulo I, cujo título é *A casa do vovô*:

(12) “Lá vem Matias, Alice e Tiago. Esses três pequenos são uma parada. O jardim, sempre tão silencioso, quando chegam é aquela barulheira. E **eu** gosto disso. ØDivirto-me quando eles sobem pelo meu tronco e se sentam em meus galhos, confortavelmente.

Duas vezes já Øsalvei o Matias e uma vez o Tiago, quando despencaram de meus galhos mais altos e mais novos. Um dos galhos até se quebrou, pobre de mim; doeu na hora, mas Øagueitei firme. Vieram escorregando e se batendo até caírem sobre minhas folhas secas como uma almofada no chão. ØFui puxando um ou outro galho para irem se segurando e não se machucarem muito. Alguns arranhões, mas não choraram. Ficaram quietinhos e assustados.

Não tiveram coragem de contar para ninguém, muito menos para a vovó. Só **eu** vi. Na hora, pelo jeito que me olharam, Øtive certeza de que sabiam que **eu** os ajudei, que Øera uma amiga, a velha goiabeira disposta a protegê-los e dar-lhes, de vez em quando, algumas liçõeszinhas de vida”. (LEVITAN, 2012, p. 7-10)

Finalmente, destacamos três parágrafos iniciais da obra *A casa da madrinha* de Lygia Bojunga Nunes com o intuito de evidenciarmos o registro de narração em terceira pessoa nas obras consultadas para essa pesquisa. Conforme Culler (1999), quando se trata de narração em terceira pessoa, todos os personagens envolvidos na história são referidos na terceira pessoa do singular pelos pronomes pessoais do caso reto *ele* ou *ela*. Como vemos, no exemplo 13, Alexandre, menino pobre, morador da favela carioca, que parte numa viagem em busca da casa de sua madrinha, é mencionado, preferencialmente, pelo nome próprio, todavia identificamos uma retomada por meio do pronome de terceira pessoa do singular *ele*. Já no caso da personagem Vera, o narrador faz referência uma vez pelo nome próprio e duas vezes por meio do pronome *ela*. É interessante registrar ainda que o narrador conhece todos os aspectos da história, desde os sentimentos até os pensamentos dos personagens envolvidos.

(13) “[...] A menina fez. E aí todo mundo resolveu ver também como é que era seda. Só **Vera** não se mexeu. ØFicou olhando Alexandre, com vontade danada de saber quem é que ele era. **Ela** conhecia a turma toda do lugar: a cidade era muito pequena - cidade do interior só com três ruas calçadas, o resto era estrada, campo, sítio onde plantavam flor. Todo o dia **ela** passava ali na estrada, indo e vindo da escola, Øvia sempre a mesma gente, Ønunca tinha visto Alexandre, o jeito dele era tão diferente!  
O pessoal voltou pro lugar e o Pavão tomou posição pra dançar. **Alexandre** começou a cantar baixinho um samba preguiçoso à beça, que não tinha pressa nenhuma de chegar ao fim. O que **Alexandre** queria mesmo era um rádio, uma vitrola, um som qualquer para tocar, mas como **ele** não tinha nada, Øtinha mesmo que cantar: sem música o pavão não podia dançar”. (NUNES, 2002, p. 11)

Nas vinte e uma obras consultadas para a realização deste estudo, não encontramos nenhum registro de narrador personagem apenas participante da história, ou seja, o caso em que o narrador é um personagem secundário na história. As narrativas analisadas apresentam somente narradores em primeira pessoa (protagonistas e observadores) ou em terceira pessoa.

Borges (2004), Brustolin (2009) e Zilles (2007) não tratam desta variável linguística em seus estudos sobre a variação entre os pronomes *nós* e *a gente*, por este motivo não apresentaremos as considerações dos três pesquisadores sobre qual tipo de narrador emprega com mais incidência o pronome de primeira pessoa *a gente*.

Por fim, a nossa hipótese é a de que o narrador em primeira pessoa, sendo personagem da narrativa, podendo ser uma voz infantojuvenil no texto, favorece o pronome inovador, visto

que os estudos sociolinguísticos relativos à língua falada mostraram que são sempre os mais jovens das amostras que empregam com mais incidência o pronome *a gente*.

#### 3.4.4 Paralelismo formal

Amaral (2006, p. 17) explica que “o Paralelismo Formal se caracteriza como uma tendência à ocorrência em cadeia de marcas gramaticais que desempenhem papel similar”. Loregian (1996, p.41), ao traduzir as contribuições de Poplack no que concerne ao paralelismo (1980), acrescenta que há uma tendência a “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros”. Em estudos variacionistas como, por exemplo, o de Borges (2004) e o de Brustolin (2009), voltados para a variação entre *nós* e *a gente*, observamos que a tendência é o falante repetir o mesmo pronome empregado no início de uma sequência discursiva, sobretudo se não houver mudança de referente.

Acreditamos que o paralelismo formal age diretamente na eleição entre os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*. Com base em nossa fundamentação teórica, pressupomos que a primeira ocorrência de um pronome condicione as próximas, isto é, o primeiro pronome ocasione uma sequência de repetições da mesma forma pronominal. Assim, quando o narrador ou o personagem estabelecer uma sequência discursiva usando o pronome inovador *a gente*, para fazer menção a si e a um grupo maior ou menor de pessoas, acreditamos que a tendência seja empregá-lo nas proposições subsequentes, seja de forma expressa ou nulo. Em Omena (2003, p. 72), uma das primeiras pesquisadoras brasileiras a se dedicar à questão do paralelismo, encontramos respaldo para a nossa hipótese inicial:

Uma vez que usou a forma *a gente* e vai nomear o mesmo referente, o falante a repete [...] ao contrário, se a forma usada antes foi *nós* e o falante continua a referir-se ao mesmo grupo, a probabilidade é que ele siga usando *nós*.

Destacamos três trechos de obras a fim de exemplificar os casos de paralelismo com sujeito pronominal pleno, tanto casos com *nós* quanto com *a gente*, e também exemplos com o pronome nulo de *nós*. Como já explicamos, não encontramos nas vinte e uma obras nenhuma ocorrência de *a gente* com marca morfêmica *-mos*. Em todos os casos em que apareceu o novo pronome, o verbo sempre acompanha na terceira pessoa do singular, isto é, com morfema Ø.

(14) “Eu olhava pro relógio, e eram três horas da tarde. Um tempão enorme depois eu olhava de novo e agora eram três e vinte. E mais um ano depois eram só quatro horas. Quando o tempo passa assim, e é igual quando **a gente** vai em casamento, festa com a mãe, tudo muito chato, **a**



**gente** acha que vai morrer se não sair logo, e num dia desses eu perguntei pra minha mãe se **a gente** não morria de tanta chateação. Foi numa tarde de chuva, eu tava em casa e não acontecia nada mesmo, só chovia, e não tinha nada passando na tevê”. (CUNHA, 1993, p. 34).

(15) “— E se **nós considerássemos** assim: se **nós considerássemos** apenas que o Montanha vai comigo por algum tempo e, se houver alguma possibilidade ou assim que houver possibilidade, o Dr. Celestino prepara toda a documentação para que ele possa ficar com a dona Lúcia?” (TUTIKIAN, 2005, p. 74).

(16) “Era verdade. **Íamos** até a casa do meu avô. **Dormiríamos** uma noite lá e, lógico, **teríamos** de ouvir algumas das suas histórias. De madrugada, **apanharíamos** os caniços e **sairíamos** assobiando para “pescar”. O plano era perfeito. No dia anterior, **esconderíamos** as partes da canoa próxima ao rio, antes de **chegarmos** a casa. Perfeito. O plano estava pensado nos mínimos detalhes. Caramba! Passamos mais de três meses estudando a viagem, nada poderia sair errado. (KIEFER, 1997, p. 16).

Nos exemplos 14, 15 e 16, percebemos que os narradores personagens escolhem a sua forma pronominal de primeira pessoa do plural e assim sucessivamente repetem a mesma forma até o final da sequência discursiva; entretanto, em muitos outros casos, a tendência a manutenção da forma não se confirma, como podemos evidenciar no exemplo 17:

(17) “Sonhei que as pessoas corriam atrás de mim, naquele mesmo navio, eram a Ju e a Alê. Talvez elas nem me quisessem mal nem nada. Mas. Eu fugia tentando encontrar o Marcelo. Talvez não fosse atrás de mim que elas corressem. Quem pode saber? Só sei que estava triste, não queria ter a Alê e a Ju entre as minhas pessoas perdidas. Isso era mais triste do que eu poderia suportar. **Juramos** que **seríamos** amigas a vida inteira, pô. Até fazer um furinho no dedo para misturar o sangue, para sermos irmãs de sangue, **a gente** tinha feito! Como é que **a gente** podia se perder da gente agora? Talvez o nunca mais não precisasse ser tão para sempre assim”. (TUTIKIAN, 2004, p. 56).

Por fim, salientamos que, para a análise desta variável, observamos somente o paralelismo formal do tipo sujeito-sujeito, ou seja, casos em que os pronomes de primeira pessoa aparecem na função sintática de sujeito, conforme é possível constatar nos exemplos acima.

### 3.5 Definição das variáveis sociais

Em estudos sociolinguísticos, costuma-se relacionar as variáveis sociais com os fatores socioculturais dos falantes, tais como: o gênero, o nível de escolaridade, a classe social, entre outros. Nas palavras de Tarallo (1985, p. 46):

Tudo aquilo que servir de pretexto e co-texto à variável (isto é, tudo aquilo que não for estritamente linguístico) poderá ser relevante para a resolução de seu “caso”. A formalidade vs. a informalidade do discurso, o nível socioeconômico do falante, sua escolaridade, faixa etária e sexo poderão ser considerados como possíveis grupos de fatores condicionadores.

Tarallo (1985, p. 46) explica ainda que o pesquisador deve partir de sua própria intuição como falante ao realizar o levantamento desses fatores. Para ele, os fatores externos mais óbvios são aqueles que se mostram significativos no que se refere à variável em estudo. Por fim, o sociolinguista afirma que a inclusão dos fatores sociais proporciona uma visão ampla do campo em que as variáveis estão em “disputa”.

As variáveis sociais são extremamente importantes para as pesquisas em sociolinguística pelo fato de permitirem identificar quais são os fatores não-linguísticos que atuam sobre a variável dependente. Neste estudo, procuramos verificar se há associações entre as variáveis sociais que pudemos identificar nas narrativas e a escolha de uma ou outra das variantes do pronome de primeira pessoa do plural. Por exemplo, procuramos saber se os autores das histórias atribuíram mais uso de *a gente* à fala de personagens adultos ou crianças e, assim, se possível, interpretar o que essa escolha pode revelar a respeito da avaliação social da forma inovadora *a gente*.

Por meio do *corpus* selecionado, observaremos a influência dos aspectos sociais na constituição da linguagem escrita nas narrativas infantojuvenis. Para tanto, ater-nos-emos aos seguintes fatores sociais: a) faixa etária do personagem (criança, adulto e velho, excluindo-se narrador não-personagem, animais e plantas), b) classe social do personagem (baixa, média e alta), c) profissão dos personagens nas obras consultadas, d) autores das obras, e) gênero dos personagens (feminino e masculino), f) décadas de publicação da obra (70, 80 e 90).

As próximas seções tratarão detalhadamente de cada uma das seis variáveis sociais referidas.

### 3.5.1 Faixa etária do personagem

Os estudos aos quais recorreremos (Borges, 2004; Zilles, 2007) para fins de comparação entre a fala e escrita (literatura infantojuvenil), nos mostram claramente que os falantes mais velhos utilizam as formas mais conservadoras, enquanto os falantes mais jovens preferem utilizar o pronome inovador. Zilles (2007, p. 35) chama a atenção para o fato de que tal mudança em prol do novo pronome ocorre a partir da segunda metade do século XX, impulsionada pelo

uso dos mais jovens, ou seja, os resultados da autora indicam que os falantes nascidos a partir de 1960 usam bem mais o pronome *a gente*.

Acreditamos que os mesmos resultados encontrados por Borges (2004), tanto nos dados das peças de teatro quanto nos dados de língua falada, e Zilles (2009) se confirmem neste estudo. Assim, a hipótese geral acerca da variável faixa etária é a de que os personagens mais velhos sejam construídos empregando mais o pronome pleno *nós* e os personagens mais jovens, o pronome pleno *a gente*.

Para a análise da variável em questão, empregamos a distribuição por três faixas etárias, segue:

- Faixa 1– Crianças e adolescentes
- Faixa 2– Adultos
- Faixa 3– Velhos

Já as categorias “narrador” e “animais/plantas”, utilizadas na classificação dos dados, foram eliminadas da análise, porque elas não são propriamente “faixas etárias”.

### 3.5.2 Classe social do personagem

Ao tratarmos da variável *classe social*, levamos em consideração o estudo de Labov (1996, p. 157-168) acerca da produção de /r/ em final de sílaba em três lojas de departamentos da cidade de Nova York que atendem clientes de classes sociais diferentes. Labov parte do pressuposto que existem lugares/ ambientes destinados as mais distintas camadas sociais. Para o pesquisador, o motivo de não encontrarmos pessoas de classes sociais baixas em teatros, em algumas praças, bem como em determinados supermercados está relacionado ao fato de que esses locais são ambientes voltados para pessoas das classes sociais mais altas. As pessoas que pertencem a classes sociais mais baixas não têm poder aquisitivo para comprar ou frequentar tais ambientes.

Partindo desse raciocínio, é possível explicar a existência de lugares destinados às classes mais baixas da população tais como: lojas de bairro, praças populares, mercadinhos de bairro etc. Todos os locais mencionados são muito pouco frequentados pelas pessoas pertencentes às classes sociais mais altas.

Como vemos, na perspectiva adotada por Labov (1996), o enquadramento em uma determinada classe social se dá mais em função do modo de vida do que da capacidade de ganhar dinheiro, apesar disso, critérios econômicos são importantes para o estabelecimento das classes sociais.

Assim, ao atribuímos a classe social aos personagens fictícios, nos inspiraremos no estudo de Labov (1996) realizado nas lojas de departamento em Nova Iorque. Com base na pesquisa referida e no resultado de nossa interpretação conjunta de uma série de informações sociais que porventura apareçam nos textos das obras estudadas, primeiramente, em um arquivo de codificação digitado no access, estabelecemos um código para cada uma das seguintes classes sociais: classe média baixa (B), classe média média (N), classe baixa (X), classe média alta (M) e classe alta (A). Em seguida, olharemos para os seguintes marcadores sociais: local de residência, bens materiais do personagem ou da família e hábitos de consumo. Acreditamos que, com esses critérios, será possível estabelecer a suposta ou representada classe social a que pertencem os personagens. Com isso, esperamos depreender se há uma classe social que impulse ou iniba o uso do pronome *a gente* nas obras incluídas na análise.

Com esse propósito, observamos o local de moradia, ou seja, se os personagens residem na periferia ou no centro, em pequenos ou grandes centros urbanos ou na zona rural.

Após a definição do local de moradia, a fim de estabelecer a classe social dos personagens, observaremos que bens pessoais são atribuídos a eles. Não delimitamos previamente quais bens materiais serão considerados marcadores de classe social, pois precisamos nos ater ao contexto das obras para estabelecer tal definição. Além disso, consideraremos os hábitos de consumo como, por exemplo, a aquisição de (que tipos de) roupas e (de que tipos de) alimentos, bem como os locais frequentados pelos personagens das obras em estudo. Os exemplos 18 e 19 foram extremamente importantes no momento de definirmos a classe social dos personagens em questão. Nestes casos, de dois narradores do tipo personagem e dos demais personagens envolvidos no enredo, visto que nos situam em relação às vestimentas, às preferências, à residência, aos meios de locomoção (carros), entre outros aspectos. É importante ressaltar, contudo, que, ao definir a classe social dos personagens, o nosso principal norteador foi o contexto de cada obra. Por esse motivo, não é possível afirmar que os marcadores de classe social sejam somente os listados neste parágrafo, pois inúmeros outros se mostraram relevantes para definir a variável em questão, tais como: o uso ou a posse de joias, as viagens realizadas pelos personagens, a posse de animais como, por exemplo, cavalos e bois, entre outros marcadores de classe social.

A título de ilustração, seguem os dois exemplos já referidos:

(18) (Média-alta) “Lá embaixo já estava o pessoal. **Um homem de gravata** tomando cerveja com o meu pai, uma mulher que era a cara da Cláudia e claro que era a mãe dela, e ela mesma, que fez que não me viu quando eu cheguei e deu um oi bem sem graça, quando a minha mãe falou: “Esse aqui é o Duda”, como se ela nunca tivesse me visto na vida. [...]

E é lógico que eles ficaram o tempo todo falando do Rio, de como tudo lá era maravilhoso. **E a minha mãe fica toda emocionada, porque ela adora Ipanema, Leblon, aquilo tudo, e então a Cláudia não parava de se fazer, porque ela morava no Leblon, e era só caminhar uma quadra e eles estavam no mar**". (CUNHA, p. 27, 1993).

(19) **"O pai do Paulo era engenheiro; o do Jaime advogado; o do Ivo médico. O meu, motorista de caminhão. Confesso que naquele tempo tinha vergonha de ser filho de caminhoneiro, ser pobre, essas coisas. Nunca não levei os meus amigos em casa porque nem dois banheiros a gente tinha. [...] Estava dizendo que os meus amigos eram filhos de gente fina. Eu era a ovelha negra da turma, o pobretão. Vivia de carona, mas a verdade é que não gostava nem um pouco daquilo, me sentia mal, tinha vontade de mandar a turma à merda, "se não posso pagar a entrada no baile, se não posso beber uísque, então não quero mais sair com vocês", mas acabava saindo outra vez e os meus amigos pagando tudo pra mim. Aquilo doía no meu orgulho, mas o que eu ia fazer? Ou conservava a dignidade e ficava sozinho, isolado, ou recebia os favores e tinha amigos. Na aula era assim também: a maioria dos colegas eram ricos, vinham de carro pro colégio, nunca não molhavam os pés quando chovia, mas eu tinha uma vantagem: gostava da chuva, ainda gosto. Outra coisa muito chata é que só tinha um blusão, de listras amarelas e marrons, um troço ridículo, horrível, e no inverno era aquele pra vestir e pronto**". (Kiefer, p. 57, 1982).

Nos exemplos 18 e 19, destacamos os trechos que se mostraram relevantes para definirmos a classe social dos dois narradores e personagens ao mesmo tempo. Assim, por meio desses trechos, bem como de outros, concluímos que o narrador-personagem da obra *Codinome Duda* pertence à classe média alta. Já o narrador-personagem da obra *Caminhando na chuva*, a nosso ver, pertence à classe social baixa.

Borges (2004, p. 53) verificou, nos dados de língua escrita, que a mudança em favor do pronome de primeira pessoa do plural *a gente* parte de baixo, ou seja, da classe social baixa. Já nos dados de língua falada, o autor constatou que há uma inversão quanto ao favorecimento de *a gente* na cidade de Jaguarão e de Pelotas, visto que na primeira o pronome é impulsionado pela classe baixa, enquanto que na segunda pela classe média-alta. A nossa hipótese inicial, em relação aos resultados desta variável social, é a de que a mudança vem de cima para baixo, assim como ocorreu nos resultados relativos à cidade de Pelotas, pois a mudança em favor de *a gente*, em conformidade com os resultados de pesquisas voltadas para a língua falada, inicia em centros maiores.

### 3.5.3 Profissão do personagem

Nesta dissertação, observamos as profissões exercidas pelos personagens. Dessa forma, primeiramente, listamos todas as profissões e, na sequência, dividimos as quarenta e seis profissões que depreendemos das narrativas em três categorias, a saber: profissão manual,

técnica e intelectual<sup>4</sup>. Segundo Amaral (2003), com base em Chambers (1995), é uma ocupação manual toda ocupação profissional que consiste em um trabalho rotineiro, repetitivo, exercido artesanalmente, com baixo nível de complexidade cognitiva. É uma ocupação técnica toda a profissão que envolve a organização de uma atividade e, portanto, certo nível médio de complexidade cognitiva. É uma ocupação intelectual toda atividade profissional que requer um planejamento complexo por parte do profissional e uma complexidade cognitiva alta. As profissões elencadas nesse último critério exigem níveis mais complexos de reflexão para a execução das atividades relativas à ocupação. Assim, os personagens que exercem alguma profissão intelectual ocupam uma posição mais alta na escala social. Agrupamos nesses três critérios, todas as profissões que apareceram nas vinte e uma obras analisadas para a pesquisa em questão, eis:

Quadro 3- Dimensão profissional de acordo com os critérios de Chambers (1995)

<b>Manual</b>	<b>Técnica</b>	<b>Intelectual</b>
Agricultor	Apresentador de teatro	Arquiteto
Auxiliar de depósito	Artista de rua	Assessor de político
Catador de lixo	Carnavalesco	Assistente social
Cortador de cana	Cobrador de ônibus	Ator de cinema
Costureira	Comerciante	Ator de novela
Doméstica	Chefe de escritório	Ator de Teatro
Dona de casa	Dono de circo	Atriz de teatro
Jogador de futebol	Enfermeiro	Delegado
Pescador	Escriturário	Diretor de escola
Prostituta	Fazendeiro	Engenheiro
	Fotógrafo	Escritor
	Mecânico de automóveis	Estudante
	Militar	Jornalista
	Narrador	Médico
	Policia	Médico Veterinário
	Secretária	Professor

<sup>4</sup> É importante ressaltar que recorreremos à tese intitulada *A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais* de autoria do Professor Doutor Isaías C. Amaral para tratarmos das categorias no que se refere às profissões.

	Vendedor	Psicólogo
		Padre
		Piloto de avião

Fonte: Elaborado pela autora.

Na sequência, apresentamos o quadro 4, com trechos de obras representativos de cada categoria.

Quadro 4- Trechos ilustrativos dos tipos de profissões

Profissões	Trechos das obras
Agricultor (Manual)	<p>(20) “Meus parentes juntaram-se aos demais imigrantes na Real Feitoria do Linho Cânhamo, que mais tarde se chamou São Leopoldo. —Vamos enriquecer, vamos enriquecer — dizia meu tataravô, sem muita convicção. —“Das isttraurich! ”—repetia minha tataravó, sempre que ele falava em ganhar muito dinheiro. Isto é triste, isto é, sem solução — ela dizia na língua que jamais abandonou. “O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males” — ela citava o provérbio bíblico, sempre que ele tentava se justificar. Os anos passaram. As dificuldades aumentaram: o governo da província não demarcava as terras, os alemães estavam descontentes. Não tinham recebido os bois e arados prometidos. Mesmo assim, alguns mantinham a esperança de retornar à terra natal com muito dinheiro. Menos minha tataravó, que minguava dia após dia”. (Kiefer, 1997, p. 6-7)</p>
Policial (Técnica)	<p>(21) “Ele não tem cara de policial, não usa uniforme. Mas isso — como eu havia descoberto horas antes —não quer dizer nada. É magro, barba rala, olhos escuros e cansados. A jaqueta marrom de couro parece menor do que ele. Jeans e botas de salto. Aproxima-se da maca com um sorriso forçado. — E aí, guri? Tudo bem? — ele. — Mais ou menos—eu. — Precisamos bater um papinho. — É, acho que sim”. (Dill, 1997, p. 9)</p>
Estudante (Intelectual)	<p>(22) “Eu gostava da dona Aretê, gostava mais dela do que da matéria, mas gostava da matéria porque gostava dela. Tinha um jeito de falar que tornava tudo bem interessante. Nada tinha sido como até então tínhamos estudado, ela sempre contava de outro jeito, muito mais bonito e muito mais real. Adoraria estar perto do Dom Pedro quando gritou <i>Independência ou morte!</i> Acho que mais me fascinava, entretanto, era a <i>independência ou morte</i> de narizinho, do <i>Sítio do Picapau Amarelo</i>. Sabe quando alguém pergunta para ela o que ela é e se, afinal, boneca fala? Ela responde: eu sou a <i>independência ou morte</i>. UAU! Adorava isso, ser a <i>independência ou morte</i> era uma coragem que eu não tinha. Disse isso</p>

	para dona Aretê e ela riu, respondendo que com ela também tinha acontecido assim. Adorava isso nela: sempre sabia como era, sempre tinha vivido a mesma coisa. E eu ficava achando que minha professora, sim, já tinha vivido tudo, como se viver tudo fosse mesmo possível”. (Tutikian, 2004, p. 21)
--	--

Fonte: Elaborado pela autora.

Em relação a este fator, a nossa hipótese inicial é a de que as personagens que exercem as profissões que integram a categoria *intelectual* empreguem mais o pronome inovador. Tal hipótese encontra respaldo nos resultados encontrados por Zilles (2007) em sua pesquisa sobre a gramaticalização de *a gente*. Nesse estudo, os informantes, em sua grande maioria com escolaridade intermediária ou secundária, empregaram mais o novo pronome, em detrimento do pronome canônico. Como a escolaridade está interligada diretamente com a profissão, acreditamos que os personagens que exercem as profissões da categoria *intelectual* empreguem mais a forma inovadora, em conformidade com os informantes do estudo já mencionado.

#### 3.5.4 Autores das obras

No caso desta variável social, ao todo, analisamos vinte e uma obras de dez autores diferentes. Todos os autores selecionados para este estudo são gaúchos ou fixaram residência no Rio Grande do Sul e aqui produziram textos destinados ao público infantojuvenil. Neste último grupo, enquadra-se somente o escritor Sérgio Caparelli, pois os demais autores são todos nascidos neste estado.

Elaboramos um quadro expositivo com a finalidade de apresentar os dez escritores, bem como os respectivos códigos de cada um empregados no momento da digitação do arquivo de codificação dos dados, segue:

Quadro 5- Autores das obras literárias

<b>Autores</b>	<b>Códigos</b>
1) Charles Kiefer	(H)
2) Cláudio Levitan	(L)
3) Diana Noronha	(N)
4) Jane Tutikian	(T)
5) Lygia Bojunga Nunes	(B)
6) Luís Dill	(D)



7) Marcelo Carneiro	(M)
8) Moacyr Scliar	(S)
9) Sérgio Caparelli	(C)
10) Waldir Ayala	(W)

Fonte: Elaborado pela autora.

A nossa intenção, com a escolha da variável autores, é verificar qual dos escritores está contribuindo mais com a implantação da forma *a gente* no quadro pronominal do Português Brasileiro. Assim, no momento da digitação do arquivo de codificação, para cada registro das formas de primeira pessoa do plural, informávamos o código do autor daquele trecho da obra. Com isso, após as rodadas estatísticas, será possível depreender quais autores favorecem ou inibem o novo pronome.

Neste momento da pesquisa, após as inúmeras leituras das obras literárias selecionadas para este estudo, a nossa hipótese inicial é a de que Lygia Bojunga Nunes seja a autora que mais emprega e, com isso, impulsiona o pronome *a gente*. É importante registrar que tal hipótese está pautada em impressões das leituras realizadas. Além de Bojunga, o autor Marcelo Carneiro da Cunha (1993, p. 6), na seção de apresentação de sua obra *Codinome Duda*, explica que “[...] existe uma diferença entre a forma que a gramática diz que é correta e o jeito que a gente usa para falar. Assim, como quando a gente fala “Tu foi” e devia escrever “Tu foste”. Mas como eu queria escrever de um jeito que fosse a cara do Duda, preferi manter a linguagem bem parecida com o jeito que ele fala”. Como podemos observar, o autor emprega duas vezes o pronome *a gente* nesta breve explicação acerca da escolha da linguagem, com isso nos leva a crer que o pronome escolhido pelo mesmo para fazer referência a primeira pessoa do plural seja o novo pronome pelo fato deste ser o mais empregado na oralidade, conforme as pesquisas variacionistas citadas neste estudo.

Por fim, as pesquisas às quais recorreremos a fim de estabelecermos comparações entre a fala e a escrita não tratam desta variável social, por esse motivo não mencionaremos resultados de outros estudos realizados neste âmbito.

### 3.5.5 Gênero do personagem

A variável gênero tem sido amplamente discutida nas pesquisas variacionistas. Dois estudos clássicos são referidos aqui, por seus resultados em relação ao comportamento linguístico das mulheres e pela importância que passou a ter na sociolinguística.

Peter Trudgill (1974, p. 97) realizou uma longa pesquisa acerca da pronúncia de termos como *tune*, *student*, *music*, etc. pelas duas variantes coexistentes em Norwich (Grã-Bretanha): /ju:/ e /u:/, sendo a primeira variante considerada mais prestigiosa do que a segunda. O autor explica que para *tune*, temos /tju:n/ de um lado e /tu:n/ de outro. Após verificar, por meio de gravações, se os participantes pronunciavam mais a variante 1 ou a variante 2, o pesquisador pedia aos mesmos que dissessem como pronunciavam, isto é, como pensavam que pronunciavam as duas variantes já mencionadas.

Os resultados mostraram que 40% das pessoas que empregavam a pronúncia considerada prestigiosa tinham a tendência de subavaliar a sua própria pronúncia e 16% dos que empregavam a pronúncia desvalorizada tendiam a super avaliar a sua própria pronúncia. Ao cruzar esses dados com a variável gênero, Trudgill (1974, p. 97) concluiu que as mulheres, em inúmeros casos, se autodefinem como usuárias das variantes de maior prestígio sem, na verdade, o serem. O estudioso acredita que as mulheres gostariam de utilizar a variante de prestígio, por isso pensam que, de fato, a utilizam em suas interações. Como vemos, homens e mulheres apresentam atitudes e comportamentos diferentes no que tange ao uso da língua. Nesse sentido, Pierre Bourdieu (1982, p. 35) defende o seguinte ponto de vista sobre o comportamento social das mulheres em relação à língua:

Compreende-se assim por que, como sociolinguistas frequentemente observaram, as mulheres são mais inclinadas a adotar a língua legítima (ou a pronúncia legítima): do fato de que elas são votadas à docilidade para com os usos dominantes e pela divisão de trabalho entre os sexos, que as especializa no campo do consumo, e pela lógica do casamento, que é para elas a via principal quando não exclusiva, da ascensão social, e onde elas circulam de alto a baixo, estão dispostas a aceitar especialmente na Escola, as novas exigências do mercado de bens simbólicos.

Em outra pesquisa já clássica, realizada a respeito da estratificação social de /r/ retroflexo em lojas de departamento de Nova York, Labov (1972) constatou que a variante considerada de prestígio ocorre com maior incidência na fala das mulheres. O sociolinguista acrescenta ainda que as mulheres respondem de uma maneira mais radical a testes de reações subjetivas, tendendo mais a estigmatizar o uso da forma não-padrão.

No que se refere à variação entre *nós* e *a gente*, Zilles (2007, p. 34) demonstrou, por meio de um estudo de tempo aparente com informantes de Porto Alegre, que a mudança em prol do novo pronome é liderada por mulheres, visto que o gênero feminino favoreceu o uso de *a gente*, ao passo que o gênero masculino desfavoreceu o pronome inovador.

Borges (2004, p. 152), em sua análise histórico-social-linguística da fala da comunidade gaúcha de Pelotas no Rio Grande do Sul, constatou que as mulheres favoreceram o uso da forma *a gente*. O autor considera um favorecimento ainda “tímido” em prol do novo pronome, pois o peso relativo é muito próximo do ponto neutro.

Borges (2004, p. 53) observou ainda que, em seu levantamento a respeito dos pronomes *nós* e *a gente* em onze peças de teatro de autores gaúchos, as personagens femininas também favoreceram o novo pronome expresso na modalidade escrita, o resultado, segundo o autor, vai ao encontro de outras pesquisas variacionistas.

Com base nos estudos mencionados, a nossa expectativa é de que as personagens do gênero feminino tendam a utilizar mais o pronome *a gente* do que as personagens masculinas.

Por fim, os fatores adotados nesta pesquisa para a variável gênero são masculino e feminino. Os dois fatores são representados pelas suas letras iniciais em maiúscula, conforme segue:

- M – Masculino;
- F- Feminino.

### 3.5.6 Década da publicação das obras literárias

Escolhemos obras literárias das décadas de 1970, 1980 e 1990 para que nossos dados sejam comparáveis aos estudos que compõem nosso referencial teórico, em especial, Zilles (2007), cuja importância para esta dissertação se justifica pelo fato de a autora ter tratado de dados de língua falada coletados na capital do estado do Rio Grande do Sul nas décadas de 1970 (NURC) e 1990 (VARISUL). Tendo em vista que todas as obras literárias consultadas são de autores gaúchos ou de escritores que fixaram residência no estado, os resultados de língua escrita da mesma década são comparáveis com os dados de língua falada do mesmo período.

O nosso propósito em relação a esta variável é identificar se houve um uso crescente do pronome *a gente*, ao longo das décadas de 70, 80 e 90, nos textos de literatura infantojuvenil produzidos no Rio Grande do Sul. Desse modo, a nossa hipótese inicial é a de que identificaremos, nas obras literárias ao longo das três décadas, um uso crescente do pronome *a gente*, assim como foi observado por Zilles (2007).

## 4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos e discutimos os resultados encontrados nas três análises quantitativas (referidas usualmente como rodadas) realizadas com o pacote estatístico Varbrul sobre a variação entre os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*. Os resultados obtidos são discutidos à luz dos pressupostos teórico-metodológicos citados nos capítulos anteriores e comparados com os resultados encontrados em outros estudos relacionados ao tema, a saber, Borges (2004), Brustolin (2009) e Zilles (2007), que examinaram dados oriundos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Decidimos apresentar os resultados das análises realizadas com o programa Varbrul em três seções principais, assim denominadas: **Primeira análise: Distribuição geral das quatro formas pronominais**; **Segunda análise: Pronomes plenos *nós* e *a gente* em relação às variáveis linguísticas e sociais**; **Terceira análise: Pronomes plenos *nós* e *a gente* incluindo autores como variável social**.

A seção 4.1.1, a seguir, trata da rodada geral, considerando as quatro variantes da variável dependente: os pronomes *nós* e *a gente* plenos e nulos.

### 4.1 Primeira análise: Distribuição geral das quatro formas pronominais

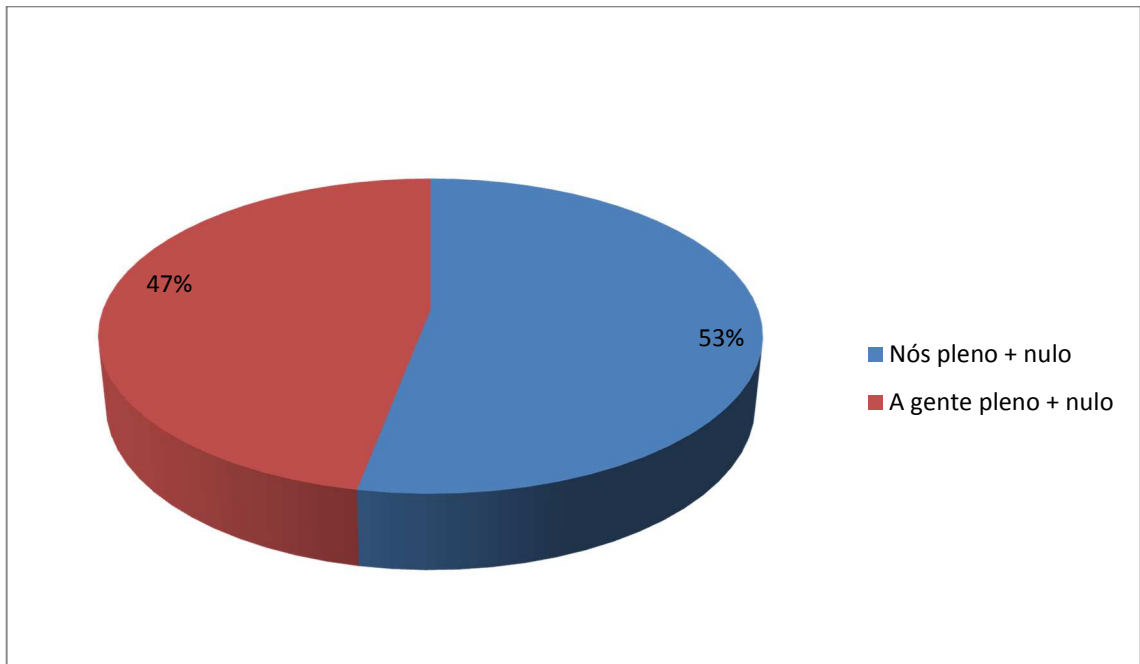
Iniciamos pela apresentação do resultado geral considerando as **quatro variantes** da variável pronome de primeira pessoa do plural (pronome P4):

- Nós pleno;
- A gente pleno;
- Nós nulo;
- A gente nulo.

#### **Resultados gerais:**

- Total de ocorrências: 2.542
- Nós pleno + nulo = 1.303 = 53%
- A gente pleno + nulo = 1.141 = 47%

Gráfico 5 - Distribuição percentual dos pronomes *nós* e *a gente*, plenos e nulos, na amostra de obras de literatura infantojuvenil gaúcha



Fonte: Elaborado pela autora.

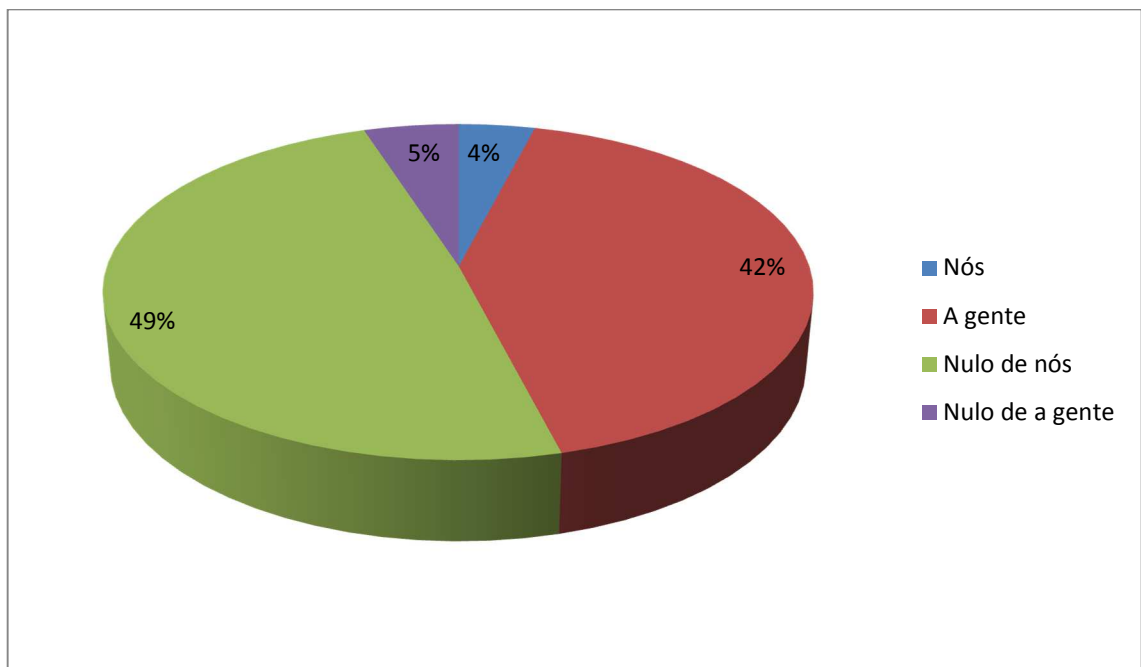
Ao considerar tanto os pronomes plenos quanto os nulos de primeira pessoa do plural, percebemos que a competição entre o pronome canônico e a forma inovadora é acirrada, visto que a diferença em prol do pronome pleno *nós* + nulo é de apenas 6% em relação ao novo pronome. Tal proximidade em termos de percentuais, no entanto, precisa ser detalhada para que se compreenda melhor essa competição. De fato, prevalecem as ocorrências do pronome pleno *a gente* e da forma nula de *nós*, pois os percentuais do pronome pleno *nós* e do nulo de *a gente* são baixíssimos.

Vejamos a distribuição dos dados em relação às quatro variantes:

- Nós pleno = 110 (4%)
- A gente pleno = 1029 (42%)
- Nulo de nós = 1193 (49%)
- Nulo de a gente = 112 (5%)

Com base nesses resultados, realizamos o gráfico a seguir a fim de ilustrar melhor a distribuição dos pronomes plenos *nós* e *a gente* e os respectivos nulos:

Gráfico 6- Distribuição percentual dos pronomes *nós* e *a gente*, distinguindo plenos e nulos, na amostra de obras de literatura infantojuvenil gaúcha



Fonte: Elaborado pela autora.

O que esses resultados mostram é notável: uma claríssima preferência pelo pronome inovador em sua forma plena em contraste com uma robusta quantidade de nulos de *nós*. A soma dos percentuais dessas duas variantes (42%+49%) alcança 91% da totalidade dos dados. Entretanto, são variantes que representam, uma, a inovação na língua, com o uso de *a gente* seguido de verbo na forma não marcada para pessoa e número (a terceira pessoa, na gramática tradicional); outra, a preservação do subsistema de concordância verbal na língua, com o uso de pronome nulo seguido de verbo flexionado com a marca de pessoa e número de P4, expressa pela desinência *-mos*.

Isso posto, consideremos mais de perto o uso dos pronomes nulos em nossa pesquisa.

No que concerne aos casos de nulo de *a gente* (5%), cabe ressaltar que são bem raros ainda, conforme demonstramos no gráfico 6. É necessário destacar também que, em todos os parágrafos em que ocorreram casos de sujeito nulo de *a gente*, a primeira menção ao referente sempre aparece com pronome pleno *a gente* na posição de sujeito, conforme podemos conferir no trecho abaixo:

(23) “Nem respondi. OK, podia até ser, mas me fez bem. Não adianta, eu até entendo o Waltinho, sei que quando *a gente* fala em professor, a imagem que pinta não é a de um cara aberto, como o Bem Hur, ou jovem como o Narco, ou mesmo séria, mas legal, feito a Maria

Izabel. Só o que pinta na cabeça da gente é o Hélio ou um cara como o Paulo, de física, que é um tirano em aula. Não é grosso como o Hélio, tá certo, mas não deixa a gente nem respirar. Espirrou, ele olha com cara feia. Virou pra perguntar uma coisa a um colega, ele pede para virar de volta. Ô, sufoco. Claro, pensando deste jeito o Waltinho não podia mesmo se entusiasmar pelo acampamento. Um cara que não deixasse **a gente**<sup>5</sup> cantar, nem (**a gente**) tomar vinho, nem (**a gente**) pôr um biquíni, não era companhia que prestasse”. (NORONHA, 1985, p. 72).

Os casos de nulo de *a gente*, nesta pesquisa, são bem restritos sintaticamente. Nas poucas ocorrências evidenciadas, o nulo de *a gente* aparece em orações coordenadas assindéticas e sindéticas, como no trecho destacado acima, em orações subordinadas ou em outro contexto que permita a recuperação bem local do referente/ da referência da cadeia. De um modo geral, os casos mais recorrentes são os de oração coordenada sindética. Abaixo, transcrevemos mais três exemplos das obras literárias, sendo um representativo de oração coordenada assindética, um de oração subordinada e, por fim, um de recuperação do referente da cadeia referencial, eis:

(24) “Seu Adolpho gritou, lá de dentro, para que a Cláudia cuidasse um minuto do balcão porque precisava dar uma saída rápida.  
Eu não sei, ainda, por que as coisas acontecem...  
Se elas têm que acontecer assim mesmo...  
Só sei que nós éramos amigos e amigo é coisa séria.  
A gente queria estar junto, (**a gente**) brincar junto, (**a gente**) contar coisas, (**a gente**) olhar coisas, (**a gente**) descobrir e (**a gente**) viver coisas junto, (**a gente**) crescer junto”. (TUTIKIAN, p. 66, 2005).

(25) “—Tudo bem. Quando a gente se fala de tudo, você diz que quer que **a gente** seja super próximo, que (**a gente**) se fale de verdade. Na semana passada eu falei coisas pra você, lembra? Não falei? E você disse que a gente era pra valer, que (**a gente**) era mesmo. E agora eu tenho que ficar bem longe e ficar quietinha? Então o que a gente é, afinal?” (CUNHA, 2015, p. 15).

(26) “Falei pra Mim que eu não ia mais ficar na escola, tava me sentindo muito mal, por causa do Lucas e tudo, que **a gente** se encontrava depois da aula, na livraria do café, como (**a gente**) tinha combinado antes. Ela perguntou se eu tava ok, eu disse que sim, e que ela era quem tinha que se cuidar mais. Ficar arrumando briga com um cara daquele tamanho, não era uma ideia legal. Ela nem me deu atenção. A Mim é assim mesmo”. (CUNHA, 2015, p. 35).

Os resultados de língua falada da pesquisa de Borges (2004, p. 120) acerca dos casos de nulos do pronome *nós*, na cidade de Pelotas, parecem se opor aos encontrados em nosso levantamento, em que os nulos de *nós* se sobrepõem robustamente aos casos de nulo de *a gente*. Do total de 2.057 ocorrências dos pronomes de primeira pessoa do plural tanto plenos, quanto

---

<sup>5</sup>Transcrevemos todo o parágrafo em que ocorrem os casos de nulo de *a gente* para contextualizar o leitor, porém, os dois casos de nulo são referentes somente à penúltima linha, ou seja, o último caso de pronome pleno *a gente*.

nulos, 9% são casos de nulo de *a gente* e apenas 7% são casos de nulo de *nós*. Contudo, esses resultados referem-se a todas as posições sintáticas, não sendo, por isso, passíveis de comparação com os resultados de nosso estudo.

O mesmo problema acontece em relação ao estudo de Borges (2004, p. 51), sobre a língua escrita de peças teatrais, já que os dados se referem a todas as funções sintáticas, e não somente à função de sujeito. Vale mencionar, mesmo assim, que o pronome nulo de *nós* (49%) alcança percentuais muito elevados, se comparados com os do pronome nulo de *a gente* (1%). É importante ressaltar que esses percentuais de pronomes nulos são da rodada geral que também incluiu os pronomes plenos; por isso, como podemos verificar, a soma dos dois percentuais não fecha os 100%.

Brustolin (2009, p. 175), em sua pesquisa já mencionada anteriormente, ao analisar a frequência e probabilidade de *a gente* segundo a variável preenchimento do sujeito na fala dos estudantes, observou que há mais sujeito nulo com *nós* (99%) do que com *a gente* (1%). Dessa forma, confirmou sua hipótese inicial de que, se a marca está colocada no morfema do verbo, o sujeito pode ser nulo. Como vemos os resultados obtidos na pesquisa de Brustolin, no quesito sujeito nulo, são semelhantes aos de língua escrita de Borges (2004) e os que também se aproximam dos resultados desta pesquisa em termos de percentuais, visto que, assim como neste estudo, o pronome nulo *nós* se opõe robustamente em relação ao pronome nulo de *a gente*.

Feitas essas primeiras comparações, em que tínhamos resultados gerais com a distribuição das quatro variantes da variável dependente, passaremos, agora, a uma nova análise, binária, que considera apenas os pronomes plenos. Há duas razões importantes para essa escolha: a primeira é comparar os resultados da literatura infantojuvenil da amostra com os resultados dos estudos de língua falada que consideraram somente os pronomes plenos. A segunda é que uma análise binária permite avaliar mais diretamente os efeitos dos grupos de fatores sobre a escolha de um ou de outro pronome, o que é importante nesta fase da introdução do pronome inovador na língua escrita.

#### **4.2 Segunda análise: Pronomes plenos *nós* e *a gente* em relação às variáveis linguísticas e sociais**

Nesta segunda etapa da apresentação dos resultados, concentramos nossa atenção exclusivamente no uso dos pronomes plenos *nós* e *a gente*. Inicialmente, apresentamos a distribuição encontrada nos dados e, a seguir, a comparamos com os resultados de outros estudos que tratam de amostras de nossa proximidade: Zilles (2007), Borges (2004) e Brustolin



(2009). Desse modo, delineamos quantitativamente a contribuição da literatura infantojuvenil gaúcha para a inserção do pronome *a gente* na língua escrita, a par do que se tem observado na língua falada. Somente depois disso é que passaremos a tratar dos resultados da rodada estatística quanto às variáveis linguísticas e sociais.

Na tabela 14, apresentamos a distribuição dos dados encontrados no *corpus*.

Tabela 14-Distribuição em termos de percentual e peso relativo do pronome *a gente* pleno

<b>Pronome pleno</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Nós	110	9,7%
A gente	1.029	90,3%
<b>Total</b>	1.139	100

Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando somente as ocorrências de pronomes plenos, a distribuição percentual que se observa é impressionante: são 90,3% de pronome pleno *a gente versus* apenas 9,7% do pronome pleno *nós*. Esse resultado mostra o imenso avanço do uso do pronome *a gente* em contraste com o grande recuo do uso de *nós* nas obras de literatura infantojuvenil gaúcha.

Ao comparar os percentuais desta pesquisa com os percentuais encontrados no estudo de tendência<sup>6</sup> empreendido por Zilles (2007, p. 35) no âmbito da língua falada, percebemos que, quantitativamente, os dados relativos à língua escrita de nossa amostra se mostraram ainda mais favoráveis ao novo pronome. Os percentuais encontrados por Zilles partem dos 56% na década de 70 e atingem os 72% na década de 90, ao passo que, nesta pesquisa, o pronome *a gente* alcança 90,3% quando o contrapomos ao pronome *nós*. É importante ressaltar que nosso estudo compreende dados de três décadas de publicações voltadas para o público infantojuvenil gaúcho. Nesse sentido, abrange as duas décadas em que foram realizadas as coletas de língua falada (uma pelo NURC na década de 70, e a outra pelo VARSUL, na década de 90), representadas no estudo de tendência de Zilles. Neste caso, os dados eram sempre de falantes de Porto Alegre, com alto grau de educação formal, o que é importante se pensarmos que estamos comparando fala e escrita.

Zilles (2007, p. 36) apresenta ainda a distribuição do uso de *nós* e *a gente* em quatro cidades gaúchas a partir de dados do VARSUL da década de 90. Nesta amostra, os

---

<sup>6</sup>O estudo de tendência consiste em uma pesquisa realizada em décadas diferentes, com amostras distintas, mas comparáveis, relativas à mesma população.

entrevistados tinham 5, 9 ou 13 anos de escolaridade. Nas quatro cidades predomina a escolha por *a gente*, com os seguintes percentuais: Flores da Cunha (51%), Panambi (59%), São Borja (63%) e Porto Alegre (68%). Nessas quatro comunidades, a tendência, assim como neste estudo, é na direção do novo pronome, embora os percentuais não sejam tão elevados em favor de *a gente* como em nossa amostra.

Estará essa diferença relacionada com a natureza dos dados: entrevistas *versus* narrativas infantojuvenis? Para saber, por exemplo, se o gênero de discurso considerado poderia ser relevante para explicar essa diferença, seria necessário extrair das entrevistas apenas as seções narrativas e aí comparar os usos de *nós* e *a gente* em narrativas orais *versus* narrativas escritas. Ainda assim, não seria possível ignorar o fato de que as narrativas escritas da amostra deste estudo são literárias, enquanto as narrativas das entrevistas foram colhidas em busca do vernáculo, do uso não ou pouco monitorado da língua. Outra questão que deveria ser levantada diz respeito ao interlocutor a quem o falante ou o escritor se dirige: nas entrevistas, eram alunos da universidade os entrevistadores, portanto, jovens adultos; nas narrativas infantojuvenis, o interlocutor/leitor é o público infantojuvenil, ainda que não só. Seria a preferência maciça pelo pronome inovador um recurso estilístico para dar coloquialidade ao texto? Lembremos, por exemplo, que Mastroberti (2015) destaca que, nas narrativas contemporâneas premiadas pelo Prêmio Açorianos de Literatura na categoria infantojuvenil, quanto menor a faixa etária compreendida por infantojuvenil, maior a coloquialidade dos textos. Por fim, devemos dizer que as respostas para essas perguntas talvez fossem possíveis por meio de uma análise qualitativa, porém tal análise, devido à delimitação de tempo, não pôde ser realizada.

Passemos agora à comparação dos nossos resultados com os de Borges (2004, p. 124), sobre dados orais da cidade de Pelotas, no Estado do Rio Grande do Sul, coletados no ano 2000. Pelotas é um importante centro urbano do sul do estado, com duas universidades e uma sólida tradição cultural e literária.

O autor nos apresenta os resultados acerca da variação dos pronomes *nós* e *a gente* plenos na função sintática de sujeito<sup>7</sup>: o novo pronome *a gente* alcançou 74% e o pronome pleno *nós* 26% na cidade de Pelotas.

Ao comparar os resultados de língua falada da pesquisa empreendida por Borges (2004, p. 124) aos resultados de língua escrita deste estudo, percebemos que, embora na cidade de Pelotas o pronome *a gente* seja a escolha preferencial dos falantes, os nossos resultados acerca

---

<sup>7</sup>Os percentuais relativos à língua falada fazem parte da rodada que trata da frequência de uso de *nós* e *a gente* em todas as funções sintáticas, entretanto apresentamos somente os resultados da função sintática de sujeito, por ser essa a única função sintática considerada neste estudo.

do pronome inovador apresentaram percentuais bem mais elevados. Entretanto, é importante enfatizar que além da diferença entre modalidade escrita e falada, os dados diferem quanto ao gênero (entrevista e narrativa literária) e, principalmente, quanto ao interlocutor (estudantes universitários e público infantojuvenil).

Borges (2004, p. 45) também contribuiu com a pesquisa acerca do novo pronome na língua escrita, por isso apontaremos os resultados relativos ao levantamento a respeito dos pronomes *nós* e *a gente* em onze peças de autores gaúchos, a contar de 1896 até 1995, relembrando o que já foi exposto na parte teórica. Os resultados desta segunda pesquisa recobrem um período de tempo de cem anos, com intervalos de dez anos entre a publicação de uma peça teatral e outra.

Nos dados de língua escrita, Borges (2004, p. 51) encontrou um total de 712 registros dos pronomes *nós* e *a gente* plenos e nulos em todas as funções sintáticas possíveis de ocorrerem nos textos. Desses dados, o autor evidenciou 189 casos do pronome pleno *nós* (27%) e 162 casos do pronome pleno *a gente* (23%). Todavia, tendo em vista que analisamos somente os registros do novo pronome na função sintática de sujeito, consideraremos os resultados desta função sintática para fins de comparação. Então, na amostra coletada em onze peças teatrais, o autor evidenciou 122 casos de *nós* (50%) e 124 casos de *a gente* (50%) na função sintática de sujeito.

Em relação aos dados de língua escrita de Borges (2004), pelo fato de não ser possível depreender somente os percentuais referentes às décadas de 70, 80 e 90, não é possível estabelecermos comparações diretas, pois os resultados dos percentuais deste autor são referentes a cem anos de estudo, e os nossos resultados cobrem somente as três décadas finais do século XX.

Brustolin (2009, p. 167) apresenta os resultados a respeito da variação entre *nós* e *a gente* em textos escritos de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis. O pronome pleno *a gente* apareceu em 174 ocorrências e representa 14% do total, ao passo que o pronome pleno *nós* apareceu em 1.110 e corresponde a 86% do total. É interessante observar como a escrita monitorada desenvolvida na escola não favorece o novo pronome. Se compararmos os resultados da língua escrita de narrativas literárias (escrita não escolar) em que os pronomes *nós* e *a gente* apresentaram percentuais de 9,7% e 90,3%, respectivamente, verificamos que os resultados de Brustolin são praticamente o oposto dos nossos.

Brustolin (2009, p. 167) nos apresenta também os resultados relativos à língua falada em uma das escolas participantes do estudo, no caso, a escola 3. Ela informa, em uma nota de

rodapé, que utilizou os dados de escrita das quatro escolas participantes do estudo, porém, em relação aos dados de fala, foram usados apenas os dados da escola 3.

Na modalidade falada, Brustolin (2009) registrou 250 ocorrências de *a gente*, correspondendo a 65%, e 133 ocorrências de *nós*, correspondendo a 35%. Considerando somente os dados de fala, percebemos que os resultados se aproximam mais dos encontrados por Zilles (2007) e por Borges (2004). Brustolin explica que considera como uma característica da fala o maior grau de informalidade, razão pela qual, segundo ela, o novo pronome se sobressai nessa modalidade. Já a escrita escolar, na opinião da pesquisadora, carrega mais monitoramento por parte dos alunos participantes e, possivelmente, responde a uma instrução explícita e a uma exigência forte de que usem o pronome *nós*. Comparando os resultados da pesquisa de Brustolin sobre a língua falada com os resultados da nossa pesquisa sobre as narrativas infantojuvenis, verifica-se que a tendência é a mesma, favorecendo o uso de *a gente*, mas os nossos percentuais são muito mais robustos. Entendemos que é necessário considerar que os gêneros de discurso são diferentes, bem como os destinatários dos textos e seus propósitos.

Concluimos, após estabelecer comparações entre os resultados de língua falada de outros estudos e os resultados desta pesquisa, que a literatura infantojuvenil gaúcha está contribuindo fortemente com o processo de mudança em prol do pronome *a gente*, principalmente no sentido da inserção e aceitação do novo pronome na língua escrita, já que a amostra contém textos de autores renomados, premiados, respeitados.

#### 4.2.1 O uso dos pronomes *nós* e *a gente* na amostra de literatura infantojuvenil gaúcha: fatores linguísticos e extralinguísticos

Nesta etapa, procedemos à descrição e discussão dos resultados da análise quantitativa que focaliza a variação entre *nós* e *a gente* em relação a fatores linguísticos e extralinguísticos. Trata-se, portanto, dos resultados da análise estatística de tipo binário (duas variantes na variável dependente), em que consideramos o pronome pleno *a gente* como aplicação de regra variável, em contraposição ao pronome pleno *nós*. Isso significa que os resultados numéricos se referem à escolha de *a gente* (em detrimento ao pronome *nós*) pelos autores das obras analisadas. Nesta rodada, foi possível examinar a relação entre essa escolha e os grupos de fatores descritos e justificados no capítulo anterior. Os resultados mostram quais desses grupos de fatores foram considerados estatisticamente significativos pelo programa Varbrul, ou seja, quais grupos de fatores favorecem o uso de *a gente* nas obras analisadas e como isso acontece.

Dos quatro grupos de fatores linguísticos analisados, todos foram selecionados como sendo significativos: tipo de referência, tipo de narrador, tipo de discurso e paralelismo formal.

Dos cinco grupos de fatores extralinguísticos analisados, três se mostraram favoráveis ao uso de *a gente* em nosso estudo: profissão, faixa etária, classe social dos personagens. Não foram selecionadas as variáveis gênero (masculino e feminino) e década (anos 70, 80 e 90).

Costuma-se informar, também, a ordem em que as variáveis foram selecionadas, o que fazemos a seguir, alertando o leitor, contudo, para o fato de que esta rodada não pode ser considerada definitiva, pois não incluiu a variável autores, assim como não houve tempo de testar outras possibilidades combinatórias dentro das variáveis idade, classe social e profissão dos personagens. Essa é uma prática desejável na análise quantitativa a fim de encontrar a melhor modelagem para os dados. Feita essa ressalva, passamos à ordem de seleção das variáveis:

1. Tipo de referência (genérica ou específica)
2. Tipo de discurso (narração ou diálogo)
3. Tipo de narrador (em primeira ou em terceira pessoa)
4. Paralelismo formal (isolado, primeiro da série, ou outros da série)
5. Faixa etária dos personagens (criança ou adulto)
6. Classe social dos personagens (baixa, média ou alta)
7. Profissão dos personagens (manual, técnica ou intelectual)

Na apresentação dos resultados, não levamos em conta essa ordem de seleção como critério de importância, em função do que já foi exposto acima sobre as rodadas. Assim, tratamos inicialmente dos grupos de fatores linguísticos e, depois, dos extralinguísticos. Salientamos que apresentaremos somente o percentual e peso relativo do pronome *a gente*, pois, a partir desses valores, é possível deduzir os percentuais e pesos do pronome canônico, já que a análise é binária<sup>8</sup>. Além disso, nas subseções seguintes, na medida do possível, estabeleceremos comparações dos nossos resultados principalmente com os estudos de Zilles (2007), pois a autora nos apresenta dados relativos às pesquisas realizadas com falantes de Porto Alegre, capital do estado, centro cultural mais importante e mesmo local em que muitos de

---

<sup>8</sup>De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 141), rodada binária significa que a variável dependente é tratada em termos das probabilidades e percentuais de acontecimentos de determinada alternativa, oposta à ausência dessa alternativa. A ausência em questão pode incluir apenas uma alternativa, ou várias, mas, no caso de várias, uma análise binária trata todas elas em um só conjunto. Guy e Zilles (2007, p. 228) explicam ainda que, na apresentação dos resultados percentuais, quando se trata de uma variável binária, basta apresentar o valor correspondente a somente uma das variantes, pois o valor da outra é dedutível do primeiro. O mesmo pode ser dito para os pesos relativos.

nossos autores escreveram as suas obras literárias, bem como, em sua grande maioria, publicaram seus livros.

#### 4.2.2 Tipo de Referência: Genérica X Específica

A variável linguística tipo de referência é muito importante, pelo fato de mostrar se os autores das obras literárias infantojuvenis gaúchas estão contribuindo para a inserção e aceitação da forma *a gente* com referência específica no quadro pronominal do Português Brasileiro (PB). Assim, a nossa hipótese inicial era a de que os autores usariam a forma inovadora para fazer referência específica, como pronome pessoal, tal qual o pronome tradicional *nós*, na maioria dos contextos em que é empregado nos textos.

Antes de passarmos a tratar dos resultados, convém apresentarmos alguns esclarecimentos acerca da classificação dos dados em relação a esta variável. Em Borges (2004, p. 168) encontramos os graus de pessoalização da forma *a gente* divididos da seguinte forma:

- Genérico- *a gente*= “eu”<sup>9</sup> + toda e qualquer pessoa que compreenda o discurso (pessoa ou não-pessoa);
- Plural exclusivo- baixo grau de pessoalização (*a gente*= eu + outro (s) (não=pessoa));
- Plural inclusivo- médio grau de pessoalização (*a gente*= eu + tu/ você (pessoa) + outro (s) (não pessoa));
- Plural inclusivo- alto grau de pessoalização (*a gente*= eu + tu/ você (pessoa)).

Para fins de classificação dos pronomes plenos *nós* e *a gente*, optamos por distribuir os registros dos pronomes de primeira pessoa do plural em duas categorias, eis: genérico e específico. Assim, por genérico entendemos os casos em que o pronome indica “eu” + toda e qualquer pessoa que compreenda o discurso. Já por referência específica, entendemos os casos em que *a gente* tenha o traço de pessoa do discurso, indicando eu + outro (s); indique eu + tu/ você (pessoa) + outro (s); e, por fim, eu + tu/ você. É importante ressaltar que, nesses casos, *a gente* é pronome pessoal, ao passo que nos casos de referência genérica, é pronome indefinido, segundo a tradição gramatical. São os casos de pronome pessoal os que nos interessam especialmente, conforme a hipótese acima mencionada.

Após essas considerações, passamos à apresentação dos resultados.

---

<sup>9</sup>No entendimento de Benveniste (1988, p. 258), o “eu”, mesmo estando associado a uma forma genérica, apresenta um traço semântico de “pessoa”.

Tabela 15 - Percentuais e pesos relativos do pronome *a gente* pleno, segundo a variável linguística tipo de referência; amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha

Referência	N/ T	%	Peso
Específica	859/963	89,2%	0,54
Genérica	170/176	96,6%	0,25
<b>Total</b>	1029/1139	90,3%	<b>Input:0, 056</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

A amostra analisada apresentou 1.029 ocorrências de *a gente* expresso nos dados de escrita das vinte e uma obras literárias direcionadas ao público infantojuvenil gaúcho. Dentre essas, houve a presença do pronome *a gente* em 170 casos de referência genérica, correspondendo a 96,6% do total dos casos desse tipo de referência, mas o peso relativo foi de apenas 0,25, valor muito baixo. As ocorrências com o pronome *a gente* indicando referência específica apareceram em 859 casos, correspondendo a 89,2% do total, e o peso relativo de 0,54 foi levemente favorecedor (só quatro pontos acima do ponto neutro 0,50). Apesar disso, a distância entre os pesos (entre 0,25 e 0,54) contribui para que se perceba a força do efeito favorecedor da referência específica para a escolha de *a gente* nesta rodada estatística, em que outras variáveis também têm seu efeito medido em conjunto com esta que está em análise nesta seção.

Os pesos mostram, portanto, que também no texto de literatura infantojuvenil *a gente* está sendo usado como pronome pessoal, o que vai ao encontro da nossa expectativa inicial. Entendemos, pois, que esse resultado permite afirmar que os autores das obras da amostra não atribuem estigma a esse uso; ao contrário, o preferem.

Como vemos, este resultado contribui com a introdução da forma inovadora *a gente* no quadro dos pronomes pessoais, como uma variante do pronome de 1ª pessoa do plural, visto que o peso relativo 0,54 favorece a aplicação do pronome *a gente* com referência específica. Conforme mencionado na seção destinada a tratar do processo da gramaticalização de *a gente*, a forma inovadora surge como pronome indefinido no século XVI, isto é, como uma expressão indeterminada com sentido genérico. Os resultados desse estudo mostram que o pronome em questão, embora ainda ocorra com sentido genérico, prevalece também nos casos em que a referência é mais determinada.

Para que os resultados ganhem expressão linguística, e não apenas numérica e abstrata, valemo-nos de excertos retirados de três obras literárias, uma representativa de cada década

delimitada para o estudo, a fim de servir de exemplo dos casos em que o pronome *a gente* indica referência específica, conforme segue:

Da obra de Nunes (1978, p. 69), publicada na década de 70, valemo-nos do seguinte exemplo:

- (27) “— Escuta, Canarinho, você quer dar uma de ator?  
 — Como é que é?  
 — Quer trabalhar numa peça de teatro chamada “Angélica”?  
 — Paga?  
 — Paga, ué. **A gente** vai cobrar entrada e dividir o lucro com todo o mundo que trabalhar na peça. [...]”. (**a gente= eu + tu/ você (pessoa) + outro(s)**).

Em Levitan (2012, p. 32), obra publicada na década de 90, selecionamos o seguinte exemplo:

- (28) “—Estou me sentindo tão triste! Gostava tanto de morar naquele mundo!  
 — Que boba! Nós vamos voltar assim que descobrirmos a Lua.  
 — Mas para onde vamos seguir, se não existem estradas no céu?  
 — **A gente** pergunta para alguém.  
 —Prum anjo!? Bem capaz!  
 — .... Olhem aquelas coisas voando!  
 — São os satélites artificiais!  
 — Puxa, quanta tralha! Está uma sujeira este céu, hein?  
 — Vamos ler o livro do vô e do vovô de novo, vamos! ” (**a gente= eu + tu/ você (pessoa)**).

Já em Cunha (2015, p. 6), obra publicada na década de 90, escolhemos o seguinte excerto:

- (29) “O Luke pode ser garoto problema, mas é inteligente pra caramba e sabe tudo de português, entre outras coisas.  
 — Lucão, não apareceu no jogo, cara. **A gente** levou cinco a zero e foi de barato.  
 — Jogo?  
 Merda, ninguém tinha convidado ele pra jogar. Esse negócio tá ficando muito chato mesmo.  
 — Esquece o jogo. E ontem, você saiu correndo, cara, nem deu pra gente conversar.  
 — E por que você iria querer conversar comigo?  
 — Hei, alô? Sabe quem é que tá falando com você? Sou eu, Daniel. A gente é amigo, lembra?  
 — É mesmo? Ainda quer ser meu amigo?  
 — Cara, que tá falando? Sabe que eu sou teu amigo.  
 — Então me diz, olhando no olho. O que vai acontecer na próxima reunião do conselho do colégio?  
 Por que ele fazia isso comigo?  
 — Puxa, Luke. Deixa disso, por que eu vou saber?  
 — Porque todo mundo sabe. Diz que é meu amigo, então prove. O que vai acontecer? ”  
**(a gente= eu + outro(s) (não=pessoa))**.



Conforme já exposto no capítulo destinado a tratar da fundamentação teórica, o processo de gramaticalização do novo pronome começou, no século XVI, com o uso do mesmo como pronome indefinido, isto é, como expressão indeterminada com sentido genérico em substituição ao uso dos termos *homem ~ome*. Nesta amostra, o pronome inovador ainda persiste como opção na língua para indicar referência genérica. Nos textos analisados, conforme podemos observar na tabela 16, os percentuais apontam que é a escolha predominante dos autores para esse tipo de referência. A título de exemplo, destacamos três trechos das obras consultadas ao longo das três décadas a fim de ilustrar os casos em que o pronome *a gente* apresenta um baixo grau de pessoalização.

Destacamos da obra de Nunes (2002, p. 39) o seguinte trecho representativo das narrativas publicadas na década de 70:

(30) “Puxa, que susto! Ela nunca tinha falado alto assim. Não perguntou mais nada, o coração ficou batendo, batendo, mas ela continuava sempre quieta, tão quieta que ele acabou não aguentando e perguntou de novo:

— Mas e agora? Como é que você vai dar aula sem a maleta?

— Não sei.

— Mas...escuta...você procurou bem? —Ela fez que sim com a cabeça. —Botou anúncio no jornal? Diz que quando **a gente** bota anúncio quem acha dá pra gente. —Ela ficou quieta. — Botou?

— Botei.

— Ninguém achou?

— Não.

— Então como é que vai ser?

— Não sei.

— Dá jeito de você comprar os pacotes de novo?

— Não.

— Por quê? —Ela não disse nada. —Responde. Por quê? [...]” (“**eu**” + **toda e qualquer pessoa que compreenda o discurso (pessoa ou não-pessoa)**).

Da obra de Caparelli (1987, p. 88), da década de 80, valemo-nos do seguinte exemplo:

(31) “— Gobi, eu disse há pouco que detesto os homens. Detesto mesmo. Mas sabe que você é um amor?

Gobi encabulou-se e sorriu. As palavras criavam armadilhas com fitas de cetim e ele não estava acostumado e não sabia como se desvencilhar, aturdido. Avermelhou.

— Esquece – ela disse –, estava apenas brincando.

— Por que você tem ódio dos homens?

— Os homens são uns animais. Desde que **a gente** nasce, a gente mulher, estou dizendo, desde que **a gente** nasce eles acham que podem mandar ou desmandar, agredir, explorar, bater”. (**eu** + **toda e qualquer pessoa que compreenda o discurso (pessoa ou não-pessoa)**).

Por fim, o excerto da narrativa de Cunha (1993, p. 29), da década de 90, exemplifica o caso em que o pronome *a gente* indica baixo grau de pessoalização, visto que inclui o narrador, no caso o personagem principal Duda, e outros adolescentes da mesma idade e do mesmo gênero, eis:

(32) “Eu conhecia aquele tom de voz na minha mãe, e agora não tinha mais jeito. Eu ia ter que ser amigo da Cláudia e fim de conversa. As mães da gente não entendem nada mesmo. Como é que eu ia ser amigo de uma guria? Gurias não entendem nada do que **a gente** faz. Elas não jogam bola, não conversam direito, não fazem nada. Tudo o que elas sabem fazer é ficar juntas num canto e falar mal da gente.

— Duda, quem sabe tu leva a Cláudia lá pra cima e mostra algum jogo pra ela, ou a lua no telescópio? Assim vocês se distraem um pouco.

Esse era o meu pai. Todos contra mim era demais, como se pode viver assim? Eu li sobre todos esses adolescentes que fogem de casa e dá até pra entender por quê. **A gente** sofre demais na mão de gente grande”. (**a gente= eu + outro(s) (não=pessoa)**).

#### 4.2.3 Tipo de discurso: Narração X Diálogo entre os personagens

No que concerne a esta variável, os nossos objetivos são os seguintes: ao classificarmos os trechos em que identificamos os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* (pleno e nulo), a nossa intenção foi verificar se o pronome inovador predomina no discurso do narrador (a) – a narração propriamente dita – ou no discurso dos personagens – nos diálogos entre os personagens.

Conforme já exposto na seção destinada a tratar da metodologia, em dados preliminares, coletados para o exame da qualificação, o pronome *a gente* predominou tanto em trechos narrativos quanto em diálogos entre os personagens. Contudo, naquele momento da pesquisa, não era possível afirmar, de antemão, que os autores empregassem mais o novo pronome em diálogos, mas essa era a nossa hipótese inicial visto que, nesses trechos, muitas vezes, há registros de fala coloquial.

A seguir, apresentamos a tabela 16 com os nossos resultados.

Tabela 16 - Percentuais e pesos relativos do pronome *a gente* pleno, segundo a variável linguística tipo de discurso; amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha

<b>Tipo de discurso</b>	<b>N/ T</b>	<b>%</b>	<b>Peso</b>
Diálogo entre os personagens	506/572	88,5%	0,56
Narração	523/567	92,2%	0,43
<b>Total</b>	1029/1139	90,3%	<b>Input: 0,056</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados da tabela acima, em termos de percentual, mostram que o novo pronome tem robusta maioria tanto nos trechos que remetem à voz do narrador quanto nos trechos que remetem ao diálogo entre os personagens, devido ao fato de que, em ambos os casos, os percentuais são superiores ou próximos dos 90%. No caso do discurso do narrador, percebemos uma leve diferença de 4 pontos percentuais, o que, *a priori*, não parece significativo tendo em vista que o discurso entre os personagens alcançou 88,5%.

Observando a relação entre percentuais e pesos, mais uma vez temos resultados em direções contrárias<sup>10</sup>. O diálogo entre personagens tem o percentual mais baixo, mas o peso relativo de 0,56 nos indica que esse contexto favorece o emprego de *a gente*, ainda que moderadamente, o que corrobora a nossa hipótese. Nos discursos inerentes aos diálogos dos personagens, os autores tendem a aproximar a escrita da fala em uso no dia a dia, o que resulta, muitas vezes, em trechos semelhantes à fala não monitorada, por isso a nossa aposta de que o novo pronome seria favorecido nos contextos em que os personagens conduzem o discurso, o que de fato ocorreu conforme nos indica o peso relativo.

O peso relativo de 0,43 para *a gente* no contexto da narração é moderadamente desfavorecedor. Do mesmo modo, é moderada a distância entre os dois pesos (entre 0,43 e 0,56), que é de apenas 13 pontos.

Com esses resultados, é possível depreender que a forma inovadora, em se tratando de pronome de referência a primeira pessoa do plural, permeia, na maioria dos casos, todos os discursos em que se faz necessário o emprego de tal pronome, indicando que a mudança, nas narrativas infantojuvenis gaúchas dessa amostra, já é bastante avançada. Claro, não podemos esquecer os casos de nulos de nós, que também apresentaram frequência muito elevada, mas estes não foram incluídos nesta análise aqui discutida.

#### 4.2.4 Tipo de narrador: 1ª pessoa X 3ª pessoa

Nossa hipótese inicial para esta variável era a de que o narrador em 1ª pessoa, sendo personagem da narrativa, podendo ser uma voz infantojuvenil no texto, favoreceria o pronome inovador, visto que os estudos sociolinguísticos relativos à língua falada têm mostrado que são sempre os mais jovens das amostras que empregam com mais incidência o pronome *a gente*.

---

<sup>10</sup>Em Guy e Zilles (2007, p. 211-213), é possível conferir orientações para interpretar resultados numéricos quando os percentuais e os pesos relativos não são similares, nem vão na mesma direção.

Tabela 17- Percentuais e pesos relativos do pronome *a gente* pleno, segundo a variável linguística tipo de narrador; amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha

<b>Tipo de narrador</b>	<b>N/ T</b>	<b>%</b>	<b>Peso</b>
1ª Pessoa	745/836	89,1%	0,65
3ª Pessoa	284/303	93,7%	0,15
<b>Total</b>	1029/1139	90,3%	<b>Input:0, 056</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Numa primeira observação dos resultados da tabela 17, vemos números contraditórios se comparamos os percentuais e os pesos. O percentual mais alto corresponde às 284 ocorrências do pronome *a gente* nas obras com o narrador em 3ª pessoa, 93,7%, mas o peso relativo é baixíssimo, de apenas 0,15. Já no caso das obras com narrador em 1ª pessoa, localizamos um total de 836 registros de pronomes de primeira pessoa do plural, sendo 745 registros do pronome inovador. Tais dados representam 89,1%, um percentual um pouco menor do que o anterior, mas peso relativo bem expressivo: 0,65 (são 15 pontos acima do ponto neutro que é 0,50). Assim, com base nos pesos relativos, podemos afirmar que o contexto das obras infantojuvenis, com narrador em 1ª pessoa favorece em boa medida a ocorrência do pronome inovador *a gente* nas vozes nelas presentes, sustentando nossa hipótese. O contrário deve ser dito em relação ao contexto das obras com narrador em 3ª pessoa, pois o peso é muito baixo e informa que se trata de fator que desfavorece o uso do pronome inovador. Vale ressaltar, ainda, a grande distância entre os dois pesos (entre 0,15 e 0,65) torna o resultado ainda mais expressivo.

Das vinte e uma obras consultadas, doze se enquadram no tipo de narrador personagem, em 1ª pessoa: Andrômeda, Caminhando na chuva, Aventura no rio escuro, Pro que der e vier, Codinome Duda, Um time muito especial, A noite das esmeraldas, Alê, Marcelo, Ju & Eu, Antes que o mundo acabe, Os cavalos da república, O porão misterioso e O tio que flutuava. Conforme podemos constatar, 57%, ou seja, um pouco mais da metade das obras são narradas em 1ª pessoa. Não adotamos nenhum critério prévio em relação ao tipo de narrador. Acreditamos que o uso do pronome *a gente* ser favorecido em obras narradas em 1ª pessoa seja decorrente do fato de muitos narradores-personagens serem crianças ou pré-adolescentes, faixa etária que impulsiona o novo pronome em estudos sociolinguísticos de língua falada. Além disso, confere coloquialidade ao texto, característica própria da literatura infantojuvenil segundo Mastroberti (2015).

Abaixo, segue o quadro 6, em que organizamos as vinte e uma obras em ordem alfabética e de acordo com o tipo de narrador. Assim, primeiramente, apresentamos as doze obras narradas em 1ª pessoa, com os respectivos trechos em que podemos evidenciar o pronome pessoal de primeira pessoa do singular *eu* na voz do narrador e, na segunda parte do quadro, as nove obras narradas em 3ª pessoa do singular com trechos em que destacamos a 3ª pessoa do singular *ele*, conforme as orientações acerca da identificação de narrador propostas por Culler (1999). Segue o quadro recém referido:

Quadro 6- Tipos de narradores: excertos exemplificativos por obra literária

Obras Literárias	Narrador em primeira pessoa
Andrômeda	(33) “Ela abaixou a cabeça até o joelho e chorou. <b>Eu</b> não aguentei. Fui devagar em sua direção, para que não pensasse que <b>eu</b> fosse lhe dar uns safanões. Passei as mãos em seus cabelos e ela até mesmo sorriu”. (Caparelli, p. 10, 1976)
Caminhando na chuva	(34) “Há várias formas de contar. ( <b>Eu</b> ) confesso que iniciei em terceira pessoa, tentando me esconder atrás de um narrador onisciente. Daí pensei: pô, todo mundo vai saber que é autobiográfico, todo mundo me conhece...Parti, então, pra primeira pessoa, e acredito que acertei”. (Kiefer, p. 15, 1982)
Aventura no rio escuro	(35) “A amizade entre <b>eu</b> e o Jaime nasceu quando ele me ofereceu uma banana, no recreio. <b>Eu</b> estava escorado numa árvore no pátio, vendo as outras crianças brincar de cabra-cega e pegador”. (Kiefer, p. 11, 1997)
Pro que der e vier	(36) “Assim que <b>eu</b> cheguei em casa para o almoço, o pessoal notou que alguma coisa tinha acontecido. Não dei bola pras implicâncias do Zé Ricardo, quase não comi e quando falavam comigo, <b>eu</b> só respondia, sim, não”. (Noronha, p. 20, 1985)
Codinome Duda	(37) “Essa coisa de <b>eu</b> ser jornalista tem disso. Muito seguidamente, as pessoas mais diferentes me contam histórias que elas viveram, ouviram, viram, ou imaginaram. Muitas vezes, as que elas

	imaginaram parecem as mais reais. Às vezes deve ser assim mesmo”. (Cunha, p. 5, 1993)
Um time muito especial	(38) “ <b>Eu</b> sabia tudo dela! Às vezes sabia o que estava pensando e até o que ia dizer, se fechava os olhos, não importava onde estivesse, se fechava os olhos podia vê-la direitinho, cabelo, olho, boca, nariz, corpo, perna, pé e gostava de vê-la sorrindo para mim”. (Tutikian, p. 21, 2005)
A noite das esmeraldas	(39) “O policial aparece de novo e o médico do hospital de Pronto Socorro diz que <b>eu</b> estou bem, não tenho nenhum osso quebrado, não é nada grave, só um corte pequeno no joelho direito. Pergunta ao doutor se já pode falar comigo. Claro, claro, não tem problema”. (Dill, 1997, p. 9)
Alê, Marcelo, Ju &Eu	(40) “Algumas vezes tínhamos brigado, sim. Mas. <b>Eu</b> ficava tão infeliz, apesar da raiva que também ficava, que logo corria para fazer as pazes. Ela fazia porque, <b>eu</b> sei, também ficava infeliz, mas nunca pedia desculpas”. (Tutikian, p. 15, 2004)
Antes que o mundo acabe	(41) “Eu tinha ido até o Lucas, pra ver como ele estava. Não que <b>eu</b> pudesse ajudar muito, mas acho que todo mundo andava tão contra ele que <b>eu</b> queria dizer pra ele aguentar firme que tudo ia passar, sei-lá como, mas ia”. (Cunha, 2015, p. 5)
Os cavalos da república	(42) “Naquele dia que completei treze anos, meu pai veio acordar-me, dizendo que tinha um presente especial. <b>Eu</b> esperava uma bicicleta nova, daquelas incrementadas, uma bicicleta de fazer inveja aos meus amigos. Fiquei decepcionado, portanto, quando ele me mostrou o embrulho do presente: parecia um livro”. (Scliar, p. 9, 1990)
O porão misterioso	(43) “Vocês devem estar surpresos de uma árvore do meu tamanho querer ir junto com eles naquele foguete tão pequeno. Talvez porque vocês não saibam que <b>eu</b> viajo pelos lugares mais longínquos simplesmente soltando

	minhas folhas ao vento”. (Levitan, p. 26, 2012)
O tio que flutuava	(44) “Como <b>eu</b> disse, foi na primavera que tudo começou. Em outubro daquele ano, minha tia Clara notou que seu marido, Isaías, deslocava-se mais rapidamente do que seu moroso passo habitualmente permitiria”. (Scliar, p. 10, 1999)
<b>Obras Literárias</b>	<b>Narrador em terceira pessoa</b>
Angélica	(45) “Ele continuava olhando pra longe. Olhando e pensando: “puxa vida, estão me enganando de novo.” Quando crescesse não ia deixar falarem com <b>ele</b> daquele jeito, quando crescesse não ia deixar ninguém rir das perguntas que <b>ele</b> fazia”. (Nunes, p. 9, 1978)
A toca da coruja	(46) “Zé Renato prendeu-se na escada e viu que realmente suportava seu peso como se <b>ele</b> fosse uma pluma. Andou um pouco, escalando com prazer”. (Ayala, p. 9, 1984)
A casa da madrinha	(47) “O pessoal adorou! Língua da gente era mesmo outra coisa. Como <b>ele</b> tinha falado certinho, tudo tão acabado em ão. Bateram palma com força e jogaram dinheiro no chão. Nem repararam que o Pavão balançava de um lado pra outro parecendo meio tonto”. (Nunes, p. 13, 2002)
As meninas da Praça da Alfândega	(48) “Cinco tiros disparados perto do porto, correrias na direção da Praça da Alfândega e três meninos- um deles ensangüentado - são o começo dessa estória. O começo tem também Lucinha, que vendia milho cozido na Rua Sepúlveda, ao lado das palmeiras reais. Foi <b>ela</b> quem ouviu os tiros e pensou que a cidade inteira puxava o gatilho”. (Caparelli, p. 13, 1994)
Os meninos da Rua da Praia	(49) “Era bonita a tartaruguinha. Forte, pernas roliças tinha um verde que saía da metade do casco e se espalhava manso até a beirada. Viviam dizendo que <b>ela</b> era lerda, preguiçosa até”. (Caparelli, p. 5, 1999)

A mochila de Gobi	(50) “Gobi subiu pela Rua Uruguai e desembocou na Rua da Praia, a cada instante mais cheia. Dava dois passos e já precisava sair do caminho, a fim de evitar encontrões. O que <b>ele</b> acreditava ser um passeio pacífico transformava-se numa luta de vida ou morte, cada um se julgando no direito de abocanhar o espaço a sua frente, dando de ombros, resmungando e avançando sempre”. (Caparelli, p. 40, 1987)
Corda Bamba	(51) “Foguinho estava parado na esquina tirando um coelho da meia: andava treinando pra ser mágico. Há anos que <b>ele</b> comia fogo no circo, mas agora tinha dado pra ficar de estômago embrulhado cada vez que engolia uma chama; tinha dias, que só de olhar pra tochas que barbuda trazia, o estômago já se revoltava todo”. (Nunes, p. 9, 2001)
Meg Foguete	(52) “Tereza ia se casar com Tiago, da novela das oito, mas não podia. Seu pai e sua mãe saíam bem cedo para o trabalho e ordenavam que <b>ela</b> ficasse em casa, cuidando do Dito, de três anos, e do Casimiro, de dois. Eles trancavam a porta e iam embora. Só voltavam de noite. A casa devia estar em ordem, a janta pronta, as crianças limpas”. (Caparelli, p. 23, 1985)
Tchau	(53) “A cara do Tuca ficou tão contente que o Rodrigo até achou melhor fingir que não tinha visto: virou pro caderno e começou a escrever.  Naquele dia só deu tempo de dar uma explicação curta pro Tuca.  Mas no outro dia o Rodrigo usou a hora do recreio todinha pra explicar tudo melhor. Era a primeira vez que <b>ele</b> dava aula pra alguém. E pelo jeito gostou: nem viu o tempo passando. A campanha tocou e <b>ele</b> até se assustou [...]”. (Nunes, p. 29, 1985)

Fonte: Elaborado pela autora.



Por fim, em conformidade com os percentuais robustos apresentados na tabela 17, concluímos que, levando em consideração somente os casos dos pronomes de primeira pessoa do plural plenos, o pronome *a gente* é a escolha da maioria das vozes presentes nas narrativas, de ambos os tipos de narradores. Assim, entendemos que a forma inovadora é a escolha para a maioria dos personagens das vinte e uma obras consultadas, o que também confirma a nossa hipótese inicial, visto que o narrador em primeira pessoa, por participar das ações narradas por ele mesmo, também é um personagem na história.

#### 4.2.5 Paralelismo Formal (sujeito-sujeito)

Em relação a esta variável, a nossa hipótese inicial era a de que a primeira ocorrência de um pronome condicionaria as próximas, isto é, o primeiro pronome ocasionaria uma sequência de repetições da mesma forma pronominal.

O paralelismo formal trata-se do princípio discursivo de que o falante tende a repetir uma mesma forma em uma sequência discursiva. Assim, quando o personagem ou o narrador-personagem deu início a uma sequência discursiva empregando o sujeito *a gente*, para fazer referência a um grupo maior ou menor de pessoas, em que o mesmo se inclui, é provável que ele continue a empregá-lo nas proposições subsequentes, seja de maneira implícita ou explícita. Da mesma forma, se o personagem ou o narrador-personagem opta pelo sujeito *nós*, acreditamos que ele continue a utilizá-lo em uma mesma sequência discursiva.

Convém esclarecermos ainda que os principais critérios estabelecidos para considerarmos a existência de uma série discursiva do paralelismo formal foram, então, os dos sujeitos plenos *nós* e *a gente* ocorrerem dentro do limite de um parágrafo em caso dos trechos assumidos pela figura do narrador. Já nos casos de diálogos entre os personagens, consideramos o turno de fala completo de um único personagem como uma série discursiva. Assim, toda vez que outro personagem assumia o turno de fala conseqüentemente, mudava a série discursiva.

Para a análise desta variável, valemo-nos somente do paralelismo formal (sujeito-sujeito). Podemos verificar, nos trechos que seguem, exemplos 54, 55 e 56, a ocorrência do paralelismo formal (sujeito-sujeito) em dois diálogos entre personagens e em um trecho narrativo. O primeiro diálogo é entre irmãos Alexandre e Augusto, personagens da obra *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes. Já o segundo diálogo ocorre entre os amigos Ricardo e Julinho, personagens da obra *Um time muito especial*, de Jane Tutikian. Por fim, o último exemplo trata-se de um trecho narrativo. Neste pequeno excerto a voz é a do narrador-personagem Eduardo (Codinome Duda).

(54) “— A cadeira é assim mesmo: fica danada da vida quando **a gente** obriga ela a fazer uma coisa sem (a gente) querer saber se ela tá topando ou não. Mas se **a gente** é legal e (a gente) trata ela bem, aí pronto, ela fica feliz que só vendo, é só **a gente** sentar que ela abre os braços **pra gente** sentar ainda mais gostoso; se **a gente** diz “hmm, tô com um sono!” Ela estica a frente e abaixa as costas **pra gente** deitar e dormir; e se você pensa “tomara que eu não durma demais, tenho que acordar às três horas”, bateu três horas, batata! Ela levanta e dá um pulo, querendo ou não você acorda”. (NUNES, 2002, p. 45).

(55) “— **Nós** escondemos o Montanha sem perguntar para ele se queria. Talvez **a gente** esteja, mesmo, impedindo que ele tenha uma vida melhor, com essas coisas que **a gente** tem e tudo”. (TUTIKIAN, 2005, p. 62).

(56) “No outro dia, eu procurei a Cláudia e combinei com ela que **a gente** não devia se falar no colégio, pra (a gente) não dar tanto na vista. Pra se falar, **a gente** se encontrava depois da aula, pra (a gente) fazer planos e coisas assim. Quem tivesse uma ideia nova telefonava pro outro, e **a gente** combinava um encontro”. (CUNHA, 1993, p. 33).

Ao analisarmos os exemplos 54 e 56, acima, verificamos que o pronome pleno *a gente* é retomado por pronome nulo + desinência verbal não marcada. Desse modo, a análise de paralelismo formal para os casos de sujeito precisaria ser melhor definida e deveria ser melhor avaliada numa rodada que incluísse um novo grupo de fatores distinguindo ser nulo ou pleno o pronome, e a variável dependente ser também binária, mas definida como pronome canônico e pronome inovador. Infelizmente, não houve tempo hábil para fazer essa nova análise.

Já em relação ao exemplo 55, como vemos, o personagem emprega o pronome canônico *nós* e na sequência faz duas retomadas com o pronome inovador *a gente*. Tais registros ocorreram também na amostra de língua falada de Borges (2004). Diante disso, Borges (2004, p. 132) questionou a tendência a “marcas levarem a marcas e zeros levarem a zeros”. Para ele, se fosse assim, não teria localizado, em sua amostra, exemplos com alternâncias tão grandes de formas (expresso e não-expresso) em função da cadeia referencial. A hipótese do autor, em relação a essa observação, é a de que “parece haver na estrutura do plano do discurso cadeias referenciais que interferem na escolha dos falantes para a manutenção da continuidade do discurso e não somente para a simples manutenção de formas paralelas”.

Após as considerações acima, passamos aos resultados relativos à variável paralelismo formal que podem ser conferidos na tabela 18 abaixo:

Tabela 18- Percentuais e pesos relativos do pronome *a gente* pleno, segundo a variável linguística paralelismo formal; amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha

<b>Paralelismo</b>	<b>N/ T</b>	<b>%</b>	<b>Peso</b>
Ocorrência Isolada	615/700	87,9%	0,56
Primeira de uma Série	168/179	93,9%	0,41
Outras de uma Série	246/260	94,6%	0,38
<b>Total</b>	1029/1139	90,3%	<b>Input: 0,056</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

A tabela acima mostra que, em termos de peso relativo, o pronome *a gente* é levemente favorecido quando aparece isolado em uma sequência discursiva: 0,56. O termo “levemente” é empregado por conta do peso relativo em questão ficar próximo do ponto neutro, que é 0,50. Neste caso, o peso mostra que o fator ocorrência isolada favorece o novo pronome, mas seu efeito não é robusto.

Convém destacar que o peso relativo mais baixo (0,38) está associado justamente aos casos de paralelismo formal *outros de uma série*, o que reforça a observação de Borges sobre as ocorrências de exemplos com alternâncias tão grandes de formas (expresso e não-expresso) em função da cadeia referencial.

Resta acrescentar que os paralelismos que predominaram, quando se usa o pronome pessoal pleno *a gente* na posição de sujeito, são “a gente...a gente” ou “nós...a gente”, conforme atestamos por meio do exemplo 55. É necessário registrar que esta análise, que contrasta apenas os pronomes plenos, não é suficiente para levar a compreender como funciona a organização dessas cadeias referenciais de mesmo referente em posição de sujeito. Acreditamos que essa seja a razão para que o peso maior tenha recaído sobre as ocorrências isoladas: nossa variável provavelmente não permite medir apropriadamente os efeitos dos fatores analisados.

Por fim, com o propósito de esclarecer os motivos pelos quais os resultados dos percentuais e dos pesos relativos não são similares e nem vão na mesma direção, recorreremos à obra de Guy e Zilles (2007, p. 213). Para os autores, “[...] quando o pesquisador encontra um resultado desse tipo, é aconselhável acreditar mais nos pesos (do que nos percentuais), porque eles é que vão dar uma avaliação mais precisa dos efeitos dos fatores”. Deste modo, como os valores dos percentuais e dos pesos relativos são tão diferentes, consideraremos, como resultado final desta variável, que o pronome *a gente* é favorecido em ocorrências isoladas. Dessa forma,

a nossa hipótese inicial de que a primeira ocorrência de um pronome condicionasse as próximas, isto é, o primeiro pronome ocasionasse uma sequência de repetições da mesma forma pronominal, não se confirmou nesta rodada estatística. Isso, certamente, tem relação com o modo como codificamos os dados e com o fato de termos excluído os nulos dessa análise. Para dar conta desta questão, seria necessário uma nova rodada estatística considerando os casos de nulos dos pronomes de primeira pessoa do plural, o que não foi possível devido à delimitação de tempo. Entendemos, portanto, que o resultado aqui apresentado reflete apenas em parte a atuação do grupo de fatores paralelismo formal.

#### 4.2.6 Faixa Etária: Crianças/Adolescentes X Adultos

Por meio dos resultados acerca da faixa etária dos personagens envolvidos nas narrativas analisadas, será possível verificar como são representados personagens mais jovens e mais velhos. A nossa hipótese geral era a de que os personagens mais velhos fossem construídos empregando mais o pronome *nós* e os personagens mais jovens, o novo pronome, conforme evidenciamos nos estudos de Zilles (2007).

Antes de discutirmos os resultados, é necessário relatar que, ao catalogar os registros de *nós* e *a gente*, trabalhávamos com três faixas etárias, a saber: criança/adolescente, adulto e velho; além disso, tínhamos códigos para narrador e animais/plantas (dos quais não se podia determinar a idade, por falta de informação). Após a primeira rodada estatística, devido ao fato de ocorrer *knockout* na faixa etária velho, optamos por amalgamá-la com a faixa etária adultos. Além disso, optamos por considerar, na segunda rodada estatística, somente os códigos C (criança e adolescente) e A (adulto). Assim, os registros de casos de *a gente* e *nós* que ocorreram nas categorias narrador e animais/plantas foram ignorados na análise dessa variável devido ao fato de não serem considerados relevantes para este grupo de fatores, por definição, pois não correspondem a “faixas etárias”. Cabe registrar ainda que as categorias retiradas dessa variável, na segunda rodada, foram criadas mediante a própria codificação adotada, devido ao fato de não ser possível nem socialmente relevante, em princípio, determinar a idade dos personagens animais e plantas, por exemplo.

A fim de esclarecer o *knockout* na faixa etária velho, é importante dizer que, nessa faixa etária, não encontramos nenhum registro dos pronomes plenos *nós* e *a gente*. No total, localizamos trinta e um casos do pronome nulo de *nós* relativos a esta faixa etária em duas obras literárias, a saber: Os cavalos da República, de Moacyr Scliar, e Angélica, de Lygia Bojunga Nunes. Ressaltamos que o pronome nulo de *nós* foi mais recorrente na primeira narrativa citada.

A tabela 19, abaixo, apresenta os valores para as duas faixas etárias criança/ adolescente e adulto/velho em percentuais e pesos relativos, testados estatisticamente.

Tabela 19- Percentuais e pesos relativos do pronome *a gente* pleno, segundo a variável social faixa etária; amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha

<b>Faixa Etária</b>	<b>N/ T</b>	<b>%</b>	<b>Peso</b>
Adultos/ Velhos	179/209	85,6%	0,59
Crianças/ Adolescentes	747/807	92,6%	0,47
<b>Total</b>	926/1016	91,1%	<b>Input: 0,056</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme podemos observar, em termos de percentuais, crianças/adolescentes foram os que mais usaram o pronome *a gente*, com 92,6% de aplicação, seguidos de perto pela faixa etária adultos/velhos, com percentual de 85,6%. É importante registrar que tanto a linguagem atribuída a crianças e adolescentes quanto a linguagem atribuída a adultos e velhos contribuem para impulsionar o novo pronome no processo de gramaticalização, visto que, nos registros com os pronomes *nós* e *a gente* plenos, em ambas as faixas etárias, o pronome inovador é a escolha predominante dos autores das obras literárias.

A faixa etária dos adultos, com peso relativo de 0,59, mostrou-se a que mais favorece o emprego do pronome *a gente* nas narrativas infantojuvenis. Observamos que o peso relativo 0,47, referente à faixa etária das crianças e adolescentes, ficou muito próximo do ponto neutro, desfavorecendo levemente a forma inovadora. Esse resultado precisaria ser melhor investigado para que se compreendesse melhor os pesos relativos encontrados. Isso implicaria novas rodadas e análise qualitativa, o que não foi possível realizar dentro do tempo de que dispúnhamos.

#### 4.2.7 Classe Social: Baixa X Média X Alta

Em nossa metodologia, com base nos resultados da pesquisa de Borges (2004) para este fator, adotamos a hipótese de que a mudança em prol do novo pronome vem de cima para baixo, ou seja, é motivada pela classe alta, assim como evidenciado na cidade de Pelotas.

Antes de apresentarmos os resultados, ressaltamos, mais uma vez, que definimos a classe social dos personagens fictícios das vinte e uma obras literárias observando as seguintes dimensões sociais: local de residência, bens materiais do personagem ou de sua família e

hábitos de consumo revelados ao longo dos textos. Nesse sentido, a definição da classe social de um personagem é resultado de nossa interpretação conjunta de uma série de informações sociais que porventura apareçam nos textos das obras estudadas. O leitor pode conferir um exemplo de como essa classificação foi feita na seção dedicada à variável classe social no capítulo de metodologia desta dissertação (item 3.5.2).

É importante registrar ainda que, na primeira rodada estatística, trabalhávamos com cinco classes sociais e os seus respectivos códigos, a saber:

- Classe Baixa (X);
- Classe Média-baixa (B);
- Classe Média-média (O);
- Classe Média-alta (M);
- Classe Alta (A).

Após analisarmos os primeiros resultados, constatamos que a distribuição dos dados era desequilibrada. Portanto, para uma análise mais adequada da variável, amalgamamos as categorias alta e média-alta, de um lado, e baixa e média-baixa, de outro. Assim, construímos três categorias (classe alta, classe média, classe baixa).

Os resultados para a variável *classe social*, com diferenças estatisticamente significativas entre as três classes, estão na tabela 20 abaixo.

Tabela 20- Percentuais e pesos relativos do pronome *a gente* pleno, segundo a variável social classe social; amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha

<b>Classe Social</b>	<b>N/ T</b>	<b>%</b>	<b>Peso</b>
Alta (A)	80/93	86%	0,72
Baixa (X)	189/206	91,7%	0,56
Média (O)	725/799	90,7%	0,45
<b>Total</b>	994/1098	90,5%	<b>Input: 0,056</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se, pelos resultados da tabela 20, que a distribuição do pronome *a gente*, em termos de percentuais, é equilibrada visto que, nas três classes sociais em estudo, a forma inovadora atingiu percentuais próximos ou acima de 90%. Mais uma vez, constatamos que o pronome inovador se sobrepõe com supremacia sobre o pronome canônico, neste caso, no que concerne às três categorias sociais. Ainda acerca dos percentuais, notamos que a classe baixa

alcançou o percentual mais alto entre as três classes, com 91,7%. Todavia, pelo peso relativo, a classe social que de fato favorece a mudança em prol do novo pronome é a classe alta, com peso relativo bastante robusto, de 0,72 (22 pontos acima do ponto neutro 0,50).

Interessa-nos, para este estudo, o peso relativo, pois é este que indica, na amostra considerada e na rodada analisada, a classe social que está mais associada à mudança. Dessa forma, como vemos, a classe alta é a que mais favorece o uso de *a gente* e, por conseguinte, confere status de prestígio ao uso do novo pronome. Com esse resultado, confirmamos a nossa hipótese inicial de que a mudança vem de cima para baixo, como observado nos resultados de Borges (2004), no que diz respeito à variável classe social, relativos à cidade de Pelotas.

Concluimos que o pronome *a gente* não parece ser estigmatizado no que tange a esta variável, pois é impulsionado pelas três classes sociais, em especial, pela classe alta que ocupa o topo da pirâmide em termos de renda, por isso consequentemente tem acesso à educação de qualidade, bem como aos bens culturais. Claro, é preciso lembrar que estamos tratando das representações literárias das classes sociais em obras infantojuvenis. É preciso lembrar, ainda, que esses resultados são, num certo sentido, exploratórios, pois novas rodadas estatísticas poderiam, eventualmente, indicar outras tendências ainda não identificadas.

#### 4.2.8 Profissão

Os resultados da variável profissão são muito importantes para este estudo, pois fica evidente a relação entre a composição social dos personagens e a variação entre os pronomes pessoais de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente*. Em relação a este fator, a nossa hipótese inicial era a de que os personagens que exercem as profissões que integram a categoria *intellectual* empregariam mais o pronome inovador.

Em relação à organização dos dados, conforme já exposto na metodologia, na primeira rodada dos dados no programa estatístico Varbrul, cada profissão foi considerada isoladamente. Dessa forma, ao todo, contávamos com quarenta e seis profissões. Devido aos trinta e sete *knockouts*, optamos por agrupar as profissões em três categorias de ocupação, segundo Amaral (2003), com base em Chambers (1995, p. 46), conforme segue: manual, técnica e intelectual. Assim, entendemos por manual toda ocupação profissional que consiste em um trabalho rotineiro, repetitivo, exercido artesanalmente, com baixo nível de complexidade cognitiva como, por exemplo, o trabalho desenvolvido pelo auxiliar de depósito, catador de lixo, cortador de cana e dona de casa. Como trabalho técnico, consideramos toda a profissão que envolve a organização de uma atividade e, portanto, nível médio de complexidade cognitiva, como as

atividades exercidas pelo mecânico de automóveis, enfermeiro, escriturário e fotógrafo. Por trabalho intelectual, compreendemos ser toda atividade profissional que requer um planejamento complexo por parte do profissional e possui uma complexidade cognitiva alta, como as profissões exercidas por médico, arquiteto, engenheiro, jornalista e escritor. Assim, as profissões que envolvem mais habilidades e conhecimentos especializados e, ao mesmo tempo, envolvem níveis mais complexos de pensamento e reflexão ocupam as posições mais altas na escala. Essa classificação, portanto, segue a adotada por Amaral (2003).

A tabela 21 evidencia os resultados relativos à variável social profissão nesta pesquisa:

Tabela 21- Percentuais e pesos relativos do pronome *a gente* pleno, segundo a variável social profissão; amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha

<b>Profissões</b>	<b>N/ T</b>	<b>%</b>	<b>Peso</b>
Técnica	934/1027	90,9%	0,74
Manual	88/109	80,7%	0,70
Intelectual	737/793	92,9%	0,43
<b>Total</b>	934/1027	90,9%	<b>Input: 0,056</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Esses resultados, pelos robustos percentuais e pelo fato desta variável ter sido selecionada como a mais significativa estatisticamente, fazem da mesma um dos condicionadores sociais mais importantes para o processo de mudança em favor do pronome *a gente* neste estudo, segundo a representação feita pelos autores. Como podemos observar, as três categorias de profissões atingiram percentuais elevados em favor do novo pronome, demonstrando, assim, que todas são representadas pelos autores como contribuindo com o processo de mudança no quadro pronominal do português brasileiro.

Entretanto, ao analisarmos os pesos relativos, percebemos que há duas categorias que favorecem o novo pronome: a técnica, com peso relativo de 0,74, e a manual, com peso relativo de 0,70. A categoria intelectual desfavorece apenas moderadamente o pronome inovador, visto que o peso relativo de 0,43 não atinge sequer o ponto neutro (0,50). Desse modo, das três categorias em estudo, somente a intelectual desfavorece a aplicação da regra em estudo, o que invalida a nossa hipótese inicial. Novamente entendemos que esse resultado deva ser considerado exploratório. Através de uma análise qualitativa aprofundada, talvez verificássemos, por exemplo, a necessidade de reconsiderar alguns casos da categorização que



fizemos das profissões. Dizemos isso porque os resultados da variável profissão contradizem os resultados de classe social, em termos de peso relativo. Infelizmente, não foi possível aprofundar mais essas questões neste estudo. O registro aqui feito, no entanto, deve servir para futuros desenvolvimentos.

#### 4.2.9 Variáveis sociais sem significância estatística: Gênero (masculino e feminino) e década (1970, 1980, 1990)

A variável linguística gênero não foi selecionada pelo programa estatístico como sendo significativa nesta rodada. Como não foi possível avançar no tratamento estatístico em virtude da limitação de tempo para concluir este estudo, fizemo-nos, com Guy e Zilles (2007) a seguinte pergunta: “Mas o que devemos fazer com resultados sem significância? Apresentá-los, ou abandoná-los como um fracasso que não merece mais atenção? De fato, raramente é justificável simplesmente esquecer ou não mencionar resultados sem significância”. Os autores destacam que “a falta de significância de uma relação ou efeito é, em si, um fato, uma descoberta, uma evidência, uma resposta às perguntas do pesquisador” (Guy e Zilles, 2007, p. 214) e acrescentam que pode haver diferentes motivos para a falta de significância, dos quais destacamos: 1) “o efeito investigado realmente não exista no mundo”; 2) “os dados coletados sejam insuficientes para revelá-los” (Guy e Zilles, 2007, p. 215).

Diante disso, apresentamos aqui, como achados da rodada em questão, os resultados das variáveis não selecionadas. Começamos com gênero e depois passamos a década.

No caso da variável gênero, a nossa expectativa era a de que as personagens do gênero feminino tenderiam a utilizar mais o pronome *a gente* do que as personagens masculinas, já que as pesquisas variacionistas de Borges (2004) e de Zilles (2007), entre muitas outras em todo o país, demonstraram que são elas que lideram a mudança em curso em prol do novo pronome.

A seguir, apresentamos a tabela 22 com os nossos resultados:

Tabela 22- Percentuais do pronome *a gente* pleno, segundo a variável social gênero; amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha

<b>Gênero</b>	<b>N/ T</b>	<b>%</b>
Masculino	685/754	91%
Feminino	325/366	89%
<b>Total</b>	1010/1120	90,2%

Fonte: Elaborado pela autora.

Os percentuais relativos à variável gênero nos mostram que, de uma maneira geral, o pronome inovador é empregado majoritariamente tanto por personagens do gênero feminino quanto por personagens do gênero masculino, pois, como podemos observar na tabela 22, a diferença numérica entre ambos os gêneros é de apenas dois pontos percentuais. Ao que parece, os autores das obras analisadas representaram igualmente o uso de *a gente* nas vozes masculinas e femininas de suas narrativas. Isso talvez possa explicar por que o grupo de fatores não foi considerado significativo.

Quanto ao grupo de fatores década da publicação, que também não alcançou significância estatística na análise com aquele conjunto de dados, nossa hipótese inicial era a de que, no decorrer das três décadas, o pronome *a gente* se projetaria em uma curva ascendente, ou seja, haveria um uso crescente do mesmo com o passar dos anos.

Os resultados desta variável podem ser observados na tabela 23, expressos apenas em percentuais, já que não houve significância estatística nesta rodada, conseqüentemente, não há peso relativo a apresentar.

Tabela 23– Percentuais do pronome *a gente* pleno, segundo a variável social década; amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha

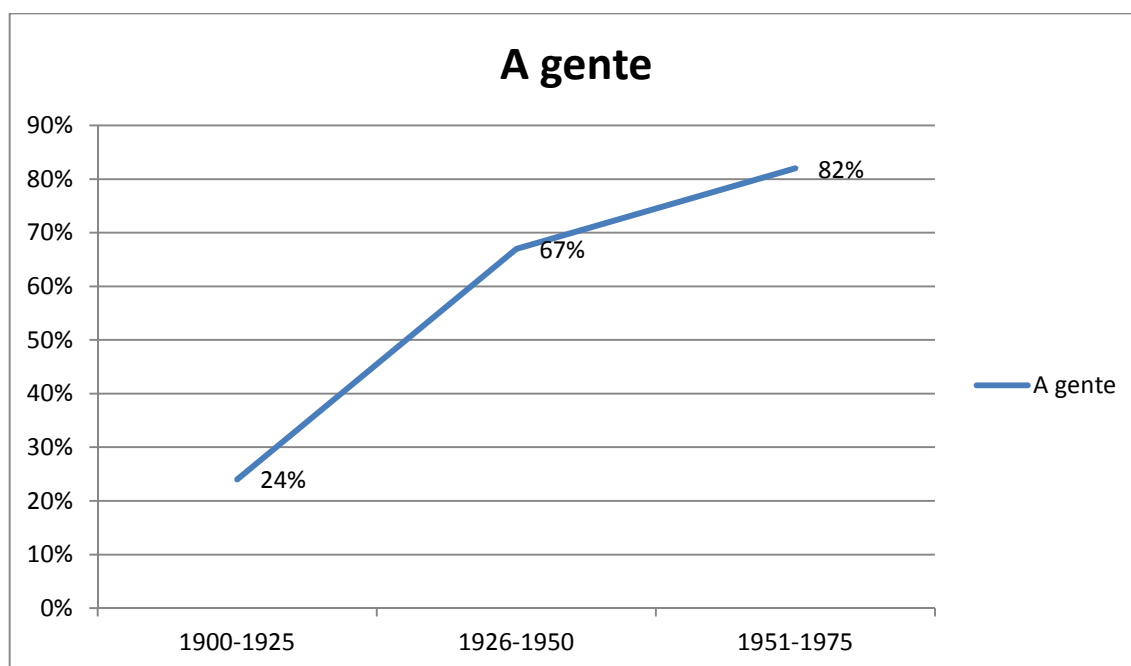
Décadas	N/ T	%
70	215/230	93,5%
80	280/308	90,9%
90	534/601	88,9
<b>Total</b>	1029/1139	90,3%

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados, de um modo geral, nos mostram que o pronome *a gente* predomina insistentemente nas três décadas e, o melhor, com percentuais próximos ou acima dos 90%.

Zilles (2007, p. 36), em seu estudo de tendência com amostras de fala do NURC e do VARSUL de Porto Alegre, nos apresenta um gráfico com percentuais de *a gente* conforme o ano de nascimento dos falantes. No gráfico 7, observamos o acentuado avanço do uso de *a gente versus nós*.

Gráfico 7 – Percentuais de uso de *a gente* conforme o ano de nascimento dos falantes, estudo de tendência (dados do NURC e do VARSUL de Porto Alegre)



Fonte: Zilles (2007, p. 36)

Como se observa, o novo pronome atinge percentuais mais elevados na medida em que as décadas estão avançando. Assim, os falantes nascidos entre 1900 e 1925 empregam mais o pronome canônico, ao passo que os falantes nascidos entre 1926 a 1975 empregam mais o novo pronome.

Em nosso caso, a hipótese inicial de que o pronome *a gente* seria mais empregado pelos autores no decorrer das três décadas não se confirmou, pois, ao que tudo indica, os autores não estabeleceram diferenças em função da década em que estavam escrevendo suas obras. Isso pode explicar por que essa variável não tenha alcançado significância estatística.

#### 4.3 Terceira Análise: Pronomes plenos *nós* e *a gente* incluindo autores como variável social

Tendo em vista compreender o efeito das escolhas de cada autor, no que se refere ao uso de *nós* e *a gente* plenos, acrescentamos essa variável ao conjunto de variáveis da Segunda Análise, e realizamos uma nova rodada estatística. Desta vez, o Varbrul selecionou apenas quatro variáveis, nesta ordem:

1. Tipo de referência (genérica ou específica);
2. Tipo de discurso (narração ou diálogo);

3. Faixa etária dos personagens (criança ou adulto);
4. Autores (Cláudio Levitan, Charles Kiefer, Diana Noronha, Jane Tutikian, Lygia Bojunga Nunes, Luís Dill, Marcelo Carneiro da Cunha, Moacyr Scliar, Sérgio Caparelli, Walmir Ayala).

Apresentamos, na tabela 24, os resultados das três primeiras variáveis selecionadas pelo Varbrul, a fim de compará-los com os resultados da Segunda Análise.

Tabela 24-Percentuais e pesos relativos do pronome *a gente* pleno, incluindo autores como variável social; amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha

Variáveis	N/ Total	%	Peso
<b>Tipo de referência</b>			
Genérica	170/176	96,6%	0,25
Específica	859/963	89,2%	0,55
<b>Tipo de Discurso</b>			
Narração	523/567	92,2%	0,41
Diálogo	506/572	88,5%	0,58
<b>Faixa etária dos personagens</b>			
Criança	747/807	92,6%	0,43
Adulto	179/209	85,6%	0,73
<b>Total</b>	2.984/3.294	90,6%	<b>Input: 0,053</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Os percentuais desta nova rodada são exatamente iguais aos apresentados na Segunda Análise, seja quanto aos fatores linguísticos, no caso das variáveis tipo de referência e tipo de discurso, seja quanto aos fatores sociais, no caso da variável faixa etária. No que concerne aos pesos relativos, os resultados são praticamente os mesmos, visto que, na variável, tipo de referência, os pesos são exatamente iguais nas duas rodadas e, na variável tipo de discurso, os pesos mudam dois pontos percentuais para mais (diálogo) ou para menos (narração), por isso não serão novamente apresentados e discutidos. Convém ressaltar que, ao observarmos a variável faixa etária, percebemos que, na rodada anterior, o peso relativo da categoria adulto era levemente favorecido com 0,59 e, agora, nesta rodada, o peso passa para 0,73, mostrando-se altamente favorecedor do novo pronome. Essa mudança nos pesos, de uma rodada para a outra, se deve à inserção da variável autores na presente análise, e ao fato de os pesos serem

relativos. Como essa rodada é exploratória (e, se verá adiante, apresenta problemas analíticos pela distribuição desigual dos dados entre os autores), apenas registramos a diferença. Para fins deste estudo, escolhemos permanecer com o resultado da Segunda Análise, que não apresentou problemas analíticos quanto à distribuição dos dados.

Na Terceira Análise, a variável autores foi selecionada pelo programa estatístico Varbrul como sendo significativa para esse estudo. Na seção metodologia de estudo, a nossa hipótese inicial (com base em uma impressão estabelecida no processo de levantamento e codificação dos dados) era a de que Lygia Bojunga Nunes seria a autora que mais empregaria o pronome *a gente*, seguida pelo escritor Marcelo Carneiro da Cunha. Como podemos observar na tabela 26, três dos dez autores apresentam mais de 94% de uso de *a gente*: Lygia Bojunga Nunes, Marcelo Carneiro da Cunha e Sérgio Caparelli. Esse resultado confirma em parte nossa suposição a respeito dos dois primeiros, mas revela que é necessário adicionar mais um, Sérgio Caparelli, à lista dos que estão usando o pronome inovador quase como regra categórica (que é o caso quando o uso atinge 95% ou mais).

Tabela 25– Percentuais e pesos relativos do pronome *a gente* pleno, segundo a variável social autores; amostra de obras da literatura infantojuvenil gaúcha

<b>Autores/ Códigos</b>	<b>N/ T</b>	<b>%</b>	<b>Peso</b>
Charles Kiefer (H)	38/45	84,4%	0,67
Cláudio Levitan (L)	18/29	62,1%	0,86
Diana Noronha (N)	155/167	92,8%	0,63
Jane Tutikian (T)	101/129	78,3%	0,87
Lígia B. Nunes (B)	233/247	94,3%	0,20
Luís Dill (D)	1/2	50%	0,94
Marcelo Carneiro da Cunha (M)	406/428	94,9%	0,44
Moacyr Scliar (S)	26/35	74,3	0,69
Sérgio Caparelli (C)	49/52	94,2%	0,30
Walmir Ayala (W)	1/2	50%	0,87
<b>Total</b>	1029	90,3%	<b>Input: 0,053</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados da tabela 25 mostram que, com exceção dos escritores Luís Dill e Waldir Ayala, em termos de percentuais, todos os demais autores empregam o pronome *a gente* demasiadamente em suas narrativas ficcionais. A seguir, para dar maior concretude aos resultados numéricos, listamos os autores que alcançaram os percentuais mais elevados e as suas respectivas obras. Assim, em relação ao uso dessa variável, há a predominância de *a gente*, com 94,9%, nas obras *Codinome Duda* e *Antes que o mundo acabe*, ambas de autoria do escritor Marcelo Carneiro da Cunha (M). Na sequência, com percentuais de 94,3% e 94,2% respectivamente, o pronome inovador aparece com recorrência nas obras *Angélica*, *A casa da madrinha*, *Corda Bamba* e *Tchau*, de autoria de Lygia Bojunga Nunes, e também nas obras *Andrômeda*, *Os meninos da Rua da Praia*, *Meg Foguete*, *A mochila de Gobi* e *As meninas da Praça da Alfândega*, de autoria de Sérgio Caparelli.

Em relação ao autor Marcelo Carneiro da Cunha, julgamos ser de extrema importância apresentarmos um parágrafo de abertura de sua obra *Antes que o mundo acabe* localizado na seção intitulada *Antes de começar a história*, em que o autor nos apresenta a seguinte explicação acerca da escolha da linguagem:

Contar a história do Duda foi legal pra mim, porque tem esse jeito dele, de guri, de contar tudo assim, rápido, bem vídeo game mesmo. Também foi um pouco difícil, porque existe o lance da linguagem- vocês sabem, da diferença que muitas vezes existe entre a forma que a gramática diz que é correta (que também chamam de linguagem culta), e o jeito que a gente usa pra falar. Assim, como a gente fala “Tu foi?” e devia escrever “Tu foste?”. Mas como eu queria escrever de um jeito que fosse a cara do Duda, preferi manter a linguagem bem parecida com o jeito que ele fala. Pode não ser lá como a gramática manda. Mas saber gramática é uma coisa, e eu acho que é superimportante. Contar histórias é outra. Às vezes elas se juntam sem problemas. Às vezes não. Espero que todos curtam. Ou melhor: gostem. (CUNHA, 1993, p. 6).

Com esse breve parágrafo explicativo, Marcelo Carneiro da Cunha deixa claro que optou por uma linguagem mais próxima da língua em uso de um “guri”, visto que o narrador e, ao mesmo tempo, personagem principal, é um pré-adolescente. É importante ressaltar que o autor reconhece a importância da gramática (que confunde com a norma culta), mas entende que, ao contar histórias, a linguagem do narrador deve ser a que ele julgar que mais toque o público-alvo, neste caso, os jovens (pré-) adolescentes. Cabe ressaltar ainda que, com essa explicação do autor em relação à escolha da linguagem, entendemos que a supremacia do novo pronome em termos de percentual, em suas duas obras selecionadas para este estudo, reflete uma escolha pessoal e consciente sua.

No entanto, ao observarmos os pesos relativos, percebemos que os resultados são contraditórios e contra-intuitivos, pois o autor que mais favorece o pronome *a gente*, com peso

relativo de 0,94, é o mesmo que apresentou o percentual mais baixo, de 40%. Ao consultarmos a única obra de Dill analisada, percebemos que ele emprega mais o pronome pleno *nós* do que o pronome pleno *a gente*, o que dificulta ainda mais a nossa compreensão em relação ao peso relativo tão favorecedor do novo pronome. O grande problema desses resultados, contudo, reside no fato de que há apenas 2 ocorrências de pronomes plenos na obra analisada, sendo uma de *a gente* e uma de *nós*. Ora, o que significa 50% de 2 ocorrências, em comparação com, por exemplo, falar de 94,9% de ocorrências quando há, no *corpus*, um autor que apresentou 406 casos de *a gente* de um total de 428? Percebe-se, facilmente, que deve haver um mínimo de ocorrências das variantes da variável dependente para que se possa analisar a variação entre elas. Este mínimo está estipulado em 30 ocorrências. Com menos do que isso, não faz sentido a análise, pois o Varbrul vai, justamente, “fornecer, nos pesos, uma representação abstrata dos efeitos de contexto independentemente dos níveis gerais de uso de um processo” (Guy e Zilles, 2007, p. 212). E mais: quando percentuais e pesos apresentam valores contrários, deve haver uma distribuição desequilibrada ou estranha dos dados (Guy e Zilles, 2007, p.213).

O mesmo problema aparece nos dados do autor Walmir Ayala, que apresenta apenas duas ocorrências de pronomes plenos, sendo um de *nós*, e um de *a gente*, o que equivale a 50% de um ou de outro, mas o peso atribuído é de 0,87. Entretanto, não faz sentido interpretar esse resultado como sendo altamente favorecedor ao uso do pronome inovador.

Diante desses resultados, cabe ao pesquisador repensar o esquema analítico, fazer novas rodadas, avaliar até que ponto os pesos relativos são relevantes para a variável em que há desequilíbrio nos dados. Se decidir que sim, terá de coletar mais dados, até alcançar um mínimo de 30 ocorrências, para dar uma boa chance de a tendência real do uso variável emergir. Como não tivemos condições de realizar novas rodadas, decidimos concentrar nossa atenção nos resultados percentuais, retirando os dois autores mencionados acima, a fim de verificar como o uso de *a gente* se distribui entre eles. Apresentamos a seguir exemplos do uso dos pronomes *nós* e *a gente* plenos encontrados nas obras de Luís Dill e de Walmir Ayala.

Quadro 7- Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* plenos na obra *A noite das esmeraldas*

Não sei bem qual era a rua, mas se <b>a gente</b> passar por lá eu reconheço. (p. 28)
—Não exatamente. <b>Nós</b> ficamos um tempinho ali, um por cima do outro. Eu tava tonto e ele resmungava, acho que bateu com a cabeça. (p. 54)

Fonte: Elaborado pela autora.

Abaixo, no quadro 8, apresentamos os dois casos dos pronomes plenos *nós* e *a gente* localizados na obra *A toca da coruja*, do escritor Walmir Ayala. Salientamos que tanto Ayala (1984) quanto Dill (1997) empregam em maior número o pronome nulo de *nós* em suas obras literárias, por isso para entender melhor as escolhas de ambos os autores seria indispensável examinar detalhadamente o uso dos pronomes nulos, o que não pôde ser realizado a tempo.

Quadro 8- Ocorrências dos pronomes *nós* e *a gente* plenos na obra *A toca da coruja*

— <b>Nós fomos</b> tomar banho no rio. (p. 51)
— <b>A gente</b> foge. A coruja está muito ocupada fazendo sua fritada de ovos de cobra verde. (p. 42)

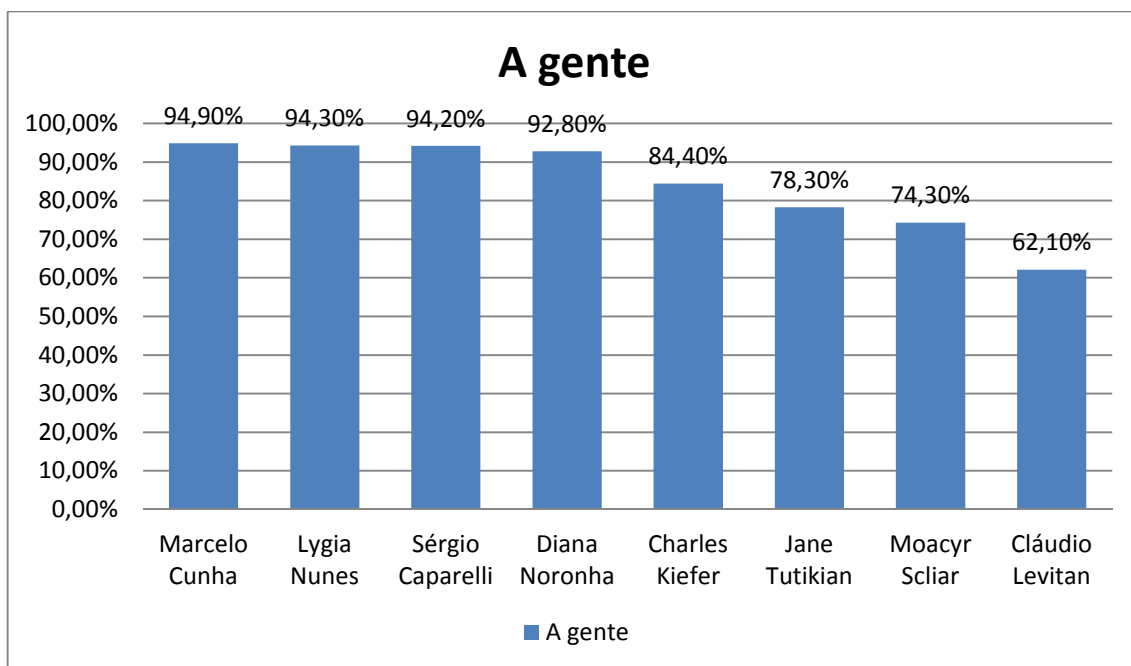
Fonte: Elaborado pela autora.

Na metodologia, tínhamos a preocupação de que a inclusão de muitas obras de um mesmo autor, como no caso das três obras de Lygia Bojunga Nunes e as cinco obras de Sérgio Caparelli, pudessem enviesar os resultados desta pesquisa. Por isso, imaginávamos que seria necessário controlar rigorosamente os resultados do tratamento estatístico procedendo a análises comparativas, com e sem essas obras, ou mesmo com apenas uma ou duas, para equiparar critérios em relação a outros autores. Entretanto, como a maioria dos autores tem percentuais altos de uso do novo pronome, não é necessário fazer tais análises comparativas.

Por fim, nota-se no gráfico 8, com os percentuais de uso de *a gente*, que a maioria dos (as) autores (as) de literatura infantojuvenil elegeram o pronome inovador para fazer referência à primeira pessoa do plural em suas narrativas.



Gráfico 8- Distribuição em termos de percentuais do pronome *a gente* pleno, segundo a variável social autores



Fonte: Elaborado pela autora.

Como podemos observar na tabela acima, a maioria dos autores cujas obras foram aqui analisadas têm percentuais acima dos 60% de *a gente*. Esse resultado contribui com o nosso propósito nesta pesquisa, no sentido de mostrar que, dos dez autores, oito usam o pronome inovador nas narrativas infantojuvenis e, com isso, contribuem não só para o avanço da mudança em curso, mas, principalmente, contribuem para a aceitação do novo pronome na língua escrita nesse nicho literário.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, investigamos a variação entre os pronomes de primeira pessoa do plural *nós* e *a gente* numa amostra da literatura infantojuvenil gaúcha, a partir de fatores linguísticos e sociais relacionados ao emprego dos pronomes referidos na função sintática de sujeito. Com a realização deste levantamento, acreditamos que estamos contribuindo com o avanço dos estudos variacionistas sobre os pronomes de primeira pessoa do plural, uma vez que não localizamos outras pesquisas com finalidades semelhantes as nossas no âmbito da língua escrita.

Na introdução, traçamos dois objetivos principais: primeiro, investigar os caminhos de entrada do pronome *a gente* na língua escrita, neste caso, através da literatura infantojuvenil gaúcha; segundo, verificar se há uso crescente do novo pronome ao longo das décadas de 70, 80 e 90, por meio das narrativas literárias publicadas neste período de tempo. Ao término deste estudo, com base nos percentuais e pesos relativos estatisticamente significativos, constatamos que ambos os objetivos foram alcançados, posto que a literatura infantojuvenil mostrou-se muito acolhedora ao pronome pleno *a gente* em todos os contextos analisados. Quanto ao segundo objetivo, observamos que a forma inovadora se manteve estável, nas três décadas circunscritas, com percentuais próximos ou acima dos 90%.

Convém aqui retomarmos brevemente o processo de gramaticalização, pois esse é o principal pressuposto teórico que norteia o presente trabalho. Discutimos o processo da gramaticalização do pronome *a gente*, no capítulo destinado à fundamentação teórica, uma vez que *a gente* era, inicialmente, um substantivo que designava um nome coletivo, passou à função de pronome indefinido e, somente após o processo contínuo da gramaticalização, assumiu, ainda não de forma definitiva, a função de pronome de primeira pessoa de plural, concorrendo com a forma canônica *nós*.

Também no capítulo da fundamentação teórica, foram apresentados os resultados de três pesquisas variacionistas acerca da alternância de *nós* e *a gente*. Tais estudos são de autoria de três pesquisadores da região sul do país, a saber: de Borges (2004), Zilles (2007) e Brustolin (2009). É importante registrar que pesquisadores de outras regiões também se dedicaram ao mesmo tema, entretanto apresentamos somente os resultados de dados coletados no Rio Grande do Sul e no estado de Santa Catarina, pela proximidade, em termos geográficos, com os nossos dados. Com isso, ao estabelecermos as nossas hipóteses em relação às variáveis linguísticas e sociais, na medida do possível, nos norteávamos pelos resultados obtidos nessas pesquisas.

Visando a comparar os dados de língua escrita com os dados de língua falada e, considerando que os dados de Zilles (2007) foram coletados nas décadas de 70 e 90, optamos por analisar obras das décadas de 70, 80 e 90. A amostra, portanto, cobre trinta anos de produção literária dirigida ao público infantojuvenil. Cabe acrescentar ainda que as obras que compõem o *corpus* desta pesquisa são todas, sem exceção, de autores gaúchos ou de escritores que se fixaram no estado do Rio Grande do Sul e aqui publicaram seus livros para os infantes e pubescentes. Neste último caso, inclui-se apenas o escritor Sérgio Caparelli.

Isso posto, destacamos os resultados mais relevantes deste estudo. Em primeiro lugar, vale dizer que os resultados obtidos corroboraram a maioria das hipóteses do trabalho. A análise quantitativa sobre a variação de *nós* e *a gente* nos forneceu algumas evidências, a partir dos percentuais e pesos relativos, que permitiram constatações muito importantes sobre o processo de inserção do pronome *a gente* na literatura infantojuvenil.

De um modo geral, é possível afirmar que o pronome *a gente* (pleno) está presente em todas as obras, não só como pronome indefinido, mas também como pronome pessoal que inclui claramente o falante como referente.

Na primeira análise quantitativa, considerando as quatro formas pronominais de P4, a saber, as formas pronominais plenas e nulas, os resultados percentuais apontaram uma distribuição concentrada entre o pronome pleno *a gente* (42%) e o pronome nulo de *nós* (49%). Apesar da importância desse achado, não foi possível, nos limites de tempo, aprofundar essa análise. Certamente é tema para futuros estudos.

Na segunda análise, consideramos somente os registros de *nós* e *a gente* plenos. Destacamos o percentual muito robusto do novo pronome (90,3%), em contraste com o pequeno percentual de *nós* (9,7%). Diante de tamanha disparidade de ocorrências entre ambos os pronomes, constatamos que os autores pesquisados estão impulsionando o uso do novo pronome na escrita das narrativas ficcionais.

No que concerne aos resultados da análise quantitativa considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos, julgamos importante destacar os resultados dos grupos de fatores que favoreceram o pronome *a gente* nesta pesquisa. Comentaremos, primeiramente, as variáveis linguísticas tipo de referência e tipo de discurso e, em seguida, as variáveis sociais profissão e classe social.

Em relação ao grupo de fatores linguísticos tipo de referência, confirmamos a nossa hipótese inicial de que os autores empregam *a gente* como pronome pessoal, com sentido específico, tal qual o pronome canônico *nós*. Entretanto, cabe ressaltar que o novo pronome

ainda persiste na língua escrita em sentido genérico, embora o peso relativo demonstre não favorecer *a gente* como pronome indefinido. Acreditamos que, para os estudos sociolinguísticos voltados para a variação em questão, o resultado que favorece a referência de tipo específico é extremamente importante, pois revela que o processo de gramaticalização de *a gente* encontra-se em um estágio muito avançado.

No que diz respeito à variável linguística tipo de discurso, a nossa expectativa era a de *a gente* fosse mais recorrente nos trechos que contêm diálogos, visto que, muitas vezes, tais discursos costumam ser mais coloquiais do que os do narrador. O pronome inovador prevaleceu em ambos os casos analisados, com percentuais muito próximos ou acima dos 90%. No entanto, segundo o peso relativo, os diálogos são os contextos que favorecem o uso de *a gente*, como esperávamos. Muitas vezes, na escola, ou mesmo em dados de pesquisa sociolinguística (como se vê, por exemplo, em Zilles, 2007, p.38), o pronome *a gente* é alvo de estigma, quer por contrariar a norma padrão, quer por ser associado ao discurso coloquial, pouco monitorado. Entendemos, com base nos nossos resultados, que a literatura infantojuvenil da amostra estudada não compactua com preconceitos de nenhuma ordem em relação ao novo pronome.

Os fatores classe social e profissão nos revelam resultados surpreendentes e, ao mesmo tempo, contraditórios entre si no que se refere ao pronome *a gente*. Pela ordem de menção, relembremos as nossas considerações inicialmente quanto à classe social. O peso relativo aponta que são os personagens da classe alta que mais favorecem o uso do pronome inovador, evidenciando que ele tem prestígio social nas narrativas. Ressaltamos que a nossa expectativa inicial de que a classe social alta empregaria mais a forma *a gente*, foi estabelecida com base no mesmo resultado da pesquisa de Borges (2004) acerca dos falantes da cidade de Pelotas. Assim, embora os nossos dados sejam de obras literárias, por coincidência ou não, os resultados condizem com dados de língua falada.

Quanto à variável social profissão, os pesos relativos nos indicam que duas categorias favorecem o pronome *a gente*, a saber: a técnica e a manual. Levando em consideração que a classe social alta é o contexto que mais favorece o pronome referido, nos causa estranhamento as profissões agrupadas na categoria intelectual desfavorecerem, mesmo que seja moderadamente, o novo pronome. Talvez fosse necessário reagruparmos as profissões localizadas nas vinte e uma obras e, em seguida, realizarmos a uma nova rodada estatística. Desse modo, possivelmente, resolveríamos o problema da contradição entre os resultados das duas variáveis sociais. Outra possibilidade seria a de tratar profissão como um dos indicadores de classe social, como usualmente é feito.

Por fim, reconhecemos que o presente trabalho apresenta limitações, sendo a principal delas a necessidade de realizarmos novas rodadas estatísticas. Os registros dos pronomes *nós* (nulo) e *a gente* (pleno), devido à quantidade expressiva de ambos, deveriam ter sido contrastados em novas e mais aprofundadas análises.

Reconhecemos também que o estudo carece de uma análise qualitativa para explicar, por exemplo, quais são os contextos sintáticos em que ocorrem os raros registros de *a gente* nulo. No capítulo destinado à análise dos dados, apontamos quatro contextos sintáticos evidenciados em quatro obras distintas, entretanto uma análise mais profunda poderia revelar outros. Além disso, devido à delimitação de tempo para a análise qualitativa, não conseguimos responder se a natureza dos dados, ou seja, os gêneros do discurso (entrevista sociolinguística x narrativas ficcionais) estariam influenciando na variação entre os pronomes *nós* e *a gente*, plenos e nulos.

Além da necessidade de aprofundamento dos estudos sobre o uso de *a gente* na literatura infantojuvenil, ampliando a amostra tanto no tempo quanto no espaço, outras questões podem ser arroladas a partir da realização desta pesquisa: As múltiplas vertentes da literatura infantojuvenil (literatura de temática indígena, escrita por autores indígenas ou não; literatura de temática afro, regional, etc.) estariam usando o pronome inovador nas mesmas proporções e do mesmo modo? A literatura direcionada para o público adulto estará também contribuindo para a inserção do pronome *a gente* na escrita? Que outros gêneros estarão favorecendo a forma inovadora no âmbito da língua escrita? Deixamos essas perguntas para fomentar o espírito investigativo de outros pesquisadores que porventura tenham interesse no processo de variação dos pronomes de primeira pessoa do plural.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Luís. **A concordância verbal de segunda pessoa do singular em Pelotas e suas implicações linguísticas e sociais**. 2003. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2003.
- \_\_\_\_\_. O Paralelismo Formal reconsiderado. In: VANDRESEN, Paulino (org.). **Variação, mudança e contato linguístico no português da região sul**. Pelotas, RS: Educat, 2006. p. 15-27.
- AYALA, Walmir. **A toca da coruja**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1984.
- BORGES, Paulo R. S. **A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas**. 2004. 198 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2004.
- \_\_\_\_\_. A pessoalização do pronome a gente sob a perspectiva da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, V. 39, N. 4, p. 163-172, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Ce que parlerveutdire**. Paris, Fayard, 1982, p. 35 (ed. Br.: *A economia das trocas linguísticas – O que falar quer dizer*, São Paulo, Edusp, 1996).
- BRUSTOLIN, Ana Kelly Borba da Silva. **Itinerário do uso de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do Ensino Fundamental da Rede Pública de Florianópolis, Brasil**. 245 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2009.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAPARELLI, Sérgio. **Andrômeda**. Porto Alegre: Movimento, Instituto Estadual do Livro, 1976.
- \_\_\_\_\_. **Meg Foguete**. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- \_\_\_\_\_. **A mochila de Gobi**. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- \_\_\_\_\_. **As meninas da Praça da Alfândega**. Porto Alegre: L&PM, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Os meninos da Rua da Praia**. 30. ed. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo, SP: Contexto, 2012, v. 2. p. 141-155.
- CHAMBERS, Jack. **Sociolinguistic theory: linguistic variation and its social significance**. Cambridge: Blackwell, 1995.
- CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução**. São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda., 1999.

- CUNHA, Marcelo Carneiro Da. **Codínome Duda**. 2. ed. Porto Alegre: Projeto, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Antes que o mundo acabe**. 20. ed. Porto Alegre: Projeto, 2015.
- CUNHA, Angélica Furtado Da. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo Toscano. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo, SP: Contexto, 2012, v. 2. p. 157-176.
- DILL, Luís Augusto Campello. **A noite das esmeraldas**. Porto Alegre: Ipsis Litteris, 1997.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010.
- FILIPOUSKI, Ana Mariza Ribeiro. O gaúcho na literatura infantil. In: GONZAGA, Sergius (Org.). **Nós, os gaúchos 2**. Porto Alegre, RS: Editora Universidade/ UFRGS, 1993. p. 129-131.
- GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana Maria Stahl. **Sociolinguística quantitativa-instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- KIEFER, Charles. **Caminhando na chuva**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- \_\_\_\_\_. **Aventura no rio escuro**. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.
- LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.
- \_\_\_\_\_. **Principios del cambio lingüístico: factores internos**. Madrid: Gredos, 1996.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Um Brasil para crianças: para conhecer a literatura infantil brasileira: história, autores e textos**. São Paulo: Global, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Literatura infantil brasileira: Histórias & Histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- LEVITAN, Cláudio. **O porão misterioso**. 9. ed. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- LOREGIAN, Loremi. **Concordância verbal com pronome tu na fala do Sul do Brasil, Brasil**. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras/ Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 1996.
- \_\_\_\_\_. O percurso de *a gente* em tempo real de longa duração. In: *Para a história do português brasileiro*. **Revista Humanitas Publicações**, São Paulo, V. II, tomo I- Primeiros estudos, 2001.
- MARCHI, Diana Maria. **A literatura infantil gaúcha: uma história possível**. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS, 2000.
- MASTROBERTI, Paula. **Uma história da literatura infantil e da literatura juvenil, gaúchas e contemporâneas, se é que isso é possível**. Porto Alegre, 2015. No prelo.
- NORONHA, Diana. **Pro que der e vier**. Porto Alegre: L&PM, 1985.
- NUNES, Lygia Bojunga. **Angélica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Tchau**. Rio de Janeiro: Agir, 1985.

NUNES, Lygia Bojunga. **Corda bamba**. 21. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2001.

\_\_\_\_\_. **A casa da madrinha**. 18. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2002.

OMENA, Nelize Pires de. A referência à primeira pessoa do plural: variação ou mudança? In: PAIVA, Maria da Conceição de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (Orgs.). **Mudança Linguística em tempo real**. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa e FAPERJ, 2003. p. 63-80.

POPLACK, S. The notion of the plural in Puerto Rico Spanish: competing constraints on /s/ deletion. In: LABOV, W. (Ed.) **Locating language in time and space**. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania, 1980. p. 55-67.

SALI Tagliamonte. **Goldvarb**. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 29/12/2016.

SCLIAR, Moacyr. **Os Cavalos da República**. 2. ed. São Paulo: FTD, 1990.

\_\_\_\_\_. **O tio que flutuava**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

TARALLO, Fernando. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 1985.

TUTIKIAN, Jane. **Alê, Marcelo, Ju & Eu**. 3. ed. Porto Alegre: Ws Editor, 2004.

\_\_\_\_\_. **Um time muito especial**. 13. ed. São Paulo: Atual, 2005.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistics**. Harmondsworth, Midd, Penguin Books, 1974.

ZILLES, Ana Maria Stahl. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? **Revista Letras de Hoje**, Porto Alegre, V. 42, N. 2, p. 27-44, 2007.

\_\_\_\_\_. The development of a new pronoun: the linguistic and social embedding of a gente in Brazilian Portuguese. **Language Variation and Change**, Cambridge, v. 17, n. 1, p. 19-53, 2005.